

LAURA LUSTOSA RUBIÃO

A TRAMA DOS NOMES: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL
DA LINGUAGEM NA OBRA FREUDIANA

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de Filosofia do
Instituto Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação do Prof.
Dr. Osmyr Faria Gabbi Junior.

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação de
mestrado defendida e aprovada
pela Comissão julgadora em
31/01/96

Banca:


Prof. Dr. Osmyr Faria Gabbi Junior OK


Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani


Prof. Dr. Bento Prado Jr.

R824t

26899/BC

CAMPINAS, JANEIRO DE 1996

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE 8C
 N.º CHAMADA: UNICAMP
R824t
 V. 05/02/99
 P. 05/1/96
 C. 0 D. 1
 PREÇO 84,20
 DATA 05/02/96
 N.º CPD CM.00034603-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
 BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Rubião, Laura Lustosa

R824t A trama dos nomes: considerações sobre o papel da linguagem na obra freudiana / Laura Lustosa Rubião. -- Campinas, SP: [s.n.], 1996.

Orientador: Osmyr Faria Gabbi Jr.
 Dissertação (mestrado)-Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Psicanálise. 2. Linguagem. I. Gabbi Junior, Osmyr Faria.
 II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Este trabalho foi realizado com o auxilio de bolsa de estudos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Cientifico e Tecnológico (CNPq)

AGRADECIMENTOS

Ao Osmyr, pela orientação atenta e minuciosa.

Ao Prof. Jeferson Machado Pinto, pelo interesse e entusiasmo.

A Aparecida Montenegro, pelo estímulo, apoio e generosidade na hospitalidade

Ao Martinho, pela gentileza e bom humor.

A Clarissa Magalhães, pelo apoio e incentivo.

A Alaide Gonzalez, pelo excelente trabalho de revisão lingüística.

Ao Ivan, pela atenção e presença carinhosas.

Ad Ivan.

SUMARIO

INTRODUCAO -----	6
CAPITULO I -----	13
1.1 O estudo sobre as afasias: o aparelho de linguagem -----	16
1.2 A sugestão hipnótica -----	25
1.3 O método catártico: função evocativa da palavra -----	32
1.4 Fala e desejo - A teoria do recalçamento -----	39
Notas -----	70
CAPITULO II -----	77
2.1 As fantasias -----	79
2.2 Encobrir, revelar -----	96
3.2 O caso Signorelli -----	100
Notas -----	111
CAPITULO III -----	116
3.1 O sonho como linguagem -----	118
3.2 O trabalho do sonho -----	128
3.3 Alguns fundamentos teóricos do processo onírico -----	134
3.4 A propósito do simbolismo onírico -----	138
3.5 Édipo Rei: o princípio organizador do psiquismo -----	145

3.6 O refugio do mundo dos fenômenos -----	157
3.7 Criações léxicas cômicas e raras -----	162
3.8 Palavra e ato em psicanálise -----	170
Conclusão -----	183
Notas -----	189
Bibliografia -----	198

INTRODUÇÃO

A presente dissertação pode ser lida como uma contribuição a um campo de interesse já bastante explorado, mas, nem por isso, desgastado: aquele que propõe articulações entre o domínio da Psicanálise e o da linguagem.

A leitura da obra freudiana empreendida por LACAN (em especial a realizada durante os anos 50) traz a questão da linguagem para o centro do debate teórico-clínico nos meios psicanalíticos.(1) É inquestionável a importância dessa proposta que, além de resgatar parte do projeto freudiano, um tanto obscurecido por diversas leituras, propõe também novas referências que criam encaminhamentos, igualmente novos, para as idéias psicanalíticas.

O impacto gerado por aquilo que o próprio LACAN denominou "*o retorno a Freud*" serviu, em larga medida, para a disseminação da imagem de um FREUD lacaniano a quem faltasse "*apenas*" certos dispositivos epistemológicos básicos para que tivesse chegado, por si só, aos mesmos resultados alcançados posteriormente pelo psicanalista francês.

O fato de FREUD não se haver servido das mesmas fontes que LACAN - como, por exemplo, da lingüística estrutural de Ferdinand de SAUSSURE - para fundamentar os princípios de sua teoria, dificilmente poderia ser atribuído a um deslize ou desatenção de sua parte. Igualmente, parece-nos despropositado o argumento segundo o qual FREUD teria perdido oportunidades raras (por mera impossibilidade cronológica) de lançar nova luz sobre sua obra, pois não teve acesso, por exemplo, ao pensamento do antropólogo

francês Claude LÉVI-STRAUSS.

Essas suposições especulativas servem, quando muito, para escamotear a verdadeira filiação freudiana a tendências totalmente diversas das que vieram em auxílio de LACAN. A começar pelos mestres da Fisiologia do século XIX (HELMHOLTZ, BRUCKE, DU BOIS-REYMOND), passando pela psicologia quantitativa de HERBART ou pela filosofia de BRENTANO,(2) chegando aos ensinamentos de John STUART MILL,(3) há todo um comprometimento de Freud com o positivismo de seu tempo. Isso não quer dizer, em definitivo, que a teoria freudiana se reduza a ele próprio ou que tenha que manter-se fiel e devedora dessa influência em todos os seus desdobramentos. Ao contrário, procuramos sugerir, embora nosso trabalho não seja propriamente de cunho epistemológico e esteja centrado numa análise interna ao pensamento freudiano, que é possível depreender uma certa emancipação da mesma em relação às bases que lhe dão sustentação.

Embora muitas das considerações desenvolvidas nesta dissertação não contradigam ou até mesmo recorram, implicitamente, em certos momentos, a alguns aspectos da contribuição lacaniana à leitura de FREUD, abstermo-nos de tomar a obra de LACAN como objeto direto de análise, justamente por entender, como expusemos anteriormente, que esse autor faz um percurso muito distinto do de FREUD para estabelecer conexões entre o inconsciente e a linguagem.

Quando citarmos explicitamente a obra de LACAN será mais com o intuito de marcar as diferenças básicas existentes entre a teoria do significante elaborada por ele e as atribuições que

FREUD confere à linguagem.

Em vista do volume e abrangência do material teórico que compõem o legado deixado por LACAN, - em especial no que concerne ao tema da linguagem que perpassa toda sua obra - pautamo-nos por uma leitura seletiva, contemplando ensaios representativos de um certo período de seu pensamento (em particular os que marcaram o início da década de 50). Nossas referências a esse autor serão sempre, forçosamente, lacunares e abreviadas, uma vez que privilegiamos a obra freudiana, objeto central de nossa pesquisa.

Em função dessas restrições, abstinemo-nos de empreender uma leitura crítica que permitisse examinar com o devido cuidado os conceitos e sua articulação no interior da teoria lacaniana e, talvez, por isso, corramos o risco de abordá-los de maneira um tanto superficial.

Nosso interesse em trazer alguns pontos-chave da argumentação lacaniana sobre o significante para o interior de nosso debate, estaria guiado, basicamente, pelo propósito de mostrar como ela pode ser valiosa para solucionar impasses caros aos desdobramentos teóricos propostos por FREUD quando este se refere ao papel da linguagem.

Todavia, reconhecer o seu valor não significa pretender sobrepor-la ou encaixá-la, sem guardar as devidas proporções, no projeto freudiano. É preciso marcar, sobretudo, que, se a novidade contida na contribuição lacaniana ao domínio da Psicanálise serviu para revolucionar em larga medida o alcance de seus princípios, isso não se deve (como comumente costuma-se propagar) à lucidez impar do psicanalista francês, único discípulo capaz de ler corretamente a obra de FREUD, mas, ao

contrário, à devida dose de traição que comporta toda interpretação (que não deixa de ser também tradução). Em outras palavras, para entender a novidade inaugurada pelo pensamento de LACAN, convém encará-la como tal e, feito isso, saber diferenciá-la do empreendimento freudiano. A nosso ver o tema da linguagem pode ser abordado como um demarcador de fronteiras entre as duas obras.

Antes de passarmos à apresentação dos capítulos, julgamos necessário mais um esclarecimento quanto ao tema escolhido por nós. Não há na obra de FREUD a formulação explícita de uma teoria da linguagem. Realizamos um trabalho de construção que visa a extração, *a posteriori*, não exatamente de uma teoria freudiana da linguagem, mas de uma possível interlocução entre os fundamentos da Psicanálise e uma concepção geral de linguagem que possa servir para embasar diversos campos do conhecimento.

Optamos por circunscrever nossa pesquisa nos limites das obras freudianas referentes à primeira tópica, com o propósito de discernir qual teoria da linguagem poderia ter servido de apoio para a implantação do método e da teoria psicanalítica, no intervalo que vai da clínica da histeria, dos anos 90, até o pleno estabelecimento da noção de interpretação e sua aplicação, no início do século XX.

No primeiro capítulo, estudamos como as primeiras conclusões teóricas acerca da etiologia do sintoma neurótico passaram a determinar e a justificar o emprego de técnicas terapêuticas que, por sua vez, delimitavam a função específica a ser assumida pela fala. Nesse período, essa função baseia-se, de modo geral, numa

relação de correspondência entre nomes e um elemento da realidade identificado como causa dos sintomas. Esse elemento originário, estabelecido pela teoria, impunha-se como um alvo a ser atingido pela fala mediante o recurso da hipnose e da sugestão.

Ainda no mesmo capítulo, mostramos de que maneira os pressupostos iniciais sofrem retificações no pensamento freudiano. Para tanto, uma reformulação dos conceitos de desejo inconsciente e recalçamento mostra-se decisiva. Cada vez mais, a suposição da existência de uma realidade externa totalmente independente da linguagem torna-se improvável e difícil de sustentar.

Contudo, as bases para a elaboração do conceito psicanalítico de realidade psíquica só se concretizam, plenamente, a partir do estudo sobre as fantasias, contemplado por nós ao longo do segundo capítulo. Indicamos como a inserção desse conceito problematiza a idéia segundo a qual a linguagem cumpriria o papel de representar objetos da realidade. Apesar disso, subsiste o eterno apego freudiano à questão da origem a ser descoberta como causa das manifestações psíquicas absurdas.

O terceiro capítulo dedica-se, principalmente, ao comentário de três das principais obras freudianas do início do século, que ilustram e explicitam a especificidade da noção de interpretação para a Psicanálise, a saber, "A interpretação dos sonhos", "A psicopatologia da vida cotidiana" e "Os chistes e sua relação com o inconsciente". Procuramos assinalar os momentos, em que, no nosso modo de entender, a teoria gera, mediante seus próprios impasses, oportunidades de acolhimento para uma outra concepção de linguagem que viesse a dar sustentação à interpretação na

clínica.

Ao final do último capítulo, aproximamos a teoria freudiana dos lapsos e dos chistes, da teoria dos atos de fala de AUSTIN. Para tanto, valemo-nos da leitura do artigo de John FORRESTER , "O que o psicanalista faz com as palavras..."(1990), onde tal conexão é proposta. É oportuno advertir não ser nossa intenção promover uma aplicação da Psicanálise à filosofia da linguagem austiniana ou vice-versa, apenas procuramos refletir sobre a possibilidade de trazer para o campo da Psicanálise uma visão anti- descritivista, anti-essencialista e anti-realista da linguagem. Acreditamos que essa possibilidade traz conseqüências éticas inegáveis para a prática da Psicanálise.

NOTAS

1. LACAN, J. " Fonction et Champ de la Parole et du Langage en Psychanalyse ; "L' instance de la Lettre dans L' Inconscient". In:Écrits. Paris: Seuil, 1966.
2. ASSOUN, P-L. Introdução à Epistemologia Freudiana. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
3. Sobre a influência de John Stuart Mill no pensamento de Freud, ver: FARIA GABBI, D.F. Freud: racionalidade, sentido e referência, no prelo.

Capítulo 1

A Psicanálise, lemos em todas as biografias,(1) nasceu do encontro de FREUD com pessoas do meio médico que se interessavam por manifestações psíquicas consideradas obscuras, para as quais o aparato neurofisiológico não se aplicava muito bem ou não se aplicava de maneira alguma. Os dois nomes mais significativos desse período (1882-1890) são, como se sabe, os de BREUER e CHARCOT.

BREUER, em Viena, desperta a atenção de FREUD quando o coloca a par do tratamento de um caso - hoje clássico - de histeria. Temos seu relato mais pormenorizado no trabalho conjunto de BREUER e FREUD, os "Estudos sobre a histeria" (1893-1895). A jovem, bela e inteligente Anna O' apresentava uma série de sintomas - paralisias, contrações, tosse nervosa - os quais costumava descrever a seu médico buscando detalhar as condições de aparecimento dos mesmos. Os relatos fluíam com mais facilidade quando a paciente se encontrava em estado de auto-hipnose e, ao fim, verificava-se um alívio considerável do quadro sintomático.(2)

Esses relatos produziam alívio, pois vinham acompanhados de uma descarga afetiva. Daí surgiu o famoso método catártico de BREUER, pelo qual FREUD nutria especial interesse e também a clássica observação da própria paciente, de que estava diante de uma *"talking cure"*, cura pela conversação.(3)

CHARCOT, em Paris, ocupava-se também dos enigmas da histeria e recebeu a visita de FREUD no ano de 1885. Sugestão e hipnose eram os dispositivos técnicos empregados no tratamento dessa

neurose.

Até então, a histeria era vista pelos representantes mais sérios da classe médica como resultado da simulação e imaginação de seus portadores.(4) Fora do registro científico, permanecia como matéria de interesse místico, sobrenatural.

Segundo Ernest JONES, a introdução do problema da histeria, como fenômeno de origem psicogênica merecedor de atenção científica, deve-se principalmente aos esforços de CHARCOT. Se havia uma base neurológica desconhecida na histeria, *"os sintomas em si mesmos podiam ser tratados e abolidos apenas pelo emprego de idéias"*.(5)

O impacto causado nessa época sobre as elites da comunidade científica é facilmente imaginável: um neurofisiologista, como FREUD, que empregava seu tempo em escutar idéias e relatos de impressões psíquicas de seus pacientes hipnotizados despertava, no mínimo, desprezo. Nada tão estranho à atividade médica quanto a escuta de relatos saídos da imaginação dos doentes.

FREUD tomou essa mesma elite médica como uma interlocutora assídua de seu discurso, justificando-se, escusando-se, defendendo-se perante ela enquanto tentava discernir o campo novo de conhecimento que fundava. É assim que, anos depois, quando a Psicanálise já havia conquistado seu campo de atuação, lemos uma interessante introdução às conferências de 1916.

Depois de alertar para a possível decepção da platéia a respeito do que seria dito e assegurar o desconforto em que a colocaria, uma vez que deveria começar sua exposição pelas desvantagens e dificuldades intrínsecas ao método

psicanalítico,(6) FREUD dedica-se a mostrar as diferenças básicas entre Psicanálise e Medicina:

"Na formação médica os senhores estão habituados a ver -observa FREUD- Vêem uma preparação anatômica, o precipitado de uma reação química, a contração de um músculo como resultado da estimulação de seus nervos."
(...)"Na Psicanálise, infelizmente, tudo é diferente. Nada acontece em um tratamento psicanalítico além de um intercâmbio de palavras entre o analisado e o médico."(7)

A prática do ver cede lugar à do ouvir e o alto valor que possuem as palavras para a Psicanálise é sustentado por FREUD, ainda que isso lhe custasse o desdém da platéia, fundamentalmente composta por médicos.

Esse pequeno desvio mostra que o preconceito de outrora (período das descobertas de BREUER e CHARCOT) ronda, como um fantasma, todo o trabalho freudiano posterior. Na divisa entre a legitimidade demonstrativa da ciência e as especulações obscuras relegadas às práticas religiosas, interpuseram-se as conversações de Bertha Pappenheim (Anna O), a apresentação de histéricas realizadas por CHARCOT e casos que FREUD se dispôs a escutar.

É por lidar com palavras e não com fenômenos orgânicos tangíveis diretamente pela visão que a Psicanálise inaugura um campo novo de acesso aos mecanismos psíquicos.

Pretendemos abordar, ao longo deste capítulo, a função terapêutica atribuída à palavra nos primórdios da Psicanálise e, se possível, mostrar que essa função vincula-se a uma determinada

concepção de linguagem adotada por FREUD.

1.1 O estudo sobre as afasias: o aparelho de linguagem

Antes de nos ocuparmos do nascimento da clínica psicanalítica, que privilegiou, desde o início, a escuta do discurso de seus pacientes e, portanto, o registro da palavra falada, em prejuízo do olhar objetivo da Medicina, tomemos a obra de 1891 "Contribuição à concepção das afasias", primeira manifestação significativa do interesse freudiano pelo tema da linguagem.

Sabe-se que aí domina o cenário da Neuroanatomia do final do século XIX, pano de fundo de sua elaboração. Sabe-se também da decisão de seu autor em excluí-lo dos escritos ditos psicanalíticos, por esse mesmo motivo. A minuciosa discussão travada no prefácio da edição francesa por Roland KUHN(8) levanta questões pertinentes no tocante a essa proscrição de FREUD. Caberia certamente perguntar, como ele o faz, o motivo pelo qual FREUD reduz a obra sobre as afasias ao domínio estrito da Neurologia, já que se trata de criticar com veemência argumentos sólidos no quadro dessa ciência. Podemos inferir outras questões adjacentes: ela pertenceria exclusivamente ao campo da Neuroanatomia, ou também ao domínio da Psicanálise? Até que ponto suas teses continuam a vigorar no contexto posterior das obras de seu autor? Não estaria aí semeado o terreno de onde nasceriam algumas proposições propriamente psicanalíticas? A partir de seu estudo, pretendemos lançar luz sobre essas questões.

A crítica construída por FREUD dirige-se ao que ficou conhecido na Neurologia como *"teoria localizadora da linguagem"*. Acreditava-se poder circunscrever os diversos tipos de afasia numa relação de causalidade mecânica com lesões de centros específicos da linguagem. A cada distúrbio corresponderia uma lesão num determinado centro anatómico. O autor não descarta a existência de lesões e centros, mas destaca o fator funcional como causa fundamental dos distúrbios afásicos.

O resultado das pesquisas de BROCA(1861) permitira detectar a existência de um dos centros da linguagem, o centro motor da fala. WERNICKE, dando continuidade a esse trabalho, distingue o centro sensorial, pólo acústico da linguagem. Segundo esse autor, das lesões em cada um desses centros decorriam afasias centrais, enquanto cabia conceber um terceiro tipo de afasia, caracterizada pela interrupção das ligações entre os centros: afasias de condução.

Uma lesão no centro sensorial acarretaria a perda de compreensão dos sons articulados, enquanto uma que atingisse o centro motor deveria resultar em prejuízo da capacidade de produção da linguagem articulada. Nas afasias de condução ou parafasias, toda a compreensão e articulação verbais permaneciam intactas, mas observava-se o mau uso da linguagem com *"confusão de palavras e incerteza quanto ao seu emprego"*.(9)

O método de refutação de FREUD consiste em comparar o que está previsto na teoria e o que, de fato, autorizam as análises clínicas.

O primeiro ponto a ser contestado nas teses de WERNICKE diz respeito às considerações feitas sobre as afasias de condução. As

análises clínicas demonstravam que mediante a interrupção da via de ligação entre dois centros, a consequência era perda da capacidade de repetir sons articulados e não parafasia (confusão entre palavras), como supunha o autor. Uma vez rompida uma via de ligação entre imagens acústicas e imagem motora da fala, certamente a imitação e a fala articulada deveriam ficar comprometidas.

A rigor, segundo FREUD, as afasias de condução, tal como descritas por WERNICKE, não existem. Seus sintomas deveriam ser estudados com base em outros argumentos, tais como: fadiga, atenção dividida, influência de afetos perturbadores.(10) Vale lembrar o emprego, por FREUD, anos mais tarde, na segunda parte do "Projeto de uma psicologia científica", de expressão muito similar, quando nos fala da "*perturbação do pensamento pelo afeto*"(11). Trata-se, aí, da análise do discurso histérico, cujo caráter absurdo poderia ser explicado por um emprego indevido dos afetos em relação às representações.

Mais adiante, ao comentar as parafasias, o autor observa que, nesses casos, uma palavra adequada é substituída por uma menos adequada, mas que mantém uma certa relação com a palavra justa:

" existe parafasia quando aquele que fala utiliza as palavras umas pelas outras as quais são semelhantes pelo sentido ou ligadas por freqüentes associações,(...) ou ainda quando se confundem palavras de sonoridade semelhante".(12)

Não reconhecemos aí uma referência aos mecanismos de condensação e deslocamento descritos, anos mais tarde, como constituintes do trabalho do sonho (TRAUMARBEIT)?

A pesquisa freudiana leva à conclusão de que não é possível pensar em centros anatómicos autônomos e independentes do funcionamento geral do aparelho. Uma lesão central deve afetar as vias de conexão com outros centros, responsáveis pelo funcionamento normal da linguagem.(13)

Essa visão de conjunto, em que a alteração de um termo dentro de um sistema altera simultaneamente os outros nele envolvidos, marca a oposição de FREUD a uma concepção elementarista da linguagem, que pretenderia uma correspondência mecânica entre unidades anatómicas e funções elementares da atividade lingüística.

Joel BIRMAN(14) chega a propor a expressão "*lógica holista*" para caracterizar a postura de FREUD, enquanto GABBI JR. afirma que, de certa maneira, o autor teria adotado um ponto de vista mais "*estruturalista*".(15)

FREUD faz, ainda, restrições aos pontos de vista de um outro autor, partidário da teoria dos centros de linguagem, LICHTHEIM, seguidor de WERNICKE. Este postulava a independência funcional do centro motor da fala, chegando a criar um outro tipo de afasia: afasia transcortical motora. FREUD acredita que só haja uma via ligando os centros motor e sensorial, o que marca uma interdependência entre os dois.

Uma outra discussão levada a termo nessa obra merece ser abordada, uma vez que traz em seu bojo um problema essencial para

a Psicanálise: as relações entre linguagem e corpo.

Desta vez, é a autoridade de MEYNERT que é contestada.(16) Segundo esse autor, o córtex cerebral seria uma espécie de espelho refletor de todas as impressões sensoriais. O corpo reproduzir-se-ia ponto a ponto no córtex, por meio de um mecanismo de projeção. A demarcação topográfica absoluta de todas as impressões corporais no cérebro é posta em questão por FREUD. Ao conceito de projeção, ele prefere o de representação e à correspondência pontual, uma maneira de representação *"menos detalhada por fibras selecionadas"*.(17) Mais adiante, lemos:

"Nós só podemos concluir que as fibras, chegando ao córtex após terem passado pela substância cinzenta, conservam ainda uma relação com a periferia do corpo, mas não são mais capazes de fornecer uma imagem topograficamente semelhante. Elas contêm a periferia do corpo como um poema contém o alfabeto".(18)

A originalidade da proposta freudiana consiste em formular um aparelho complexo, em que vigoram múltiplas possibilidades associativas que asseguram o poder criativo da linguagem. A idéia de que as representações devam constituir a cópia exata do corpo ou a tradução pontual de impressões corporais, como queria MEYNERT, fica largamente abalada.

A teoria desse autor estava pautada no modelo da unicidade do sujeito, uma vez que introduzia a noção de ego como sendo uma projeção do corpo no cérebro.(19) Sobre esse aspecto, John FORRESTER nota que, na interpretação freudiana, não se conserva a

idéia de uma síntese do eu ou da personalidade, pressupostos que teriam inspirado a doutrina de Pierre JANET. No contexto das afasias, teria sido proposta uma unidade, mas somente na esfera da linguagem e não do ser.(20) Nem tampouco poder-se-ia pensar no ideal de um sujeito transcendental, tal como introduzido pela filosofia Kantiana.

FREUD contesta ainda a pretensão de MEYNERT em separar representações (contidas uma a uma nas células dos centros corticais) e associações. Ele sugere que ambas façam parte de um mesmo processo, de tal forma que o ato de perceber já envolve, simultaneamente, uma associação.

A metáfora do poema e do alfabeto aplica-se ao conceito de representação introduzido em "Contribuição à concepção das afasias" e reutilizado por FREUD em diversos momentos de sua obra.(21)

De um lado temos a representação de palavra, constituída por elementos acústicos, motores(fala/escrita), cinestésicos; de outro, a representação de objeto, igualmente fragmentada em representações visuais, táteis e acústicas.(22)

A representação de palavra constitui um sistema fechado, restrito, tal como, poder-se-ia dizer, as letras de um alfabeto, ou o código lingüístico disponível e previsto por uma determinada língua. A representação de objeto, por seu turno, pertence a um sistema aberto,(23) onde prospera um processo combinatório, responsável pela impossibilidade de fixar definitivamente o objeto, o que permite pensar na imagem do poema ou da criação poética, abertas sempre a múltiplas interpretações.

No início da obra, quando criticava as teses de WERNICKE,

FREUD já havia concluído que todas as afasias são afasias de condução,(24) ou seja, são disfunções relativas às associações entre representações.

O autor sugere, então, a existência de três tipos de afasias:

1. afasias verbais: perturbação entre os elementos da representação de palavra.

2. afasias assimbólicas: perturbação entre as representações de palavra e as representações de objeto.

3. afasias agnósicas: perda da capacidade de reconhecer objetos.

O discurso afásico, na medida em que abole determinadas conexões, surge como fragmentário e sem sentido. O patológico, para FREUD, advém de uma espécie de adulteração do funcionamento normal da linguagem. Os planos afetados em cada uma das categorias afásicas coincidem com etapas do aprendizado da linguagem e constituem seu próprio modo de funcionamento.

Entre esses planos ou registros da linguagem, o autor estabelece uma relação hierárquica na qual o elemento acústico é preponderante. Todos os outros estão subordinados a ele, de maneira que a aquisição da linguagem só pode efetuar-se a partir das associações entre imagens acústicas. Permanece, pois, privilegiado o campo da palavra falada e ouvida, o campo do discurso e da associação, o qual marcará definitivamente a clínica da Psicanálise.

Com esse breve comentário sobre o pequeno livro de 1891, pensamos haver respondido suficientemente às questões levantadas

no início do capítulo. O aparelho de linguagem formulado por FREUD encontra ressonâncias fundamentais no desenrolar de sua obra, ainda que aqui ele se mantenha fiel ao discurso neurológico e às diretrizes impostas pelo modelo neurofisiológico a que se refere.

Digamos que o estudo sobre as afasias tenha preparado o terreno para o surgimento de novos modelos criados para explicar o funcionamento psíquico.

A concepção freudiana do termo "*representação*" surge, com todo o seu vigor, nessa obra fundamental. O ato de representar envolve uma associação e, portanto, é incompatível com a idéia de uma situação perceptual inicial onde os elementos estariam dissociados. A representação-coisa ou a representação-objeto não são similares das coisas ou objetos materiais; são sempre abertas e sujeitas a um exercício associativo permanente.

Em 1893 FREUD escreve um artigo intitulado "Alguns pontos para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas",⁽²⁵⁾ em que retoma algumas teses defendidas na obra sobre as afasias. A observação clínica das paralisias presentes na histeria havia detectado traços diferenciais em relação às paralisias cerebrais orgânicas. Um dos contrastes mais nítidos entre as duas seria o fato de que, na histeria, a paralisia ocorria com intensidade excessiva sobre uma área perfeitamente delimitada do corpo que não podia ser explicada do ponto de vista anatômico, pois, em geral, um braço paralisado em decorrência de lesão orgânica acarretava a paralisção concomitante da face e da perna.⁽²⁶⁾

FREUD pretende mostrar a total insubmissão dos sintomas

histéricos às leis anatômicas : *"a histeria comporta-se em suas paralisias e outras manifestações como se a anatomia não existisse ou como se não tivesse conhecimento algum dela".*(27)

Para lançar alguma luz sobre o procedimento histérico no tocante às paralisias, FREUD se permite passar ao terreno da Psicologia, a fim de discutir a questão não mais em termos de distúrbios orgânicos localizados, mas no plano das alterações funcionais, o que já havia feito no estudo sobre as afasias.

A influência dos trabalhos de BREUER e CHARCOT contribuíra para a elaboração da tese segundo a qual toda impressão psíquica era acompanhada de uma quota de afeto a ser eliminada por uma reação motora qualquer ou pela atividade psíquica de associação (pensamento). Quando a eliminação deixava de ocorrer, a representação (em geral de uma parte do corpo) ausentava-se do plano psíquico consciente, para dar lugar a uma afecção corporal, o sintoma histérico. Tudo acontecia como se determinada concepção de braço ou de perna, dada pelo uso da linguagem, estivesse perturbada nos casos de histeria por ação de uma experiência traumática qualquer, a ponto de impedir a liberação normal do afeto: *"A lesão seria então a abolição da acessibilidade associativa da concepção de braço".*(28)

O caráter absurdo da fala dos afásicos não pode deixar de ser correlacionado à escuta clínica da histeria dos primórdios da Psicanálise. Também o ponto de partida para o estudo da histeria teria sido uma análise discursiva do tipo da que aparece no texto das afasias: um não-sentido, uma falha, uma lacuna, que , entretanto, não devem ser reportados a efeitos de

degenerescência ou lesão meramente orgânica. No artigo sobre as paralisias histéricas, FREUD usa a expressão "*lesão da representação*", imagem sugestiva e, provavelmente, precursora da noção posterior de recalçamento. O discurso lacunar despropositado dos afásicos podia ser aproximado das manifestações histéricas que, embora incidissem sobre o corpo, estavam subordinadas ao processo dinâmico-funcional da atividade associativa das representações.

GABBI JR.(29) propõe uma comparação interessante entre a histeria e a afasia assimbólica, na qual a relação entre uma representação de objeto (concepção de uma parte do corpo) e uma representação de palavra encontra-se perturbada. O alvo da investigação freudiana estaria dirigido para as relações entre palavras e coisas e não para aquelas estabelecidas no domínio das representações de palavra (afasia verbal).

Resta salientar que o estudo da neurose histérica apóia-se, portanto, no aspecto denotativo dos nomes (ou seja, na sua capacidade de apontar para um conjunto de sensações), prevendo, entretanto, um fator de causalidade universal, notadamente a noção de trauma.

1.2 A sugestão hipnótica

A utilização da técnica da sugestão hipnótica empreendida por FREUD acaba por proporcionar-lhe um avanço em relação às teses defendidas por seus contemporâneos partidários dessa mesma técnica. O discurso histérico passa a ser acolhido com mais

seriedade na medida em que se começa a acreditar numa historicização do sintoma e na existência de leis próprias que agem na base de sua constituição.

A época do envolvimento de FREUD com a hipnose, três teorias principais abordavam diferentemente os fenômenos a ela relacionados.(30) A já decadente teoria de MESMER que defendia a existência de um fluido transmitido do hipnotizador para o hipnotizado durante o ato de hipnotizar, as recentes descobertas realizadas por CHARCOT na Salpêtrière e a teoria da sugestão criada por LIÉBAULT e seus colaboradores em Nancy.

Somente as duas últimas nos interessam, uma vez que influenciaram singularmente o trabalho clínico inicial de FREUD.

Os artigos desse autor dedicados à técnica da hipnose(1888-1892), bem como a introdução do editor inglês que os precede, orientam-nos em relação à posição adotada pelo jovem médico frente às duas tendências antagônicas no trato da hipnose: a escola de Paris (CHARCOT) e a escola de Nancy (BERNHEIM).

O que se pode depreender é a atitude visivelmente ambivalente de FREUD que ora adería aos postulados de CHARCOT por quem nutria admiração especial, ora compartilhava das teses de BERNHEIM, discípulo de LIÉBAULT em Nancy. Vejamos, antes, de que tratava essa controvérsia.

Os próprios escritos freudianos desse período(31) indicam os pontos de atrito entre as duas escolas. A teoria charcotiana defendia a base somática do hipnotismo, desprezava a influência das idéias expressas pelo hipnotizador e tomava o fenômeno hipnótico como *"um estado do sistema nervoso fisiologicamente alterado por estímulos externos"*.(32) Os integrantes da escola de

Nancy acreditavam que a hipnose não passava de um produto da sugestão, da influência exercida pelo médico sobre o cliente. As manifestações hipnóides eram puramente psíquicas e tudo (fenômenos subjetivos e objetivos ligados ao funcionamento do sistema nervoso) podia ser alterado, produzido ou influenciado de alguma maneira pela prática da sugestão.(33)

Em linhas gerais, no hipnotismo, tratava-se de induzir, por meio de palavras ou técnicas de concentração, um estado hipnóide análogo ao sono normal, a partir do qual se estabeleciam condições somáticas ou psíquicas favoráveis à influência do hipnotizador.

Tais influências veiculavam-se, em geral, por meio de palavras. Palavras inspiradas na autoridade do médico, como assinala FREUD no seu comentário à obra de August FOREL.(34) Os esforços, uma vez atingido o estado de sonambulismo, voltavam-se principalmente para a remoção de sintomas, por intermédio da palavra autoritária, convicta e positiva do médico.

Ao responder, como de costume, às inúmeras críticas proferidas pelos adversários do hipnotismo, FREUD, nessa mesma resenha, faz uma observação interessante. Vinham-lhe objetar que a prática da hipnose era nociva em especial por difundir a alienação dos clientes, destituídos de sua autonomia de pensamento e expressão. FREUD diz-se, com bastante ironia, espantado, pois as autoridades que então defendiam o livre-arbítrio dos pacientes eram as mesmas habituadas a nocauteá-los com excessivas doses de "*brometos, morfina e hidrato cloral*".(35)

Optava-se, então, com a sugestão hipnótica, por uma

influência psíquica no lugar de uma influência tóxica. Ambas alienantes, a primeira, inócua à saúde do sujeito, não contava com o aval da ciência, firmemente pautada nos pressupostos do mecanicismo e do fisicalismo; a segunda, apesar de comprometer a integridade física dos pacientes, e não se mostrar eficaz no tratamento de perturbações nervosas como a histeria, aplicava-se aos moldes cientificistas de então.

De fato, o uso da palavra nos tratamentos da histeria dessa época servia a um fim alienante. O médico, ainda que impulsionado pelo desejo de cura que acreditava reduzir-se ao poder afirmativo de suas palavras, ainda que dotado das melhores intenções e de escrúpulos indiscutíveis, acabava por incutir todo tipo de decisões, crenças e juízos nas mentes vulneráveis de seus clientes. Entretanto, a experiência daqueles com quem FREUD colaborava mostrava, surpreendentemente, a eficácia clínica daquilo a que ele chamou de uma "*contra-idéia*".(36)

Veremos, no decorrer desta dissertação, que a questão da alienação ou não do sujeito na Psicanálise é mais complexa. Com o abandono da hipnose, não se trabalhará no plano do livre-arbítrio dos pacientes. A palavra despótica do hipnotizador não dará lugar à palavra livre e autônoma, orientada pela vontade do falante.

Já dissemos que FREUD costumava oscilar seu ponto de vista frente às opiniões de CHARCOT e BERNHEIM. No prefácio da tradução do livro deste último, a ambigüidade é inequívoca.(37)

O que parecia haver de mais suspeito na tese defendida por BERNHEIM em "*De Suggestion*", segundo FREUD, era o fato de se supor os fenômenos histéricos como meros produtos da sugestão.

Ora, essa crença significava negar a existência de leis próprias, responsáveis pela formação dos sintomas. Qualquer médico poderia, via sugestão, induzir a expressão da mais variada sintomatologia.(38) Os sintomas seriam criados ou dissipados de maneira capótica, desgovernada, dado que cada novo médico que se ocupasse de um caso poderia fazê-lo de maneira diferente, mediante suas sugestões.

O autor menciona os estudos de CHARCOT, a fim de salientar a base fisiológica de alguns sintomas histéricos; mesmo os estados hipnóides mostravam-se, por vezes, independentes da sugestão médica para se estabelecerem .(39) Contudo, reconhecer o sentido somático da histeria não implicava a deposição dos fatores psíquicos aí atuantes.

A melhor saída seria levar em conta ambos os fatores constituintes do hipnotismo: fenômenos psíquicos e fisiológicos. O essencial, acentua FREUD, seria buscar um elo de ligação entre os dois, de maneira a evidenciar uma ação mútua, na medida em que: *"Não possuímos critério algum que permita separar com exatidão um processo psíquico de um fisiológico, um ato que ocorre no córtex cerebral de um que ocorre na substância subcortical".*(40)

Paralelamente a seu envolvimento com a hipnose e com a sugestão, FREUD desenvolvia trabalhos em parceria com Joseph BREUER, que deram origem ao importante e reconhecido método catártico.

A catarse era o efeito de descarga que se produzia quando a uma palavra (representante psíquico) unia-se um determinado

afeto, originalmente ligado a ela e que, devido a circunstâncias especiais, não se havia liberado oportunamente à época da primeira ocorrência da representação. Esse processo efetuava-se, e esse é o ponto mais interessante, quando o paciente buscava recordar-se das circunstâncias em que surgiram os sintomas pela primeira vez.

O afeto, uma vez inibido em seu destino normal (descarga), reúne-se à recordação de uma representação proferida na análise. Não estaria FREUD, pelo uso desse método, fazendo valer sua advertência de que na hipnose estavam presentes, simultaneamente, aspectos somáticos e psíquicos? E esse procedimento não lhe permitiria articular esses dois elementos, ao admitir uma interação entre eles? Certamente o método catártico fornecia uma saída para tais questões.

A originalidade freudiana já se fazia sentir na medida em que não mais se deveria situar nos limites de uma técnica puramente experimental, onde uma estimulação (verbal ou sensorial) fazia desaparecer, como que por encanto, os sintomas histéricos. Os sintomas formavam-se em concordância com o contexto histórico da vida dos pacientes, não surgiam do nada, eram regidos por leis. A palavra do médico permanecia igualmente imperativa, pois supunha uma origem precisa para o aparecimento dos sintomas, uma origem calcada na ocorrência de um trauma que justificava a retenção do afeto. Uma palavra diretiva, digamos, mas que dependia, no trabalho clínico, da fala do cliente.

O verbete intitulado "Histeria" (1888) traz uma apresentação detalhada dessa neurose. Ai estão reunidos, de maneira condensada, os aspectos nosológicos, os recursos técnicos, as

hipóteses teóricas vigentes. Lançando mão de toda a literatura disponível e acrescentando dados de sua própria experiência clínica, FREUD mostra que já se havia apropriado da contribuição de seus contemporâneos para avançar um pouco em relação a ela.

A linha desse trabalho é visivelmente charcotiana. Em um esforço classificatório, FREUD levanta a sintomatologia histérica, claramente independente de lesões orgânicas e, muito freqüentemente, insensível a intervenções narcóticas. As perturbações histéricas poderiam ser definidas como sendo um exagero de reações fisiológicas,(41) causadas por um excesso de excitação no sistema nervoso.(42)

É atribuído à hereditariedade um papel essencial na etiologia da neurose, e o trauma surge entre as causas acidentais secundárias. Essa noção tem ainda um sentido bem diverso do que será adotado posteriormente por FREUD e refere-se à violência, a um impacto físico.

As técnicas aplicadas no tratamento são as mais diversas: hidroterapia, sonoterapia, ginástica, estimulação sensorial (CHARCOT) sob hipnose e sugestão hipnótica (BERNHEIM).(43)

Todavia, ao fim do verbete, numa referência ainda tímida, FREUD cita o nome de BREUER e considera seu método como sendo o mais adequado ao tratamento da histeria, pois levava em conta a "*pré-história psíquica da doença.*" (44)

Podemos citar ainda outro pequeno verbete intitulado "Hipnose", escrito alguns anos mais tarde (1891), no qual novamente se encontra uma referência discreta, mas relevante, ao método catártico.(45)

1.3 O método catártico: função evocativa da palavra

O método catártico é apresentado de forma minuciosa na "Comunicação Preliminar", escrita conjuntamente por BREUER e FREUD como introdução aos "Estudos sobre a histeria"(1893-1895). A hipótese central era a de que, na origem do sintoma histérico, podia-se detectar a ocorrência de "*traumas psíquicos que não foram removidos por via de reação (...) ou mediante processamento associativo*".(46)

Uma emoção permanecia, dessa maneira, "*estrangulada*"(47), não sofrendo ab-reação por meio de expressão motora ou ligação associativa (ligação psíquica). A representação não sofria o desgaste adequado e o afeto permanecia vinculado indiretamente a ela. No lugar da inserção no curso da cadeia associativa normal, surgiam sintomas como expressões simbólicas das lembranças.

O trabalho empreendido na análise permitia o acesso mnêmico às cenas traumáticas, religando o afeto à sua representação correspondente e viabilizando o efeito catártico de alívio da tensão intrapsíquica. Dar ao afeto palavras, tal era o preceito básico do trabalho clínico incipiente que se desenvolvia com pacientes histéricos. Na expressão de FREUD & BREUER:

"... os sintomas histéricos singulares desapareciam em seguida, e sem retornar, quando se conseguia despertar com plena luminosidade a recordação do processo ocasionador, convocando ao mesmo tempo o afeto

correspondente e quando logo o paciente descrevia esse processo da maneira mais detalhada possível, expressando o afeto em palavras".(48)

A palavra, nesse contexto, ao lado dos reflexos motores, cumpre a função de descarga para uma excitação motora e instala-se no plano de uma reação adequada ao evento traumático.

Trata-se, portanto, de uma "reação específica", termo mencionado no Rascunho B da correspondência a FLIESS, onde se discute a etiologia da melancolia. Essa reação enquadra-se no modelo do arco-reflexo e refere-se à descarga de tensão sexual por meio da proximidade do objeto sexual.(49) Lembremos que aqui se trata de uma sexualidade ainda muito comprometida com a genitalidade e que o ato sexual possui esse caráter salutar enquanto fornecedor de uma descarga apropriada para o acúmulo de tensão, descarga geradora de prazer.

A palavra, concebida a partir da hipótese catártica, participa de um mecanismo similar ao descrito acima. É um substituto da ação,(50) entendida como reação.

Só uma leitura extremamente limitada far-nos-ia identificar a função da linguagem com essa reação. Se consultarmos um artigo contemporâneo(51) ao trabalho conjunto com BREUER, veremos a mesma relação estabelecida por FREUD entre palavra e ação, e não será difícil perceber o avanço que ela comporta no que diz respeito ao esquema do arco-reflexo.

FREUD refere-se ao cientista inglês Hughlings JACKSON:

" A reação mais adequada é sempre uma tomada de atitude. Mas como observou espirituosamente um escritor inglês o homem que, pela primeira vez, revidou a seu inimigo com uma ofensa em lugar de uma lança foi o fundador da civilização".(52)

A linguagem é, assim, situada na origem da civilização, como substituta de uma ação reativa espontânea e automática. Ainda que permaneça válida, no plano do princípio da constância, a função motora de descarga da fala, vemos que, enquanto linguagem humana, a essa função acrescenta-se algo mais. A correspondência reflexa entre um estímulo excitante (qualquer que seja ele) e uma palavra adequada deixa de ser operante. De quantos insultos dispomos para traduzir o arremesso da lança? Existe uma tradução exata que possa fazer equivaler a reação e seu correspondente verbal?

O que nos autoriza a pensar a linguagem como operação fundante da cultura humana, no que ela se diferencia da natureza - e essa é a expressão maior da citação escolhida por FREUD - é justamente a função de reportar-se e colocar-se no lugar de um conjunto de sensações corporais.

No "Projeto de uma psicologia científica"(1895), temos a mesma relação da linguagem com o nascimento da moralidade humana. Discutiremos a passagem mais adiante, quando estivermos tratando especificamente dessa obra.

A função catártica da palavra expressava-se em meio ao trabalho rememorativo que visava evocar uma cena ocorrida no passado, em torno da qual se haviam formado os sintomas histéricos.

A cena traumática a ser recuperada pela rememoração é definida nos escritos iniciais de FREUD de maneira um tanto vaga. O trauma é, a princípio, tudo que do exterior irrompe com violência e abala a estrutura afetiva do sujeito. Um acidente, um susto violento, um impacto inesperado, todos esses eventos poderiam constituir uma experiência traumática, desde que faltasse uma reação adequada. A definição inicial de trauma deriva da pesquisa charcotiana que relacionava o trauma mecânico, muitas vezes ocasionado por acidentes de trabalho ou ferroviários, com o advento da industrialização, incrementado na segunda metade do século XIX.(53)

Aos poucos a noção de trauma é aprimorada e complexificada. Em 1894, o trauma é relacionado à esfera sexual da vida dos neuróticos.(54) Acontecimentos diversos, intensificadores de afetos dolorosos (vergonha, nojo), em geral relacionados com a sexualidade, confrontavam o eu com "*representações incompatíveis*" das quais ele tratava de livrar-se pelo esquecimento. Os sintomas (materializados em conversões somáticas ou em representações obsedantes) ganham o estatuto de "*símbolo de memória*",(55) na medida em que surgem no lugar do material psíquico esquecido e retêm toda a quantidade original de afeto.

Em oposição a BREUER, que acreditava na existência de estados especiais de consciência, ditos hipnóides, propícios à ocorrência traumática, FREUD introduz a noção de histeria de defesa e tende a convergir os fatores etiológicos dessa neurose para a esfera da sexualidade.

Começa a destacar-se na investigação freudiana o aspecto

simbólico das intrigantes manifestações neuróticas. O sintoma começa a ser concebido como portador de fragmentos da história psíquica do sujeito, pois apropria-se de representações ou partes do corpo que possuem alguma conexão com o evento aflitivo expulso da consciência. Se os sintomas desafiam tanto o funcionamento do corpo biológico (como havia sido discutido no comentário sobre as paralisias histéricas), quanto as convenções sociais da vida comum, podem, no entanto, passar por um trabalho de retificação que possibilita a captura da lembrança traumática agora vinculada a experiências sexuais de caráter desagradável.

A fala na análise é, pois, acolhida a partir de uma teoria da memória e do recalçamento da lembrança de momentos específicos da vida do neurótico. Assim, o método catártico, centrado na verbalização seguida de descarga afetiva, reservava à fala uma função de captura, de recobrimento de sensações vivenciadas: *"Os pacientes histéricos sofrem de traumas psíquicos incompletamente ab-reagidos"*(56).

As novas elaborações teóricas propostas em 1894 no artigo "As neuropsicoses de defesa" dotaram a prática da hipnose de um novo fôlego, pois, uma vez conhecido o núcleo desencadeante dos transtornos psíquicos, tornava-se mais fácil direcionar a fala dos pacientes, sempre na mira de uma descrição detalhada de acontecimentos traumáticos originários.

O enigma da origem não cessa de interpelar o trabalho freudiano e, aos poucos, adquire contornos muito definidos, mediante uma decifração obstinada feita a partir da conjugação de conquistas clínicas e teóricas. O que, inicialmente, era situado

de modo vago no domínio da vida sexual do sujeito, passa a ser circunscrito aos moldes de uma cena específica, cujas características repetiam-se no relato das histéricas. No Rascunho H da correspondência a FLIESS, escrito no início de 1895,(57) encontramos o relato de um caso de paranóia em que as recordações culminavam em um episódio de sedução explícita, identificado por FREUD como fator desencadeante da doença. O caso clínico da paciente Katharina já havia fornecido material semelhante, e o capítulo sobre a técnica escrito por FREUD nos "Estudos sobre a histeria" é fartamente ilustrado com exemplos referentes aos efeitos patológicos da cena de sedução, que, em geral, após esforços hipnóticos, podiam retornar à consciência, desfazendo as formações sintomáticas.

Falar é, nesse período, em última instância, oferecer-se a um trabalho de rememoração que se destina a recuperar a cena traumática ou cena de sedução. É portar-se à espreita do momento de revivescência dessa cena e de sua conseqüente ab-reação. A evocação de um afeto dependia da descrição detalhada e vívida do episódio traumático.

Se na obra sobre as afasias a imagem acústica teria assumido a função de um universal para fundamentar uma teoria a respeito desses distúrbios da fala, no contexto do trabalho sobre a histeria, a cena de sedução passa a ser o universal, dado que se buscava, a essa época, desvelar, por intermédio da fala, uma referência original perdida, que pudesse ser recuperada pela memória e que se apresentava como uma cena. Nossa dissertação visa esclarecer, nos escritos freudianos, a relação entre as palavras e o originário. Poderíamos antecipar-nos, com relação a

esse ponto, levantando duas hipóteses divergentes a serem estudadas aqui:

1- ou bem o próprio sistema da linguagem é constitutivo do sujeito do inconsciente e, nesse caso, teríamos que precisar o tipo de relação possível de ser feita entre esses dois campos (o da linguagem e o do inconsciente);

2- ou bem a linguagem permaneceria como instrumento de captação ou de denotação de uma realidade que lhe é exterior e está contida no inconsciente.

Até o presente momento, pudemos mostrar de que maneira o rumo tomado pelas pesquisas iniciais de FREUD aponta no sentido de privilegiar a segunda perspectiva. Enquanto, do lado da teoria, tentava-se cristalizar um fundamento universal determinante da patologia neurótica (sedução), do lado da prática clínica, procurava-se direcionar a fala dos pacientes a partir de uma pergunta sobre a origem do sintoma, na tentativa de apreender as condições de aparecimento do mesmo.

Caberia salientar que a primeira dessas hipóteses foi acolhida e formalizada por Jacques LACAN, em concordância com a tese geral, segundo a qual, a linguagem seria condição do inconsciente. Teremos oportunidades de mostrar, no decorrer de nosso estudo, como essa proposição teórica poderia apontar saídas para o dilema da origem sempre presente na obra freudiana.

Na relação hipnótica ocorre o que FREUD, anos mais tarde, reconhece como sendo "*uma entrega enamorada irrestrita*", (58) uma relação, portanto, nutrida pelo ideal de coincidência amorosa no qual as palavras do hipnotizador acolhem o poder mágico que lhe é

atribuído pelo paciente. Na catarse, seu corolário técnico, o efeito mágico das palavras se faz presente pela purgação evocativa do afeto, pela via da rememoração, combinada à descrição da cena primordial. Na hipnose, a linguagem estaria, portanto, comandada pela vertente da alienação amorosa. Passemos para a investigação, ainda no contexto da teoria da sedução, das relações entre fala, desejo e recalque .

1.4 Fala e desejo - A teoria do recalque

A parte conclusiva dos "Estudos sobre a histeria", redigida por FREUD e intitulada "A psicoterapia da histeria"(1895), representa o primeiro grande passo dado por esse autor em relação aos pressupostos teóricos de outros autores no tocante à etiologia das neuroses.

Para além da concepção de PIERRE JANET sobre a divisão (*splitting*) inata da consciência nos histéricos e da hipótese de BREUER sobre os "*estados hipnóides*", FREUD dispõe-se a desdobrar a noção de histeria de defesa, já por ele enunciada em 1894. No lugar do "*não poder saber*" preconizado por esses autores, que se apegavam a pressupostos fisiológicos para explicar os fenômenos histéricos, a hipótese freudiana apostava em um "*não querer saber*" peculiar aos neuróticos. Assim ele se expressa: "*O não saber do paciente histérico era de fato um não querer saber*".(59)

O processo de defesa neurótica, em vias de elaboração no pensamento de FREUD, seria responsável pela formação de grupos psíquicos separados da consciência normal por meio de um "*ato de vontade*" do eu que tende a livrar-se de representações

desagradáveis, geradoras de conflito. Poderíamos lembrar os exemplos dos casos clínicos de Elisabeth Von R. e Miss Lucy. No primeiro, o fio das associações desembocou em um constrangedor envolvimento amoroso com o cunhado e, no segundo, em uma inclinação amorosa pelo patrão.(60) Em ambos, a carga afetiva dessas representações havia-se deslocado para representações sintomáticas, em função de um conflito de ordem moral, diante do qual o eu havia optado pela defesa e pelo esquecimento. Já no caso Katharina, FREUD atribui o isolamento da representação patogênica à ignorância do eu, (61) incapaz de elaborar experiências de ordem sexual por ter sido confrontado a elas cedo demais, num momento em que o corpo era ainda desprovido de sexualidade. A análise do caso revela o estabelecimento do trauma em dois tempos: o momento da ocorrência da cena, a princípio inócuo, e o momento de seu retorno na puberdade, seguido de compreensão psíquica e recalque. Se, num primeiro momento, há uma ignorância necessária, no segundo, conta-se com a aliança de um "não querer saber", pois, justamente no instante de uma compreensão possível, sobrevém o recalque e o desconhecimento.

É de se notar que embora continue a insistir, como os outros, em uma espécie de divisão subjetiva, FREUD não recorra mais a uma causalidade de ordem fisiológica. Há uma divisão psíquica na qual está definitivamente implicado o sujeito, pois não se quer saber justamente da parte de comprometimento do eu no conflito psíquico.

O que torna melindrosa a teoria da defesa nessa altura é o fato de FREUD não conseguir relacionar essa parcela de

comprometimento do eu no conflito com o desejo inconsciente. A cena de sedução diz respeito a uma investida erótica de um adulto perverso sobre o corpo infantil desarmado do aparato da sexualidade. A resistência a associar verificada na clínica era pensada como uma força de oposição, a serviço de um equilíbrio econômico (princípio de constância); o retorno da cena poderia converter-se em trauma mais pela magnitude do desprazer que envolvia do que pelo conteúdo em si mesmo.

Todavia, FREUD começa a dotar os fenômenos neuróticos de significação psíquica, começa a voltar sua atenção para as relações de significação presentes na história psíquica do sujeito e, ao fazê-lo, é forçado a colocar-se a questão de como o sujeito pode reconhecer-se nessa cena, mesmo que a teoria lhe reserve o lugar de uma vítima diante de um aumento de desprazer tardio e inesperado. Mais adiante, voltaremos a algumas passagens de análises clínicas da histeria para mostrar como, em certos momentos, a relação entre desejo e recalque era sugerida na fala das pacientes.

Algumas novidades importantes são introduzidas nessa obra, entre elas, o início do abandono da técnica da hipnose, que começa a ceder lugar à técnica da pressão sobre a testa. Com o intuito de afastar as resistências (racionalizações, seleção voluntária de pensamentos) impostas ao trabalho de rememoração, FREUD pressionava com a mão um ponto da cabeça do cliente e pedia concentração e esforço para trazer à consciência o material psíquico procurado. Esse método pode ser entendido como o precursor da técnica da livre associação, embora permanecesse vinculado à prática sugestiva, pois o ponto de partida para as

associações continuava sendo preestabelecido por uma pergunta relativa à origem dos sintomas.

Uma advertência fortuita já o estimulara no sentido de conceder livre curso à fala na análise. Lemos, no relato do caso clínico de Frau Emmy:

"Disse-me então, com expressão de descontentamento, que eu não devia estar sempre perguntando de onde provinha isso ou aquilo, mas que a deixasse contar-me o que tinha a dizer-me." (62)

Se o ensaio de 1895 "A psicoterapia da histeria" ilustra claramente o parentesco existente entre a nova técnica e o próprio modo de operação dos processos psíquicos, devemos-nos lembrar que o método da livre associação implanta-se progressivamente na obra de FREUD entre 1892 e 1898.(63) Interessa-nos acompanhar o movimento do percurso freudiano, que, cada vez mais, aponta para o estreitamento entre a fala na análise e a própria concepção do modo de funcionamento do inconsciente.

O adjetivo "livre" dessa expressão não aponta para o livre-arbítrio do falante ou para uma autonomia deliberada sobre o dizer, somente indica a ausência de uma conduta seletiva ou da pré-fixação de um ponto de partida para a cadeia associativa.

As associações, a que são convidados a entregar-se os neuróticos, permanecem tratadas nesse ensaio no contexto da catarse : agem como um corretivo, (64) um meio de desgastar

imagens vividas que surgiam avulsas na consciência. Uma forma "oracular" de tratar as palavras, diz-nos FREUD,(65) uma vez que o trabalho de interpretação envolvia um esforço de decifração. O encadeamento associativo deveria convergir para um ponto nuclear: a nomeação de uma cena - cena de sedução - que coincidia com a dissolução dos sintomas.

Em 1896, no artigo "A etiologia da histeria", FREUD lança mão da metáfora do quebra-cabeça infantil, onde as peças ir-se-iam encaixando até que a última lacuna fosse preenchida *"fornecendo a visão geral do quadro"*. (66) Reconhece-se, ainda, a obstinação freudiana, dificilmente dissipada ao longo de sua obra, em tangenciar um termo último da significação do desejo.

No entanto, a advertência do autor, já em "A psicoterapia da histeria", coaduna-se com a complexidade crescente do funcionamento psíquico, apresentada ao longo de suas páginas. Não se trata de extirpar uma lembrança, como se faz com um corpo estranho. Os sintomas formam-se a partir de complexos mnêmicos que envolvem o entrecruzamento de diversos fios associativos em múltiplas direções. (67)

FREUD supõe uma organização complexa do material psíquico, que seria disposto e estruturado em pelo menos três planos ou camadas distintas.(68)

Um primeiro plano consistiria em material mais recente - acontecimentos contemporâneos da vida dos pacientes -, os primeiros a serem relatados no curso do processo analítico, embora os mais distantes na seqüência mnêmica relativa ao núcleo patógeno. Apresentando-se como uma capa externa, seria composto por temas facilmente evocáveis pela consciência.

O segundo plano envolveria um novo tipo de arranjo do material psíquico, no qual os temas estariam estratificados concentricamente em torno do núcleo patogênico. Quanto mais se avançava em direção ao núcleo, mais imperiosa fazia-se uma força de oposição (resistência) ao transcurso associativo.

O terceiro e mais importante dos planos diferenciava-se dos demais por apresentar uma disposição não linear dos complexos mnêmicos que estariam regidos por um fio lógico, percorrendo caminhos sinuosos e irregulares até o núcleo. Essa cadeia lógica realizaria movimentos em ziguezague,(69) que traçariam o percurso da periferia ao núcleo e também, no sentido inverso, do núcleo até a periferia.

Esse terceiro modo de organização das impressões psíquicas, tal como descrito por FREUD, é bastante complexo, mas de forma alguma é caótico; obedece a uma lógica que, no entanto, não coincide com a articulação psíquica vigente na consciência. FREUD o define como um sistema

"... de linhas ramificadas e mais particularmente de linhas convergentes. Contém pontos nodais nos quais coincidem dois ou mais fios, que a partir daí fundem-se em um só, e no núcleo desembocam, de maneira geral, vários fios de trajetórias separadas ou que apresentam em certos trechos conexões laterais. Dito de outra forma é notável como a miúdo um sintoma possui um determinismo múltiplo, um comando múltiplo". (70)

Notemos que, apesar da multiplicidade de caminhos que se

entrecruzam em subdivisões e amálgamas, há a pressuposição de um sentido convergente, um ponto de desenlace, a que FREUD chama "núcleo patógeno".

É preciso, entretanto, levar em conta a sutileza da letra freudiana, que não hesita em abrir novas perspectivas às questões, problematizando-as. Lemos, a certa altura, uma afirmação contundente: "*é totalmente infrutífero avançar de forma direta até o núcleo da organização patogênica*". (71)

É interessante assinalar que os pontos de estancamento do discurso atribuídos à resistência tornam-se mais patentes no momento em que a hipnose começa a ser colocada em segundo plano e a livre associação a esboçar-se no trabalho clínico. Igualmente surge a hipótese de uma impossibilidade de acesso direto a uma dissolução final do núcleo traumático, como sugere a passagem citada anteriormente.

O trabalho clínico a partir do qual é escrito "A psicoterapia da histeria" havia fornecido a FREUD o material para a formulação das noções de conflito e recalçamento. Uma representação incompatível sempre surgia na fala das histéricas. É preciso saber qual a natureza, nesse momento do trabalho freudiano, da incompatibilidade em questão. A noção de defesa permanecia, em parte, solidária com as pesquisas elaboradas junto a BREUER: se, por um lado, descartava-se a explicação fisiológica dos estados hipnóides, por outro, mantinha-se o pressuposto do princípio econômico da constância: uma representação tornava-se fraca enquanto sua intensidade afetiva era transportada para outra, que, em função da transferência, tornava-se forte ou

intensa. A teoria da defesa, porém, trazia também, como já assinalamos, algo totalmente novo: colocava em evidência as relações de significação estabelecidas em contextos diferentes da história psíquica subjetiva. A multiplicidade de momentos traumáticos caracterizava o retorno do reprimido pela via da conexão associativa entre representações. Alguns trechos de casos clínicos apresentados nos "Estudos sobre a histeria" parecem sugerir uma conexão entre desejo e conflito.

Em determinados momentos de sua narrativa, as pacientes costumavam expressar uma nítida auto-censura em relação a certas condutas e inclinações subjetivas. O tratamento dado por FREUD a esses episódios é visivelmente escamoteante, suas intervenções eram no sentido de amenizar ou anular os incômodos decorrentes das recriações.

Tomemos o exemplo de Frau Emmy Von N. (1888). O conflito é aí discutido mediante um fenômeno interessante definido como contravontade.

A paciente queixa-se, entre uma diversidade de sintomas, de um estalido com a língua que se repete mecanicamente como um tique. A investigação hipnótica, combinada com associações espontâneas, leva à recordação do surgimento desse sintoma. Estivera durante muito tempo ao lado do leito da filha doente, quando um dia, em que deveria estar absolutamente quieta, emitira pela primeira vez o som.(72) O conflito atesta-se, assim, pela subversão da vontade consciente: precisamente o oposto do que o sujeito julga querer impõe-se a ele.

Surgem, posteriormente, reclamações a respeito dessa criança que lhe dispendera tanto tempo em função da doença, impedindo,

inclusive, que ela concedesse atenção ao marido, também doente, que acaba por falecer nessa mesma época. Afinal, suas reclamações expressavam o ódio pela criança e por si mesma. FREUD retruca a essa fala com uma espécie de lição de moral :

"Tanto no seu estado de vigília, como sob hipnose, eu lhe disse (...) que entre o bom e o mau existe um grupo muito vasto de coisas indiferentes e pequenas, a respeito das quais não se deve censurar-se." (73)

Entretanto, FREUD parece oscilar quanto à consideração do sentimento de culpa. Em uma longa nota anexa ao caso de Frau Emmy, ele escreve:

"... a maioria dos neuropatas, em parte não tem notícia alguma das causas efetivas (ou ao menos das causas ocasionais) de seu adoecer, e em parte, não querem receber notícia alguma sobre elas porque não desejam que lhes seja recordada sua própria participação nessas causas". (74)

Toda a dificuldade estaria, como já observamos, na elaboração da idéia de um desejo recalcado (de onde pudesse decorrer um sentimento de culpa) nos limites das exigências do princípio da constância, em que todo aumento quantitativo gera desprazer e defesa, sempre em favor de um restabelecimento do equilíbrio das variações quantitativas. Como conceber o prazer ao lado do que só pode ser pensado teoricamente como desprazível?

Não é sem uma evidente quota de pesar que FREUD reconhece o tom novelesco que por vezes assumiam suas análises de casos clínicos. No início do comentário do caso Elizabeth, ele admite:

"Nem sempre fui psicoterapeuta. Como outros neuropatologistas, fui preparado para empregar diagnósticos locais e eletroprognose, e, por isso, a mim mesmo surpreende que as histórias clínicas que escrevo pareçam breves novelas, das quais está ausente, por assim dizer, o selo de seriedade com que se estampa o científico."(75)

Certamente com o propósito de resgatar o tom de seriedade científica ameaçado de desaparecimento, FREUD empenha-se na escrita de um ensaio em que pretende combinar Psicologia e Neurologia e formular um nexu teórico entre palavra (contextos associativos) e quantidade.

O "Projeto de uma psicologia científica", escrito em 1895, resultou do esforço freudiano em buscar uma explicação teórica para as conquistas recém alcançadas no plano clínico.

Sabemos que FREUD se vale do modelo mecânico-naturalista para explicar o funcionamento psíquico. Dois elementos básicos são tomados como constituintes do aparelho psíquico: neurónios (partículas materiais) e quantidade - endógena e exógena-, definida como aquilo que distingue atividade de repouso e está sujeita à lei do movimento.(76) Esses dois termos podem ser traduzidos, na linguagem psicológica adotada por FREUD em obras anteriores, respectivamente, por representação e afeto.

O aparelho proposto por FREUD encontra seu fundamento justamente nessa diferença entre movimento e repouso, que não pode ser dissipada. Do lado do ideal mecanicista, pretende-se fazer valer o paradigma do arco-reflexo: toda quantidade que entra no sistema pelo pólo sensorial deve sair (através de descarga) pelo pólo motor, de maneira a tornar nula a diferença entre movimento e repouso. O organismo tende a desembaraçar-se de toda a quantidade porque qualquer acúmulo de Q é fonte de desprazer. Esse é o princípio da inércia neuronal(77).

O mecanismo do arco-reflexo não pode sustentar-se plenamente, porque o organismo é também afetado por estímulos endógenos dos quais não se pode fugir por mera reação reflexa. Esses estímulos seriam os responsáveis pelo estabelecimento das grandes necessidades da vida: fome, respiração e sexualidade(78). Algum acúmulo de Q deve ser suportado para que se possa lidar com o impacto de insatisfação proveniente da pressão interna. Permanece uma tendência à inércia, mas agora o organismo trabalha no limite: as quantidades devem ser mantidas tão baixas quanto possível, ou seja, a diferença entre repouso e movimento tende a ser reduzida sem que possa ser anulada. O princípio da constância nervosa(79) implica, então, em um estoque de uma reserva quantitativa mínima até que determinadas condições sejam atendidas no mundo externo, e o curso quantitativo encontre as saídas apropriadas. Tais condições são estabelecidas no mundo externo por uma "ação específica"(80)

As partículas materiais (neurônios), transmissoras e portadoras da quantidade circulante no aparelho psíquico, são

divididas por FREUD em duas classes distintas: os neurônios *fi* que, por se situarem em conexão mais direta com o mundo externo e, conseqüentemente, receberem as impressões sensoriais mais intensas, seriam permeáveis - deixariam passar toda a quantidade sem qualquer marcação ou retenção; os neurônios *psi*, entreconectados por barreiras de contato, seriam capazes de retenção, deixando passar alguma quantidade, de acordo com as diferenças entre as resistências opostas pelas barreiras. A função de permeabilidade ou retenção desse grupo neuronal está na base do que FREUD irá definir como sendo a memória.

Em contraste com a imutabilidade dos neurônios *fi* que, submetidos a uma excitação intensa, deixam evadir toda a quantidade, retornando a seu estado inicial e obedecendo, dessa maneira, ao princípio da inércia, os neurônios *psi* são "aqueles cujas barreiras de contato se fazem valer, de maneira tal, que só permitem a passagem da Q com dificuldade ou parcialmente". (81) Esses neurônios possibilitariam uma modificação permanente dentro do sistema. As barreiras de contato entre neurônios modificam-se (tornam-se mais ou menos resistentes) de acordo com a intensidade e a frequência da passagem de quantidade em determinados pontos. Caminhos preferenciais, mais ou menos marcados, começam a esboçar-se e formam aquilo a que FREUD chama facilitaões (82) entre neurônios. A memória passa a ser definida como sendo "constituída pelas diferenças de facilitaão entre neurônios *psi*". (83)

A memória pode ser entendida, antes de mais nada, como uma rede diferencial que se forma a partir de caminhos impressos na passagem de quantidade (endógena e exógena). Veremos que essa

memória , cerne do psiquismo, está organizada pelo desejo, que é, ele mesmo, o percurso a ser traçado na preferência e conservação dos caminhos determinados pela ação específica.

Todo aumento de tensão intrapsíquica é sentido como desprazível, enquanto a redução, via descarga, dessas quantidades perturbadoras leva ao prazer. O princípio de constância, decorrente das exigências da vida, cumpre função semelhante à do princípio da inércia, pois continua servindo à tendência de anular a diferença entre movimento e repouso, ainda que a diferença entre os dois estados não possa deixar de existir no domínio de *psi*.

Temos uma concepção negativa do prazer como sendo a evitação do desprazer, que aciona o movimento do sistema em direção à descarga.

Até essa altura, a construção do aparelho psíquico empreendida por FREUD é pensada como uma máquina que funciona de maneira automática, de acordo com os aumentos e diminuições de quantidade, sendo que todo aumento gera um estado de desprazer e toda diminuição suscita prazer. Não há nada que permita pensar a constituição de séries qualitativas diversas da série desprazer/prazer. Se os objetos do mundo físico reduzem-se a massas em movimentos e assim são concebidos pela ciência, como explicar o fato de que a consciência dos objetos inclua também séries qualitativas? FREUD supõe, para responder a essa questão, a existência, no interior do sistema nervoso, de "*dispositivos destinados a transformar quantidade externa em qualidade*".(84) Tais dispositivos seriam formados por um novo grupo de neurônios,

os neurônios *Omega*. (85) Estes são excitados junto com a percepção e não participam da função da memória, devendo ser, por isso, permeáveis. Sua função restringe-se à transmissão de signos de qualidade para os traços de memória gravados em *psi*. Notemos que as ocorrências registradas em *psi* são dotadas de consciência em um segundo momento; de início, elas não possuem uma qualidade. Suponhamos que uma experiência sexual ocorra em um período pré-sexual (como suspeitava FREUD nos casos de histeria), ela poderá adquirir essa qualidade posteriormente, no momento do estabelecimento das condições para sua compreensão.

O aparelho psíquico aprende a lidar com as oscilações de desprazer - prazer a partir de duas experiências fundamentais: dor e satisfação.

FREUD não atribui qualquer diferença intrínseca ou natural aos dois primeiros grupos de neurônios constituintes do sistema nervoso, embora tenha sido levado a fazê-lo com relação aos neurônios *Omega* dotados da capacidade de decodificar uma característica temporal da quantidade: o período. Os neurônios *fi* e *psi* diferiam entre si apenas por sua localização, por sua exposição a maiores ou menores grandezas quantitativas. Os primeiros, mais próximos do contato com o meio externo, estariam sujeitos à recepção de grandes quantidades, enquanto os segundos, em conexão com o interior do organismo, seriam afetados por quantidades bem menores. Todo o funcionamento do aparelho visa, como já dissemos, a um certo equilíbrio, de maneira a reduzir o fluxo de quantidade circulante e, assim, evitar, pela descarga, as sensações de desprazer. O fenômeno da dor vem desestabilizar essa tendência, afirmando-se como o mais "imperioso dos

processos”,(86) por envolver “*quantidades excessivamente grandes em fi e psi*”,(87) que invadem o aparelho por impacto e irrupção.

No caso da dor, ocorre que os neurônios *psi* tendem a tornar-se permeáveis como *fi* devido ao aumento de quantidade envolvida. Se assim fosse, *psi* perderia sua capacidade retentiva, o que impediria a fixação de uma memória da dor. FREUD sugere que as quantidades intensas costumam alastrar-se em *psi*, multiplicando os caminhos facilitados.(88)

Na experiência de dor, lida-se justamente com a possibilidade de constituição de uma memória da dor. Quando o organismo é exposto a um objeto hostil, ele sofre o impacto de quantidades intensas, capazes de romper tanto as telas protetoras que separam o sistema *fi* de um contato direto com o mundo externo quanto as barreiras de contato existentes em *psi*. Em função disso, ocorrem descargas imediatas. A partir dessa primeira experiência, cria-se uma forte tendência a desfazer-se a ligação estabelecida entre a imagem do objeto hostil e o aumento de quantidade concomitante, decodificado pelo sistema Ω mega como desprazer. Para tanto, deve-se desviar a passagem da quantidade e dar preferência a caminhos colaterais, no sentido de desinvestir a imagem mnêmica do objeto hostil e de “*reproduzir em psi o estado que definiu o fim da dor*”.(89) A experiência de dor resulta, então, em uma defesa primária (recalque). Todavia, o que está em jogo aqui não é mais a própria experiência de dor, que já deixou de existir na realidade.

Uma percepção qualquer pode provocar, por associação, a lembrança do objeto hostil, gerando um estado de desprazer

proveniente de liberação de quantidades em *psi*.(90) Essa liberação, todavia, não decorre da pressão de urgências da vida, como no caso de acúmulo de estímulos endógenos. Para explicá-la, FREUD supõe a existência de neurônios secretores,(91) responsáveis pelo acúmulo de quantidade interna em *psi* na repetição da experiência de dor. Notemos que essa se processa em dois tempos: o momento do encontro com o objeto hostil e o momento da reativação do traço de memória capaz de gerar uma sensação desprazível em função da liberação do afeto.

Assim, a lembrança é capaz de gerar os mesmos efeitos da época do acontecimento real, o que contraria grande parte das teorias tradicionais da memória, que tendem a defender a ação do tempo sobre os traços mnêmicos. Essa descrição no "Projeto...", da experiência de dor, está muito próxima da concepção do trauma proposta por FREUD em seus escritos precedentes. O trauma tinha sido relacionado com o domínio da sexualidade e sua ação marcada pela posterioridade, havendo sempre um lapso entre acontecimento e lembrança traumática, seguida de defesa.

A noção de desejo é introduzida nessa obra pela via da vivência de satisfação, cujo motor é o peculiar estado de "*desamparo primordial*",(92) sendo sua finalidade reencontrar o objeto propiciador de uma primeira satisfação, segundo os moldes do princípio do prazer. Lembremos que, das três grandes necessidades da vida citadas por FREUD, apenas a fome servirá como modelo para a constituição da vivência de satisfação, uma vez que a sexualidade estaria ausente da infância e a respiração é uma função que prescinde da contribuição de uma ação específica.

A uma excitação acumulativa endógena sobrevém uma série de reações que visam à descarga de energia - movimentos diversos e gritos.(93) De mera descarga reativa a sensações de desprazer, o grito serve de sinal para desencadear a ação do outro (ação específica). A partir daí, desempenha a importante função secundária de apelo ao outro e entra, por conseguinte, num sistema simbólico de referências. Ou seja, como o ato de gritar não produz, por si só, a descarga e o alívio concomitante, ele passa a funcionar, num segundo momento, como veículo para comunicar algo para o ser humano prestativo.

O grito, primeira inscrição que não é ainda uma palavra, é dotado pelo outro de um determinado sentido, aliando-se a uma série de elementos denotativos: palavras, gestos, movimentos etc. O grito enquanto desencadeador da ação específica é, na verdade, um elemento, um momento em um circuito. Ao impulso imediato em direção à satisfação, o grito impõe ao outro a tarefa de uma tradução semântica qualquer, que será decisiva na constituição de caminhos diferenciais em *psi*. O grito é também índice de uma dor que só poderá ser especificada pela nomeação do outro. Só então, esta poderá ser dor de alguma coisa, e não de outra. É importante lembrar que, nesse momento, os propósitos de satisfação estão atravessados igualmente pela palavra do outro. O desejo, nome do circuito constituído pela vivência de satisfação, não pode ser entendido como desejo pelo objeto (*seio*), mas como a própria reativação desse circuito.

O "*desamparo primordial*" do ser humano, que o obriga a depender de uma força auxiliar, é identificado por FREUD como

sendo " a fonte de todos os motivos morais".(94) Somente o fato de o outro (a primeira fonte auxiliar do sujeito) poder servir-se da linguagem justificaria essa conexão entre desamparo (estado de desejo) e moralidade. É como se a pulsão (pressão dos estímulos endógenos no núcleo de *psi*) surgisse simultaneamente com a interdição. Enquanto a fome é apaziguada provisoriamente, o desejo instala-se para além desse registro do apaziguamento, articulando-se à moralidade. As exigências teóricas desse ensaio inviabilizam, porém, a conexão entre desejo (pensado no âmbito da pulsão de fome) e a interdição moral. A sexualidade seria descrita a partir de um modelo que recorda a repetição da dor, ou seja, seria seguida de defesa. Torna-se difícil pensar algo da ordem da evitação do prazer, nos moldes do aparelho formulado no " Projeto..."

Esse sistema de signos diferenciados, a linguagem, FREUD o reconhece como sendo imprescindível para marcar qualitativamente a realidade. As associações verbais constituem um sistema fechado, limitado, exclusivo.(95)

No seu funcionamento primário, o sistema neuronal desconhece a diferença interno/externo, obedece cegamente à tendência da inércia, tratando quantidades internas como se fossem externas; todo esforço decorrente da alteração interna (gritos, movimentos musculares, inervação muscular) dá testemunho do impulso automático de fugir de todo aumento quantitativo. Portanto, a distinção entre percepção externa e representação interna não é dada de início, e as duas experiências tendem a reproduzir-se de maneira alucinatória, ou seja, mediante uma descarga imediata e precipitada que concede, aos traços de memória, o estatuto de

percepções.

Ao lado da tendência primária à alucinação, que implica uma consecução imediata do prazer, FREUD propõe uma função secundária, em que um critério deve ser encontrado para discernir representação de percepção. Os signos de qualidade transmitidos por *Ômega* desempenham, nesse sentido, uma função fundamental.

No interior de *psi*, havia-se formado uma organização de "neurônios constantemente investidos" (96) responsável pela inibição de investimentos alucinatórios primários. O eu passa a ser a garantia de que a realidade será levada em conta no funcionamento psíquico. Esta seria a instância voltada para a captação dos signos de qualidade fornecidos por *Ômega* por meio de uma descarga que sinaliza condições externas favoráveis ao acionamento da descarga em *psi*. Ao aproveitar os signos de realidade, o eu interfere no funcionamento primário do aparelho, impondo desvios para o acesso à satisfação imediata. Os processos inibidos pelo eu constituem os processos secundários que relativizam e não abolem a função primária.

O processo secundário obedece também às duas grandes motivações já operantes na função primária do funcionamento psíquico: reencontrar o objeto de desejo e, quando possível, evitar a lembrança do objeto hostil. Entretanto, o método secundário procura levar em conta as condições externas, para que se possa proceder a uma descarga apropriada, atenuada, que assegure uma possibilidade de obtenção do prazer fora do processo alucinatório.

A inibição propiciada pelo eu permite o predomínio do

princípio de constância (armazenamento de quantidade) e intercala um processo de comparação entre a representação de desejo e as indicações de realidade num instante anterior à descarga primária.

A atividade do pensamento (juízo) tem início a partir de uma dessemelhança entre uma imagem de desejo e seu correspondente na percepção. Quando a correspondência é completa, não há trabalho de pensamento, embora os casos mais comuns sejam de dessemelhança.(97) O exemplo freudiano é o seguinte: para uma representação de desejo $a+b$ encontra-se uma percepção $a+c$. O juízo conta com a inibição prévia do eu para que não se enverede por investimentos automáticos e visa "*aperfeiçoar a semelhança em identidade*".(98) O neurônio a corresponderia à parte constante do complexo chamada por FREUD de "a coisa" (DAS DING), (99) enquanto b e c representariam a parte móvel, alterável, algo como os predicados da coisa. Através do juízo, pode-se descobrir a semelhança existente entre, por um lado, a parte constante do núcleo do eu e a parte constante do complexo perceptivo, e, por outro, entre os neurônios da periferia de *psi* (chamados de *psi* do *pallium*) e a parte variável do complexo perceptivo. Deve-se encontrar um caminho que siga conexões entre o neurônio c (representação correspondente à percepção presente) e o neurônio b (representação). (100)

Todo esse processo torna-se mais claro quando FREUD ilustra o primeiro encontro do sujeito com o outro através do que ele chama o complexo do próximo (NEBENMENSCH).(101) Supondo-se que o objeto, alvo do desejo, seja um outro ser humano, o sujeito entrega-se a uma atividade de (re)conhecimento. (102) Pode

identificar-se com a imagem do semelhante, pode aí se ver refazendo um traçado de memória - esta seria a parte compreensível do complexo, capaz de modificar-se, de movimentar-se, de ser qualificada. A linguagem fornece, como estudamos, pontos de referência, uma possibilidade denotativa na oposição de elementos qualitativamente diferentes. Ocorre, entretanto, que esse mesmo complexo do semelhante apresenta também uma parte que permanece invariável, inassimilável, que não cede às possibilidades de denotação, de rastreamento, pela reativação dos traços deixados pelas vivências de dor e satisfação. FREUD resume sua argumentação da seguinte maneira:

"Desse modo o complexo do próximo, se separa em dois componentes, um dos quais se impõe como uma estrutura constante, se mantém reunido como uma coisa do mundo (DAS DING) enquanto o outro é compreendido por um trabalho mnêmico." (103)

A explicação freudiana torna-se cada vez mais complexa e gera questões internas ao assentamento da teoria. Se a pulsão de fome é tomada como paradigma do funcionamento psíquico, por que o seio materno não seria consolidado como objeto do desejo reencontrável no mundo externo? Por que haveria esse núcleo de desconhecimento (DAS DING) entre o que é procurado e o que é encontrado? A coisa interna não parece ser delegada por nenhum elemento real, existente no exterior. Ela é pensada como um resíduo resistente, não compreensível, em torno do qual giram e

multiplicam-se os atributos nomeados pelos elementos lingüísticos.

O fundamento do juízo está firmado na possibilidade de o sujeito reconhecer-se no outro, por meio de informações provenientes de seu próprio corpo. Como FREUD, nesse momento, não concebe a sexualidade infantil, seria justamente o grupo das sensações sexuais o que permanece incompreensível, ou seja, não se submete, a princípio, a uma atividade judicativa, não podendo ser, por conseguinte, nomeado:

"No que se refere ao juízo, cabe ainda observar que seu fundamento é, evidentemente, a preexistência de experiências corporais, sensações e imagens motoras do próprio sujeito. Enquanto faltarem esses elementos, o setor variável do complexo perceptivo permanecerá incompreendido."(104)

Dessa forma, a sexualidade do outro não pode também ser representada psiquicamente enquanto não houver uma sustentação sensorial no corpo do próprio sujeito, o que só ocorreria com a puberdade. Contudo, a experiência sexual pode ocorrer precocemente num período pré-sexual, deixando um registro corporal (a representação de uma liberação sexual) a ser ligado posteriormente (NACHTRÄGLICH) à representação ou grupo de representações da coisa sexual. É somente nesse segundo momento, o da reativação desse traço mnêmico em um contexto em que já é nomeado como sexual, que a experiência pode ser dita, propriamente, traumática.

A descrição do recalçamento nos limites dessa obra torna-se, como já assinalamos, um tanto problemática, pois há uma forte tendência do autor para tratar o assunto em termos puramente quantitativos. O postulado fundamental: "*todo aumento quantitativo gera desprazer e toda diminuição, prazer*", inviabiliza uma articulação entre as duas vivências - satisfação e dor. Tanto a primeira não poderia suscitar o desprazer e, portanto, não haveria porque evitá-la, como a segunda só envolve o desprazer. O trauma sexual é entendido como fazendo parte de um circuito semelhante ao da dor e, por isso, não implica o circuito do desejo. No plano da defesa, tudo parece dar-se de forma automática, pois é em função de um aumento excessivo de excitação (tardio, inesperado e impossível de ser incorporado nos processos secundários do eu), que se desenvolvem processos patológicos com formação de sintomas, pensados como representações hiperintensas. (105)

A clínica freudiana desse período pautava-se pelo desvendamento do sintoma tratado como expressão do fracasso defensivo do eu em suprimir experiências desprazíveis, que, pelo fio da evocação verbal, afinal poderiam ser resgatadas pela consciência. A palavra constituiria instrumento hábil na recuperação de um passado tangível. No "Projeto...", há pelo menos a indicação de que algo escapa à possibilidade de nomeação: o próprio núcleo traumático.

O pensamento serve ao fim da realização de desejo. A finalidade prática de todo pensamento não passa desse movimento recorrente que traz a marca do desejo e, os processos secundários

são desvios para a obtenção do prazer.

No "Projeto...", parece haver uma demarcação clara entre os circuitos da dor e os do prazer, uma vez que a defesa dirige-se contra as representações hostis (traços deixados pela vivência de dor), e um impulso de atração incide sobre os representantes mnêmicos ligados à suspensão dos estados de expectativa.

O que as duas vivências têm em comum, diz-nos FREUD (106), é um aumento de tensão intrapsíquica. Sendo assim, o grito, enquanto possibilidade de denotar algo, estaria presente no início da experiência de satisfação antes que o circuito se complete, por meio dos efeitos da ação específica. Ele também desempenha o mesmo papel na vivência de dor, na medida em que serve para recordar a presença de um objeto hostil.

O debate sobre a economia desprazer-prazer e sua relação com o recalçamento foi gradualmente apresentado a FLIESS como se pode constatar na correspondência de FREUD.

Ao estudar a etiologia das neuroses, FREUD chega a conclusões divergentes a respeito da histeria e da neurose obsessiva. Em 15/10/95, ele escreve que a histeria seria o resultado de "*um choque sexual pré-sexual*" e a neurose obsessiva de "*um prazer sexual pré-sexual*".(107)

O desprazer estaria ligado, na histeria, a uma posição passiva do sujeito diante da cena traumática que só é experimentada como tal em sua significação posterior, no momento do seu retorno enquanto lembrança. O trauma é um transtorno quantitativo que importuna a homeostase buscada pelo princípio da constância. Ele coloca em suspensão toda a possibilidade denotativa adequada, pois ao ser compreendido, aciona

imediatamente o recalque.

O mecanismo do recalque na neurose obsessiva torna-se mais sinuoso. Como uma experiência ligada ao prazer pode ser recalçada?

No rascunho K, (108) FREUD supõe a existência de uma experiência primária ativa na neurose obsessiva, mas assegura que, por detrás desta, havia existido uma mais primitiva "puramente passiva". A cena do prazer acabava atraindo para si o desprazer sofrido na primeira. Desse complemento de desprazer poderia advir o recalque.

Como é, pergunta-se FREUD, que as ligações da libido perversa podem ser recalçadas? Por que é que um sujeito torna-se neurótico?

A questão do prazer exigirá um desdobramento tópico. Para que sejam articulados o desejo - já entendido como reativação de traços de memória num impulso à descarga, na busca da reedição do prazer - e o recalçamento nele implícito, deve-se encontrar um meio de se pensar a conexão paradoxal entre prazer e dor. Como explicar o fato de que uma forte impressão que mobiliza o aparelho no sentido do recuo e da evitação possa ser, ainda assim, reimpressa, reinvestida? Se a dor, como estudamos, é o mais imperioso dos processos e deixa atrás de si grandes facilidades, deveria, portanto, atrair um reinvestimento, e isso bastaria para pensar o desejo em conexão estreita com a dor e com o recalque. Contudo, a explicação mecânica - quantitativa dos jogos de atração e repulsão de forças não parece suficiente. Deve ser possível ainda perguntar "*quem deseja*", o que implica a

recolocação da questão da divisão subjetiva já aventada nos "Estudos..." Na medida em que aquele que certamente se oporia a uma idéia desprazível dificilmente se reconheceria no reinvestimento da mesma, passa a valer a questão "quem fala" que traz consigo o abalo da unicidade do sujeito.

Em outras palavras, para que a representação de palavra (ligação psíquica - BINDUNG) seja recalcada, ela não pode ser entendida apenas como válvula de escape do afeto, mas como marca denotativa que, desde o início, comporta a duplicidade fundamental da fuga aliada à reimpressão - já que só se pode fugir de uma representação para outra representação substituta.

Em "A interpretação dos sonhos", FREUD é explícito ao demonstrar a requisição da proposta tópica pelos constrangimentos da noção de recalque do desejo:

"A vida anímica dispõe também de desejos, cuja realização provoca desprazer. Isto parece uma contradição, mas torna-se compreensível quando se invoca a existência de duas instâncias psíquicas e a censura estabelecida entre elas."(109)

Todavia, o modelo de aparelho psíquico estratificado que veio a servir de elo teórico entre as abordagens do "Projeto..." e de "A Interpretação..." encontra-se na famosa e requintada carta escrita a FLIESS em 6/12/96. A memória encontra-se aí seccionada em registros psíquicos distintos. Os traços de memória, ao sofrerem uma retranscrição de um sistema para outro, são rearranjados de acordo com leis vigentes em cada um desses

sistemas.

Não há, pois, uma relação simples entre memória e percepção. A memória não pode ser entendida como arquivo, depósito, nem cópia elementar e pontual do mundo externo, senão como rede, encadeamento. Logo no início da carta, FREUD menciona o estudo sobre as afasias como tendo apresentado um modelo semelhante. Lembremo-nos de que a noção de rede associativa (os diversos centros de linguagem articulados) foi introduzida nessa obra.

De qualquer maneira, vale notar, sempre houve para FREUD - do "Projeto..." até "A Interpretação..." - a idéia de que, entre o pólo sensório/perceptual e o motor prospera um trabalho de memória e, nessa carta, esse trabalho efetua-se num movimento que envolve impressão, inscrição, arranjo e retranscrição.(110)

Esse seria o momento do percurso freudiano no qual, segundo DERRIDA, "o traço começa a tornar-se escritura" (111) ou, como iria expressar-se FREUD muitos anos depois,(112) o aparelho psíquico comportaria um "sistema de registro".

Como em "A psicoterapia da histeria", os registros são pelo menos três:

W - *Wahrnehmungen* (percepções) - impressão bruta do exterior. Não há retenção de traços, o que corrobora a tese dos neurônios permeáveis fi do "Projeto..." e a relação de exclusão entre memória e consciência.

WZ - *Wahrnehmungzeichen* (signo ou indicação de percepção) - registro da percepção e não percepção em si mesma. São signos conectados simplesmente pela lei da simultaneidade temporal.

UB - *Unbewusstsein* (inconsciente) - segundo registro,

disposto de acordo com relações causais. Os traços talvez correspondam a lembranças conceituais. Forma-se uma rede associativa de traços interligados.

VB - *Vorbewusstsein* - terceiro registro, ligado às representações de palavra, correspondente ao nosso eu oficial. Lugar do código, das "letras do alfabeto", domínio da sintaxe pré-consciente.

FREUD propõe a tese de que o recalque dar-se-ia entre os registros, e o define como "*falha de tradução*".(113) A possível ligação entre traços suscita a geração de um desprazer virtual, de acordo com um modo de organização peculiar do sistema posterior ao qual está dirigida a retranscrição. O recalque incide sobre a possibilidade de transcrição e não sobre um conteúdo substancial, já dado. Uma tradução incompleta é admitida enquanto algo permanece sob o domínio da organização anterior.

Esse avanço teórico parece-nos essencial, pois não precisamos mais lidar com a consistência de uma cena aprazível ou desprazível em si mesma, com um "antes" descoberto depois pela tradução do afeto (catarse), trata-se agora de um instante entre dois registros. Aqui podemos pensar como elementos dotados de capacidade expressiva levam ao recalque nesse grande circuito que se chama desejo.

Nossa trajetória até aqui tentou mostrar, ao seguir o trabalho clínico e teórico dos primórdios da Psicanálise, as transformações sofridas pela concepção da linguagem nesse campo. Percebe-se que não há como desvincular a clínica da teoria e que desse trabalho concomitante muitas vezes resulta uma dissimetria:

avanços por um lado, recuos por outro.

Vimos como, na terapia hipnótica, um saber é circunscrito às palavras do médico, proferidas como palavras de ordem, sem que se levasse em conta qualquer ligação do sintoma com a história psíquica de seus portadores.

Na hipnose combinada com a idéia da catarse, da defesa e do conflito ("Estudos sobre a histeria"), temos a palavra na sua função evocativa, onde progressivamente se dota de valor o próprio dizer do analisando - método da livre associação.

A noção de conflito psíquico requer uma tópica do prazer precursora da solução encontrada mais tarde por FREUD nos seguintes termos: o que é prazer para um sistema é desprazer para outro. Esse raciocínio permite pensar o sintoma como uma solução de compromisso; em seguida, veremos que a própria palavra será entendida como uma formação de compromisso, atestando, nela mesma, uma divisão do sujeito que não mais poderá falar sobre seu sintoma, mas falará como sintoma, por assim dizer, com as palavras do sintoma.

Resta ressaltar que a escuta clínica das histéricas já sugerira havia bastante tempo, uma relação intrínseca entre a simbolização verbal e um modo de funcionamento primário inconsciente. O caso de Frau Caecilie (114) é rico em exemplos que mostravam um uso especial da língua na histeria.

A partir de uma neuralgia facial, a paciente recorda-se de que, numa grave discussão conjugal, recebera um insulto de seu marido como se fosse uma bofetada no rosto. Num outro momento de sua análise, quando sofria de violenta dor nos calcanhares, que a impedia de locomover-se, recordou-se de quando estava num

sanatório e ia ser levada à sala de refeições pelo médico residente; nesse momento, pensou que talvez não "se encontrasse na posição certa" diante daqueles estranhos. Em outra ocasião, uma dor penetrante na testa foi ao encontro da lembrança do "olhar penetrante da avó".

Tomar expressões figurativas em seu sentido literal, eis o procedimento das histéricas que não são livres em relação ao uso da fala.(115) Não jogam com a ambigüidade verbal por mera conveniência voluntária, ou mesmo por meio de uma intenção inconsciente, mas por se servirem de uma linguagem primitiva e universal, na qual o sentido metafórico das palavras não se havia ainda desenvolvido, e estas eram tratadas como coisas. No caso da histeria, uma inervação somática liga-se diretamente a uma expressão figurativa.

FREUD conclui essa passagem dizendo: "Talvez ela (a histérica) não tome o uso lingüístico como arquétipo, mas se alimente, junto com ele, de uma fonte comum."(116)

O fundamento de uma gênese da linguagem capaz de justificar o discurso enigmático da neurose e o ideal de uma "língua básica",(117) transubjetiva, em que prevalecia o sentido sexual das palavras, não é sem importância no pensamento freudiano. Essa hipótese servirá de apoio para a tentativa de se construir um simbolismo inconsciente.

Convém acrescentar que a expressão "símbolo mnêmico" vinha sendo utilizada por FREUD ao longo desse período inicial de sua prática para caracterizar o sintoma histérico. O sintoma como um sub-rogado de uma lacuna na atividade de memória. Se o trauma

oblitera uma tradução, opera uma ruptura da cadeia associativa, num segundo momento (do recalque) sobrevém, sob a forma de um compromisso, um símbolo que, denota algo mas de forma ininteligível. Uma representação, para retomar a expressão do ensaio sobre as afasias, que vem ocupar o lugar de uma outra, guardando com esta última um vínculo de similaridade de sentido ou de contigüidade sonora. Note-se que, nesse sentido, a noção de símbolo não exprime uma relação fixa com o simbolizado, nem a idéia de uma transcrição de um sentido literal em um mais "simbólico" ou mais metafórico e, por isso, mais depurado.

Temos, em Lingüística, (118) uma peculiaridade do símbolo em relação ao signo. No primeiro, há um estreitamento do vínculo entre significante e significado, uma relação necessária, legitimada pelo uso lingüístico, entre ambos. Assim, a balança é símbolo de justiça e não poderia sê-lo de qualquer outra coisa. Já a noção de signo dispensa essa relação intrínseca e natural entre os termos.

Na segunda parte do "Projeto..."(119), FREUD lança mão de um exemplo curioso para comparar o símbolo normal(estes que mantêm uma relação fixa com o simbolizado) com o patológico. Aquele que chora diante da bandeira de sua pátria é perfeitamente compreendido, assim como o é o amante que chora por uma luva que sabe representar sua amada. Já a compulsão histérica, deve-se a uma falsa conexão, (120) somente elucidada por vínculos associativos trazidos pelo discurso.

NOTAS

(*) Observação: Devido aos conhecidos problemas de tradução da Edição Standard Brasileira (ESB), consultamos a edição argentina Amorrortu (AM) para citar a obra freudiana. As traduções do castellano são de minha responsabilidade.

1. JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Org.e Resumo, Lionel Trilling e Steven Marcus. Trad. Marco Aurélio de Moura Mattos. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1975. GAY, P. **Freud: Uma Vida Para o Nosso Tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
2. BREUER, J. "Fräulein Anna O." In: "Estudos Sobre a Histeria". Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB), vol.II. Estudios Sobre la Histeria. Amorrortu Editores, Buenos Aires.
3. Idem, ibidem, ESB, p.73; AM, p. 55.
4. JONES, E., op cit., p.239
5. Idem, ibidem, p.240.
6. FREUD, S. "Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise". Parte I "Parapraxias". ESB, vol.XV, p.27, AM., p.13.
7. Idem, ibidem, ESB, p.28-29, AM., p.14
8. FREUD, S. **Contribution à la Conception des Aphasies**. Trad. do alemão por Claude Van Reeth. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1983, p.5-6.
9. Idem, ibidem, p.54-55.

10. Idem, ibidem, p.62-63.
11. FREUD, S. "O Projeto para uma Psicologia Científica". ESB, vol.I, p.469, AM., p.404.
12. FREUD, S. "Contribution...", op. cit., p.72.
13. Idem, ibidem, p.67.
14. BIRMAN, J. **Ensaio de Teoria Psicanalítica**. Parte I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p.61.
15. GABBI J., O.F. "Sobre a Concepção da Afasia e da Histeria". In: (PRADO JR., B. (org.)). **Filosofia da Psicanálise**. São Paulo: Ed.Brasiliense, 1991, p.185.
16. FREUD, S. "Contribution...", op.cit., p.96 e segs.
17. Idem, ibidem, p.100-101.
18. Idem, ibidem, p.103.
19. FORRESTER, J. **A Linguagem e as Origens da Psicanálise**. Trad. Ernani Pavanelli de Moura. Rio de Janeiro: Imago, 1983, p.48.
20. Idem, ibidem, p.40.
21. Sobre isso ver: FREUD, S. "O Projeto para uma Psicologia Científica", FREUD, S. "A Interpretação dos Sonhos", FREUD, S. "O Inconsciente".
22. FREUD, S. "Contribution...", op.cit., p.123 e 127.
23. Idem, ibidem, p.128.
24. Idem, ibidem, p.117.
25. FREUD, S. "Alguns Pontos para o Estudo Comparativo das Paralisias Motoras Orgânicas e Histéricas". ESB, vol.I, p.223; AM, p.197.
26. Idem, ibidem, ESB, p.229; AM, p.202.
27. Idem, ibidem, ESB, p.234; AM, p.206.
28. Idem, ibidem, ESB, p.236; AM, p.208.

29. GABBI JR, D.F., op.cit., p.197.
30. FREUD, S. "Resenha de Hipnotismo, de August Forel". ESB, vol.I, p.143-144; AM, p.105-106.
31. Idem, ibidem, ESB, p.140; AM, p.102.
32. Idem, ibidem, ESB, p.144; AM, p.105.
33. Idem, ibidem, ESB, p.144; AM, p.106.
34. Idem, ibidem, ESB, p.140; AM, p.102.
35. Idem, ibidem, ESB, p.140; AM, p.102-103.
36. Idem, ibidem, ESB, p.140; AM, p.103.
37. FREUD, S. "Prefácio à Tradução de Suggestion, de Bernheim". ESB, vol.I, p.117; AM, p.77.
38. Idem, ibidem, ESB, p.120; AM, p.84.
39. Idem, ibidem, ESB, p.120-121; AM p.84.
40. Idem, ibidem, ESB, p.129; AM, p.90.
41. FREUD, S. "Histeria", ESB, vol.I, p.89; AM, p.53.
42. Idem, ibidem, ESB, p.90; AM, p.54.
43. Idem, ibidem, ESB, p.97; AM, p.60-61.
44. Idem, ibidem, ESB, p.99; AM, p.62.
45. FREUD, S. "Hipnose", ESB, vol.I, p.162; AM, p.144.
46. BREUER, J., FREUD, S. "Comunicação Preliminar". In: Estudos Sobre a Histeria, op. cit., ESB, p.52; AM, p.37.
47. FREUD, S. "Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos: Uma Conferência". ESB, vol III, p.52; AM, p.40.
48. BREUER, J., FREUD, S. "Comunicação Preliminar", op. cit., ESB, p.47; AM, p.32.
49. MASSON, J. M. **A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro:

- Imago, 1986, Rascunho G., p.102.
50. BREUER, J., FREUD, S. "Comunicação Preliminar", op. cit., ESB, p.49; AM, p.34.
51. FREUD, S. "Sobre o Mecanismo Psíquico...", op. cit.
52. Idem, ibidem, ESB, p.49; AM, p.38.
53. FORRESTER, J. **Seduções da Psicanálise**. Trad. Marcos S. Nobre. Campinas: Papirus, 1990, p.173.
54. FREUD, S. "As Neuropsicoses de Defesa", ESB, vol.III, p.57; AM, p.47.
55. Idem, ibidem, ESB, p.61; AM, p.51.
56. FREUD, S. "Sobre o Mecanismo Psíquico...", op. cit., ESB, p.50; AM, p.39.
57. MASSON, J.M., op. cit., Rascunho H, p.108.
58. FREUD, S. "Psicologia de Grupo e Análise do Eu", cap.VIII, ESB, vol.XVIII, p.145; AM, p.108.
59. FREUD, S. "A Psicoterapia da Histeria". In: Estudos Sobre a Histeria, ESB, vol.II, p.326; AM, p.276.
60. FREUD, S. "Estudos...", op. cit., ESB, p.153 e segs, p.184 e segs.; AM, p.124 e segs., p.151 e segs.
61. Idem, ibidem, ESB, p.182; AM, p.149.
62. Idem, ibidem, ESB, p.107; AM, p.84.
63. LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.-B., **Vocabulário de Psicanálise**. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p.72.
64. FREUD, S. "A Psicoterapia da Histeria", op. cit., ESB, p.311; AM, p.263.
65. Idem, ibidem, ESB, p.333; AM, p.282.
66. FREUD, S. "A Etiologia da Histeria", ESB, vol.III, p.232; AM, p.204.

67. FREUD, S. "A Psicoterapia da Histeria", op. cit., ESB, p.348; AM, p.295.
68. Idem, ibidem, ESB, p.345-347; AM, p.293-295.
69. Idem, ibidem, ESB, p.346; AM, p.295.
70. Idem, ibidem, ESB, p.347; AM, p.295.
71. Idem, ibidem, ESB, p.349; AM, p.297.
72. FREUD, S. "Estudos...", op. cit., ESB, p.97; AM, p.76.
73. Idem, ibidem, ESB, p.110; AM, p.86-87.
74. Idem, ibidem, ESB, p.113; AM, p.89.
75. Idem, ibidem, ESB, p.209; AM, p.174.
76. FREUD, S. "Projeto...", op.cit., p.395; AM, p.339.
77. Idem, ibidem, ESB, p.397; AM, p.341.
78. Idem, ibidem.
79. Idem, ibidem, ESB, p.398; AM, p.341.
80. Idem, ibidem, ESB, p.397; AM, p.341.
81. Idem, ibidem, ESB, p.400; AM, p.344.
82. Idem, ibidem, ESB, p.401; AM, p.344.
83. Idem, ibidem, ESB, p.401; AM, p.345.
84. Idem, ibidem, ESB, p.411; AM, p.353.
85. Idem, ibidem.
86. Idem, ibidem, ESB, p.409; AM, p.351.
87. Idem, ibidem.
88. Idem, ibidem, ESB, p.426; AM, p.366.
89. Idem, ibidem, ESB, p.427; AM, p.367.
90. Idem, ibidem, ESB, p.425, AM, p.365.
91. Idem, ibidem.
92. Idem, ibidem, ESB, p.422, AM, p.363.

93. Idem, ibidem, ESB, p.421, AM, p.362.
94. Idem, ibidem, ESB, p.422, AM, p.363.
95. Idem, ibidem, ESB, p.479, AM, p.413. Essa descrição do sistema de linguagem pode nos remeter à comparação feita no estudo sobre as afasias, onde o autor sugere que as representações de palavra seriam como as letras do alfabeto - limitadas e exclusivas.
96. Idem, ibidem, ESB, p.428; AM, p.368.
97. Idem, ibidem, ESB, p.436-437; AM, p.375-376.
98. Idem, ibidem, ESB, p.434; AM, p.373.
99. Idem, ibidem.
100. Idem, ibidem, ESB, p.435; AM, p.374.
101. Idem, ibidem, ESB, p.438; AM, p.376.
102. Nesse caso adotamos a tradução da Edição Standard: (re)conhecer. Essa forma de escrever nos parece sugestiva, uma vez que, para FREUD, a atividade judicativa parece sempre envolver, simultaneamente, o recordar e a possibilidade de conhecimento de algo novo - há uma parte do complexo que permanece inassimilável.
103. FREUD, S. "O Projeto...", op. cit., ESB, p.438; AM, p.377. A Edição argentina, emprega a expressão "coisa do mundo", sendo o termo freudiano DAS DING - a coisa.
104. Idem, ibidem, ESB, p.440; AM, p.378.
105. Idem, ibidem, ESB, p.457; AM, p.394.
106. Idem, ibidem, ESB, p.426; AM, p.366-367.
107. MASSON, J.M., op. cit., carta de 15 de outubro de 1895, p.145.
108. Idem, ibidem, Rascunho K, p.165.

- 109.FREUD, S. "A Interpretação dos Sonhos", ESB, vol.IV, p.250; AM, p.247.
- 110.MASSON, J.M., op. cit., carta de 6 de dezembro de 1896, p.208.
- 111.DERRIDA, J. "Freud e a Cena da Escritura". In: **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971, p.205.
- 112.FREUD, S. "Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental", ESB, vol.XII, p.280; AM, p.225.
- 113.MASSON, J.M., op. cit., carta de 6 de dezembro de 1896, p.209.
- 114.FREUD, S. "Estudos...", op. cit., ESB, p.225 e segs.; AM, p.189 e segs.
- 115.Idem, ibidem, ESB, p.230; AM, p.193.
- 116.Idem, ibidem, ESB, p.231; AM, p.193.
- 117.Um dos momentos mais significativos em que Freud abarca a questão da existência de uma língua básica está no relato clínico do Presidente Shereber. Ver FREUD, S. "Notas Psicanalíticas Sobre Um Relato Autobiográfico De Um Caso de Paranoíia", ESB, vol. XII.
- 118.SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Faes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1988, cap.I, parte I.
- 119.FREUD, S. "Projeto...", op. cit., ESB, p.459-460; AM, p.396-397.
- 120.Idem, ibidem, ESB, p.467; AM, p.402.

CAPITULO 2

No capítulo anterior, vimos como o uso da sugestão hipnótica pautava-se na autoridade da palavra do médico, que visava arrancar segredos da fala dos clientes, o que não deixava de assumir o tom de uma confissão.(1) O método catártico de BREUER pressupunha a perda de um elo associativo na cadeia normal de pensamentos por influência de uma experiência traumática que teria impedido o esquecimento ou o desgaste da idéia. Partindo da noção de defesa neurótica, FREUD articula esse não-desgaste ou a persistência de uma idéia que não havia sofrido ab-reação (pela associação com outras idéias ou pela ação) com um mecanismo particular do funcionamento psíquico. O "*não poder saber*" dos estados hipnóides de BREUER daria lugar a uma articulação entre um "*não querer saber*" e "*não poder saber* introduzido pela teoria do recalçamento.

A fala na análise assumia, assim, o aspecto de um instrumento denotativo que restabeleceria a conexão entre um afeto estrangulado e a representação insuportável a respeito da qual não se queria/ não se podia saber coisa alguma. O insuportável, para FREUD, ligava-se àquilo que da sexualidade do outro não se podia discernir ou ser reconhecido(2) pela criança, cujo corpo imaturo, desprovido da possibilidade de expressar psiquicamente a sexualidade, não dispunha dos meios para operar ligações simbólicas que promovessem uma reação associativa adequada ao desgaste de tais idéias.

Percebe-se, pois, que os dispositivos clínicos iniciais da

Psicanálise (hipnose, sugestão e método catártico), cujas peculiaridades ressaltamos no capítulo anterior, não deixavam de estar fundamentados teoricamente. Reencontrar, pelo viés da palavra diretiva do médico, a nomeação adequada para um afeto deslocado, tal era a função primordial de "correção associativa", assumida pela fala na análise nesse período.

O mesmo podemos supor para o caso da adoção do método da livre associação, que, como salientamos, não se implantou subitamente nem casualmente no trabalho clínico de FREUD. Estabeleceu-se lentamente, entre os anos de 1892 e 1898, sem deixar, inclusive, de figurar, por um bom tempo, ao lado da hipnose e de outras técnicas.

Pretendemos, ao longo deste capítulo, buscar algumas referências, na obra freudiana, que possam fundamentar teoricamente o emprego da técnica da livre associação, marca distintiva do método psicanalítico.

O adjetivo "*livre*" dessa expressão, como já ressaltamos, não sugere, definitivamente, a idéia de uma libertação do sujeito em relação a suas palavras. Apenas indica a ausência de pré-fixação de um ponto de partida para a cadeia associativa. Teremos a oportunidade de mostrar que essa alteração do procedimento clínico é proporcionada por avanços teóricos no pensamento freudiano, que afetam, necessariamente, a concepção do papel da linguagem subjacente à proposta da Psicanálise. O conceito de fantasia inconsciente ocupa o centro desse processo de retificação teórico-clínica e sobre ele concentraremos nossa atenção.

Em outros termos, gostaríamos de rastrear as relações

existentes entre a fala na análise - que não é uma fala qualquer, posto que se criou um método original, bem distinto dos experimentos associacionistas empregados por WUNDT(3) - e a consistência dos processos psíquicos, cujo primeiro modelo se postulou, como vimos, em termos de um aparelho de linguagem.

Acreditamos, portanto, que a maneira de se acolher a fala na análise (o que se dá pela adoção de técnicas distintas em períodos diversos) encontra reflexos num determinado embasamento teórico e, mais particularmente, em possíveis formas de abordagem da questão da linguagem nos escritos freudianos.

2.1 As Fantasias

No início do ano de 1897, algo de novo pronuncia-se no discurso freudiano, que, já havia alguns anos, vinha contornando por diversos ângulos a áspera questão da etiologia das neuroses.

Novamente são os documentos enviados a FLIESS os norteadores da primeira expressão freudiana acerca das fantasias histéricas.

Um argumento clínico remete o autor para os tribunais eclesiásticos,(4) de onde retornavam as confissões das bruxas, vitimadas invariavelmente pela sedução do demônio. Em muitos pontos, o discurso histérico costumava repercutir os relatos seculares das bruxas. Também as histéricas eram, freqüentemente, vítimas de crueldades que envolviam abusos sexuais, aos quais reagiam com repugnância.

Nada de novo esboça-se aí, até que, ao final da pequena missiva, FREUD sugere que os pacientes histéricos pudessem

construir cenas semelhantes por meio de ficções.(5)

Apenas a primeira fresta é aberta, então, para que se possa introduzir o conceito de fantasia. FREUD ainda não se desvencilhara completamente da crença na realidade da cena que por tanto tempo assegurara a pucntualidade factual deflagadora das neuroses.

O que se segue é um debate gradual em torno da fantasia e da realidade até o ponto em que seja possível prescindir da distinção entre esses dois conceitos, mediante uma retificação global dos pressupostos teóricos até então prevalentes.

Em 6 de abril de 1897 surge a primeira definição do que se entende por fantasia:

"O que tenho em mente são as fantasias históricas que, tal como as vejo, remontam sistematicamente a coisas que as crianças entreouvem em idade precoce e só compreendem numa ocasião posterior".(6)

A "arquitetura fantasmática" (7) seria, pois, um construto a posteriori, que se serviria de fragmentos do real, resíduos do ouvido e também do visto.

A ênfase atribuída à palavra ouvida já se fizera notar no texto das afasias, no qual o componente acústico da fala, ainda que inextrincável às funções da escrita, da leitura e da motricidade da palavra falada, seria preponderante, por merecer a primeira inscrição na ordem da aquisição da linguagem. (8)

No "Projeto...", ela viria a desempenhar, como já

ressaltamos, "a importantíssima função secundária da comunicação", marcando, portanto, a passagem fundamental do processo primário ao secundário, o objeto do desejo fundando-se aí como não natural, inapto à absorção instantânea da satisfação. O grito deve ser incorporado à ação específica, deve adquirir um sentido ao suscitar uma resposta no outro, na medida em que denota algo e presta-se, assim, a uma ambigüidade. Ele passa a ser algo mais do que um mero sinal de fome, pois sua capacidade denotativa não se esgota aí. Certamente a palavra do outro serve para dar a medida normal da nomeação dos objetos, sem o que nenhuma comunicação seria possível, mas a linguagem humana não se processa fora da dimensão do engano e do erro a que está atrelado o desejo.

Esse aspecto canhestro da linguagem é, cada vez mais, subordinado por FREUD, às manifestações do inconsciente, que vinham figurando no centro de sua pesquisa havia um bom tempo. Veremos mais adiante como o interesse freudiano ultrapassará o campo dos eventos tipicamente patológicos (sintomas) para deter-se em ocorrências banais do funcionamento normal da linguagem.

Até o presente momento, o sintoma neurótico tinha sido o principal alvo das indagações e reflexões freudianas. Caberia situar de novo, de acordo com o que foi estudado por nós anteriormente, o dilema teórico em que FREUD se viu envolvido ao tentar explicar, por vias distintas, a natureza dos efeitos absurdos e enganosos do sintoma. Uma certa abordagem, fiel aos pressupostos de BREUER sobre o princípio de constância, concebia o sintoma como produto de alterações (aumento, acúmulo, descarga, diminuição) de cargas afetivas. A outra, tendia a inscrever as

produções sintomáticas no quadro dos jogos associativos entre representações, em que se salientavam as funções do desejo e do conflito. Decorrem desta última linha de pensamento as condições para o estabelecimento da noção de *"formação de compromisso"*.

Vimos como o modelo tópico proposto por FREUD na Carta de 6/12/96 pôde começar a dissolver os paradoxos do recalque do desejo e ainda mostrar as relações do inconsciente com a linguagem: um sistema de *"notações"*, sujeito a retranscrições e rearranjos. A partir desse modelo, pode-se pensar o sintoma como sendo o efeito da falha na tradução de um arranjo para outro ou uma outra versão de um texto a ser lido sob determinadas condições. Se o recalque não incide mais sobre a representação de uma cena, fonte de desprazer, mas apenas sobre a possibilidade de sua transcrição para um arranjo onde é capaz de gerar uma nova denotação, o desejo tampouco poderá ser entendido como um bem em si mesmo, algo que se teve e de que se foi destituído em seguida, mas como algo que tem a própria falha por condição.

O conceito de fantasia, tal como foi introduzido por FREUD ao longo do ano de 1897, reforça, a nosso ver, essa segunda linha de abordagem dos eventos psíquicos, uma vez que privilegia o registro da palavra ouvida e sua utilização em contextos associativos subjetivos. Não pretendemos, com isso, ofuscar ou desconsiderar a importância da noção de afeto nos escritos freudianos. Tampouco nos parece plausível opor os termos afeto e representação com o intuito de alimentar velhas dicotomias do tipo somático *versus* psíquico, matéria *versus* espírito, corpo *versus* mente, etc. Apenas chamamos a atenção para o fato de

FREUD não haver enveredado pela vertente naturalista a ponto de se empenhar, por exemplo, na formulação de uma energia psíquica determinada, quantificável e substancializada, que, por si só, pudesse justificar os enigmas do psiquismo.

Na Carta de 2 de maio de 1897, dois novos pontos são acrescentados à definição já apresentada. Os restos daquilo que é ouvido e só posteriormente compreendido constituem material autêntico e as fantasias são *"estruturas protetoras, sublimções de fatos, embelezamentos deles"*.(9)

A autenticidade atribuída ao material de que são feitas as fantasias revela a preocupação de FREUD em preservar algo da facticidade das cenas infantis - as sensações corporais geradas durante a produção das fantasias -, de maneira a se poder deduzir que, com o uso de material verdadeiro, o produto prestava-se ao disfarce e ocultamento de fatos. Há uma oposição nítida, como dizíamos, entre a realidade (as sensações realmente ocorreram) e a fantasia, entendida como *"fachada psíquica"*(10) das mesmas.

Entretanto, poucas linhas abaixo, na mesma carta, FREUD nos diz que

"as estruturas psíquicas, que, na histeria, são afetadas pelo recalçamento, não são na verdade lembranças, já que ninguém se entrega à atividade mnêmica sem um motivo, e sim impulsos decorrentes das cenas originárias".(11)

O conceito de lembrança traumática, tal como vinha sendo

postulado nos moldes da teoria da sedução, sofre um abalo progressivo. O recalque não incidiria sobre lembranças-chave, a serem recuperadas como peças faltantes de um certo quebra-cabeça, pela atividade rememorativa. O sujeito entrega-se à atividade mnêmica, ele é como que forçado a fazê-lo, por uma exigência de satisfação pulsional, cujo destino fundamental é o investimento dos traços de memória restantes da cena. A pulsão só se apresenta pelos representantes psíquicos que a ela se ligam, ou seja, pelo contorno possível do arranjo fantasmático. A memória mais claramente se apresenta como governada pelo desejo, e uma dialética da sedução torna-se visível, já que a criança, entregue fatalmente à sexualidade do outro, vê-se convocada, ela mesma, a seduzir.

Incluído está, portanto, o papel dos impulsos perversos na formação da fantasia. Disso decorrerá a descoberta, não muito distante, da sexualidade infantil.

Jean LAPLANCHE em seu livro "Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia", (12) interroga o posicionamento de Suzan ISAACS frente às relações entre pulsão e fantasia. Lembra que, segundo a autora, a fantasia seria a expressão direta do investimento pulsional, a tal ponto que, para cada zona erógena alvejada, corresponderia uma tradução psíquica envolvendo um verbo de ação (devorar) e um objeto adequado (seio), sendo que, nessa estrutura, o sujeito assumiria posições cambiantes entre a atividade e a passividade. Segundo LAPLANCHE, a leitura da autora permite conceber uma aptidão pulsional em intuir previamente o objeto. Não há como negar o caráter biologizante dessa abordagem, que propõe, para a pulsão, os

designios atribuíveis ao exercício instintual, no qual um aprendizado acumulativo e domesticador viria sincronizar as relações entre o sujeito e o objeto.

FREUD destacou, desde cedo,(13) a indeterminação prévia do objeto da pulsão, que não é dado de antemão, mas captado na sua contingência para servir ao objetivo imperioso de qualquer pulsão: a satisfação. Insistiu, ainda, em assinalar o caráter excessivo das pulsões em relação ao instinto, guardião das premências da necessidade. Entendemos que a fantasia cumpre a função de circunscrever esse excesso, sempre a partir dessa convocação feita à criança que assiste, muito precocemente, à inserção de seu corpo num campo discursivo ao qual ele se subordina. A satisfação pulsional não se desliga do eixo representacional que a circunda, embora nenhuma representação esgote aquilo que persiste como força constante.(14)

Torna-se interessante evocar, ainda nesse momento, mais uma questão apontada por Jean LAPLANCHE em outra obra. (15) Sua indagação incide sobre a prevalência, na nova teoria freudiana, da eficácia de um sentido que só se dá depois. Se o corpo infantil cada vez mais se mostra apto a acolher o sentido do sexual, por que continuaria havendo um lapso, uma suspensão temporal entre a impressão sexual e o seu retorno? Por que a significação das representações sexuais, e só elas, permanecem sujeitas ao recalque, uma vez que a precocidade de seu surgimento não se liga mais a uma insuficiência somática do corpo biológico ainda por amadurecer? Por que um ponto de incompreensão, de não sentido entre um tempo e outro?

A pertinência dessas interrogações exige - o que LAPLANCHE não deixa de propor - uma reconsideração do conceito de trauma que, ao contrário do que puderam pensar alguns autores,(16) não se desintegrou com o abandono da teoria clássica da sedução.

O trauma persiste como aquilo que não adquire uma resposta imediata, uma tradução completa, donde o excesso pulsional, refratário a uma significação única, acabada. O corpo, não sendo ele um corpo biológico, está sujeito, como acentuamos a respeito da vivência de satisfação, à resposta inevitavelmente ambígua ou enigmática proveniente do objeto a que se endereça a exigência de satisfação. Pode-se dizer, com FORRESTER, que *"por todos os escritos de FREUD permanecerá o conceito de que existe algo sobre o sexual que está além da capacidade de a mente determinar"*,(17) algo que se exprime numa *"falta de coordenação entre o sexual e o verbal"*.(18)

Veremos, na sequência desta exposição, como, cada vez mais, FREUD dirige sua preocupação para o que se apresenta, no discurso dos pacientes, como lacunar, descontinuo, fragmentário.

Até aqui, o que vimos sobre a elaboração do conceito de fantasia empreendida por FREUD resumir-se-ia no seguinte:

- o material de que são feitas as fantasias compõe-se de traços mnêmicos, restos do visto e do ouvido - o que sugere claramente a idéia de uma construção.(19)

- comparecem ainda, nessa arquitetura, impulsos perversos, apontando para uma atividade erótica da criança.

- uma não-compreensão simultânea e imediata do material (as sensações sexuais vivenciadas), só denotado posteriormente quando acede ao registro da representação e ainda, de forma

incompleta, porque está fadado ao recalque.

Todas essas idéias, indiscutivelmente novas, gravitam, porém, ainda, em torno de um ponto de tensão, que se refere à possível oposição entre realidade e fantasia. Retornemos ao encaminhamento dado por FREUD a essa questão.

No Rascunho M, a formação das fantasias envolveria técnicas de distorção, amalgamação e fragmentação, com desprezo das relações cronológicas somente corrigíveis pelo sistema da consciência. As fantasias são esse arranjo complexo, cuja *"conexão original torna-se impossível de rastrear"*.⁽²⁰⁾ O todo, ou o produto final da fantasia, não se reduz à somatória das partes a serem reencontradas e recontextualizadas de maneira a revelarem uma verdade anterior indisfarçável. O próprio disfarce (ou ficção) já contém a verdade e esta, estando referida ao desejo, tem por condição o disfarce, uma vez que o desejo requer, necessariamente, a ação do recalque. A conexão original, ou o que estaria por trás da fantasia, representações de sensações sexuais, deixa de ter importância enquanto sentido velado, antecipável ao exercício das associações no processo da análise.

A teoria da sedução, enquanto um invariante explicativo dos processos patológicos (formação de sintomas), perde, progressivamente, por todas as evidências que o trabalho teórico-clínico fornece, seu estatuto de solução nuclear evocável pela fala. Os sintomas são produtos de fantasias, que se constroem basicamente pela palavra ouvida - a própria palavra podendo ser concebida como formação de compromisso. Por conseguinte, os sintomas participam da constituição dos processos

psíquicos e não são resultado de um dispositivo alheio a eles. A fantasia é uma cena que agora independe da referência a uma vivência historicamente datada, em cuja construção comparecem resíduos de sensações sexuais denotados pela palavra ouvida.

A declaração feita em 21 de setembro de 1897 ao amigo FLIESS, o famoso *"não acredito mais em minha neurótica"*, ancorava-se, necessariamente, no metódico trabalho de formulação da noção de fantasia que antecedeu a ele. Seriam várias as razões atribuídas por FREUD a esse descrédito. A debandada dos clientes; a improbabilidade de que existissem mais pais perversos do que casos de histeria, já que a eclosão da neurose dependia de fatores adicionais; a certeza de que, no inconsciente, não há indicações de realidade, de modo a não se poder encontrar distinção entre verdade (WAHRHEIT) e ficção (FIKTION).(21)

A evasão dos clientes demonstrava que algo relativo à escuta dos discursos na análise não ia muito bem. Não seria justamente o fato de que ela estaria orientada por um saber antecipado, que alvejava um ponto último de desenlace da cadeia associativa - uma cena a ser recoberta pela palavra - o motivo da fuga dos clientes? A predominância da *"lógica do assentimento"* apontada por WITTGENSTEIN, (22) segundo a qual o que se diz (no caso, o que se diz em análise) ecoa um discurso previsível, uma maneira costumeira e sedutora de se fazer referir o presente a algo acontecido há muito tempo atrás, não seria difícil de reconhecer na clínica freudiana desse período.

A constatação de que, no inconsciente, não se dispõe de um recurso para discernir verdade de ficção seria o resultado de

todo o debate que apresentamos anteriormente acerca das fantasias. Esse ponto nos interessa em especial, pois aponta para a peculiaridade que adquire a concepção da linguagem para a Psicanálise. Não se poderia mais, a partir dessa constatação, fazer uso da palavra na análise para descrever estados internos subjetivos ou externos, ou para evocar vivências anteriores, uma vez que o critério para diferenciar uma cena de sedução verdadeira de uma falsa perde sua importância. O elemento relevante é a sensação sexual que teima em não ser reconhecida como tal. A palavra não serve para corrigir nada (encontrar a conexão justa para o afeto deslocado), nem para dar a medida objetiva da realidade material. A cena traumática seria antes o produto, o resultado de uma montagem subjetiva do que uma realidade totalmente extralingüística a ser retratada, expressa ou tornada pública pela utilização da linguagem e da fala. A criação da possibilidade denotativa no plano da representação de palavra - que nos escritos freudianos começa a surgir como pólo privilegiado das operações primárias do inconsciente (deslocamento e condensação) - não é aleatória, caótica, mas organizada a partir do desejo encenado na fantasia.

A metáfora do quebra-cabeça utilizada por FREUD no texto "A etiologia da histeria" (1896), que tivemos oportunidade de comentar no capítulo anterior, poderia ser repensada à luz da reelaboração da teoria. Não se encontraria mais, no trabalho interpretativo, tão facilmente, uma correspondência unívoca entre uma lacuna e sua peça faltante, até que uma última peça viesse a preencher a derradeira lacuna e fornecesse uma visão coerente e

global do quadro. Se o fundamento do sintoma está na construção da fantasia, que envolve, como vimos, um arranjo não comprometido com as regras do tempo cronológico e com a distinção entre realidade material e realidade psíquica, o seu deciframento terá também que levar em conta outras regras.

Para FREUD permanecerá válida a exigência de coerência lógica entre o conjunto lacunar (um quebra-cabeça incompleto) e os elementos faltantes (elos associativos) a serem buscados no trabalho de interpretação, mas tal trabalho não poderá prescindir da livre associação, da noção de sobredeterminação sintomática e da consideração de que a própria palavra é uma formação de compromisso, o que implica o estabelecimento de uma relação muito peculiar entre o falante e aquilo que ele diz, visto que o sentido não se pode emancipar do exercício da fala, não está reservado às palavras, mas depende de sua conexão no momento mesmo em que são proferidas. Não há garantias quanto ao sentido, portanto não há autonomia e assenhoreamento do sujeito sobre o que ele diz.

A imagem do quebra-cabeça infantil é retomada por FREUD muitos anos depois, em um artigo intitulado "Observação sobre a teoria e a prática da interpretação dos sonhos" . (23) A comparação é muito semelhante à que surgira no artigo de 1896, mas aqui, ao produto significativo advindo da interpretação alia-se um "*sentimento de convicção subjetiva*" de quem fala com respeito à propriedade ou não do que é dito ou encontrado como elo faltante. O analista é mobilizado também por essa convicção. Retornaremos, mais adiante, aos desdobramentos dessa expressão freqüentemente utilizada por FREUD preferencialmente em relação à

questão da interpretação na análise. Por ora, podemos já supor que essa certeza, frente a produção do sentido, estaria mais ligada ao efeito inesperado das possíveis significações do que à previsibilidade de um sentido soterrado, oculto, a ser extirpado pela técnica do deciframento. Seria curioso lembrar, ainda, que à época das primeiras análises freudianas da histeria, o caráter alucinatório de certas recordações extremamente vividas parecia servir de critério de correspondência a uma verdade. Quanto mais nítidas as recordações, mais verídicas eram consideradas as lembranças. Tudo se passava como se o elemento perceptual da lembrança remetesse ao índice sensorial da vivência ocorrida no passado, o que podia atestar uma precisão quanto ao acesso a uma verdade. Nesse momento, acreditava-se na eficácia de uma revivescência da cena que desse vazão ao afeto e não na eficácia do próprio discurso produtor de novas conexões semânticas.

Pensamos ter podido mostrar como a revisão dos fundamentos da teoria das neuroses, efetuada em 1897, colocou em evidência a importância da palavra ouvida na constituição das fantasias inconscientes que não podem ser entendidas como o mundo interno imaginário ou ilusório, o mundo de dispersão das imagens visuais. Certamente, a fantasia remonta a uma cena, a uma espécie de dramatização, tal como o sonho, mas esse cenário não dispensa o seu "*script*", o seu texto, não prescinde do uso denotativo da linguagem. Note-se, de passagem, que uma das obras mais significativas de FREUD sobre a fantasia apresenta as variações de uma mesma cena fantasmática encerrada numa única frase. O sujeito (criador da fantasia de espancamento) assume posições

diversas na frase, ora numa posição passiva, em que se oferece ao espancamento, ora identificando-se com o autor da crueldade.(24)

Somente a partir desse desdobramento, a técnica da livre associação pôde encontrar seu pleno reflexo na teoria, uma vez que não só a fantasia, mas todas as outras manifestações do inconsciente - sonhos, lapsos, atos falhos, sintomas - são feitos de palavras e servem para realizar desejos. O desejo, tendo como corolário essencial o recalque, só pode ser semidito e os recursos de linguagem, como veremos, prestam-se muito bem ao movimento de encobrimento-revelação típico das expressões do inconsciente. Somente o encadeamento das associações, as ligações entre representações podem permitir o surgimento de um sentido não previsto pelo falante, mas comprometido com as marcas do seu desejo inconsciente. Nesse sentido, dissemos que a própria palavra é vista por FREUD como formação de compromisso.

Poucos meses após o abandono da teoria clássica da sedução, FREUD escreve a FLIESS, com respeito à neurose obsessiva, que teria encontrado a confirmação de que

*"o local em que irrompe o recalque é a **representação de palavra** e não o conceito ligado a ela. (mais precisamente, na memória das palavras). Daí serem as coisas mais dispares prontamente reunidas numa idéia obsessiva, sob a égide de uma só palavra de sentidos múltiplos".(25)*

O recalque não incide sobre temas, conteúdos ou afetos substanciais, mas sobre palavras que, diante da possibilidade de

conexão com outras palavras e da iminência do desprazer daí decorrente, sofrem uma tradução incompleta. A disparidade é o resultado dessa tradução falha, e o que fica recalcado (e que não é o conceito ou significado corrente das palavras) pode ser suscitado por vínculos de semelhança ou contigüidade mediante a associação.

O exemplo escolhido por FREUD para ilustrar seu argumento é o de uma mulher que expressava uma idéia fixa compulsiva, que insistia ao fim de sua aula de costura: "*Não, você não deve ir embora, você ainda não acabou, ainda precisa fazer mais, ainda precisa aprender todo tipo de coisas*". Ao fim de uma aula onde ela está envolvida com um aprendizado, uma frase desproporcionada interfere na mais trivial ação de finalizar uma tarefa. Do contexto original, pela ativação da memória das palavras, pela via da associação, incide sobre os termos "acabou", "fazer" e "aprender", um outro sentido, dotado de motivação inconsciente e, mais precisamente, da motivação decorrente dos empregos da pulsão anal. As cenas infantis interuseram-se ao discurso, revelando situações em que, sentada ao vaso e desejando sair de lá, era tomada pela mesma compulsão de não sair, de continuar a fazer, porque ainda não havia terminado.

Os termos que surgem na frase compulsiva atual (durante aula de costura) são exatamente os mesmos que suscitam a cena infantil, mas estão unidos por outros nexos, de maneira a exprimir um absurdo. O próprio absurdo provoca um mal-estar, pois não deixa de evocar, pela ambigüidade dos termos, uma atividade pulsional cujos representantes não foram traduzidos por completo.

O sentido corrente, previsto na língua, é subvertido pelo exercício do discurso.

FREUD então lança mão de uma hipótese - a qual admite pertencer a uma antiga fantasia sua - segundo a qual, a palavra "fazer" teria passado, ao longo do tempo, devido a transformações lingüísticas, por uma mudança análoga de sentido. Ou seja, primitivamente, ela conteria um sentido original diferido no tempo. Existiriam termos "*originalmente copro-eróticos*", (26) ou seja, termos que denotavam diretamente sensações sexuais anais. Nos "Estudos...", destacamos um pequeno trecho em que era enfatizado o método histérico de se tomar expressões figuradas em seu sentido literal. Essa antiga fantasia não deixará de encontrar ressonâncias no futuro, notadamente, quando da influência, no texto de FREUD, da escola de Zurich e dos estudos junguianos. Há todo um desdobramento a ser feito no que concerne ao chamado "simbolismo" da Psicanálise, que estudaremos no próximo capítulo.

A passagem acima citada incita-nos a esboçar uma questão de importância decisiva para os propósitos de nossa pesquisa. Se, por um lado, os esforços dispendidos por FREUD para incorporar o conceito de fantasia a convicções teóricas já concretizadas - e que lhe pareciam, até esse momento, tão consistentes - poderiam ter inaugurado um novo rumo e um encaminhamento totalmente inédito para as indagações da Psicanálise, por outro, eles mantiveram a crença de que as palavras servem para denotar coisas. Com efeito, sustentar tal ponto de vista, implica conceber o sentido como estando determinado por uma relação

denotativa, onde o desejo decorre de uma realidade sexual anterior à linguagem, e esta, funciona como índice para os investimentos pulsionais.

Partimos do pressuposto de que os escritos de FREUD não comportam uma linearidade evidente, e, por esse motivo, abrigam momentos de tensão, que, justamente, podem ser os mais promissores quando se trata de empreender um exercício crítico sobre sua obra. Assim, sugerimos que, por meio da elaboração do conceito de fantasia, poderia ser abolida totalmente a dicotomia entre realidade psíquica e realidade material - donde a dificuldade de se imaginar uma origem cristalina sob uma ficção equivocada. Contudo, FREUD retorna ao pressuposto de uma língua originária modificada e deturpada posteriormente. Novamente se torna patente a obstinação freudiana pela busca de uma origem esclarecedora dos enigmas e contra-sensos psíquicos. Talvez fosse possível sugerir que aí estaria um bom antídoto contra a transformação da Psicanálise numa mera narrativa de contos não ancorada em pressupostos científicos válidos. O mais interessante seria notar, entretanto, que a própria teoria freudiana incumbe-se, em certos momentos, de datar o prazo de validade desse antídoto, apresentando-o como ineficaz, insuficiente e dispensável.

A questão básica decorrente da oposição entre associação livre e simbolismo é inevitável: pode a Psicanálise, enquanto prática terapêutica, do ponto de vista mesmo de sua ética, prescindir do discurso do sujeito que envolve o analista pela via da transferência? O desejo pode ser antecipado à fala ou exige uma (re)construção que inclui os pontos privilegiados pela

fantasia? Há, no inconsciente freudiano, um substancialismo universal e restrito que o reduza a uma simbólica?

Esses são aspectos cruciais de nossa discussão, mas que merecem ser introduzidos a seu tempo, quando, mais especificamente, estivermos tratando da questão da interpretação na análise.

2.2 Encobrir, revelar

O artigo de 1899, "Lembranças encobridoras", fornece-nos uma bela ilustração dos métodos de representabilidade do inconsciente, tendo como suporte o conceito de fantasia.

Uma primeira curiosidade é destacada logo em seu início. As lembranças infantis surgem como meros detalhes insignificantes, que dificilmente atraem o interesse de alguém. Há, para isso, segundo FREUD, uma explicação. Uma retenção incompleta na memória do material psíquico e uma omissão de elementos fundamentais para a restituição da lembrança estariam gerando o absurdo. (27) O modelo da Carta de 6/12/96 torna-se discernível: uma retranscrição dos traços que deixa um resto não traduzido.

O empenho freudiano nesse momento é o de investigar os mecanismos psíquicos que justificassem algo que havia bastante tempo(28) já se evidenciara na clínica das neuroses como três modos distintos de manifestação do afeto: o deslocamento interno à esfera psíquica (neurose obsessiva), a conversão para um suporte corporal (histeria) e a transformação direta em angústia (neurose de angústia).

A ênfase recai sobre o mecanismo do deslocamento psíquico. A trivialidade notável do que surge na memória é justificada pela crença de que houve uma espécie de migração do afeto de uma representação para outra (bem mais trivial), sendo que a segunda assume um novo valor que não lhe pertencia antes. O movimento do afeto se dá em função do conflito e do recalque. Elementos objetáveis emprestam sua intensidade psíquica a outros que passam a representá-los e assumem, como delegados, a incumbência da representação sem, entretanto, abolir a presença dos que foram substituídos. Mesmo ausente ou não completamente representado, o recalcado está presente.

Deve haver, no entanto, uma lei que oriente os designios do afeto. A memória é sempre seletiva, o afeto não se desloca ao acaso e as substituições e deslocamentos não se dão aleatoriamente.

FREUD volta a apontar os métodos associativos vislumbrados anteriormente quando da discussão sobre as afasias: associações por contigüidade (no deslocamento) ou "uma repressão (*esforço de desalojamento*) com substituição por algum elemento vizinho (*dentro do nexo de lugar e de tempo*)"(29). A substituição envolveria uma conciliação mais nítida entre os elementos do processo. FREUD ainda não emprega o termo condensação para designar o último mecanismo, utilizado mais tarde em "A interpretação dos sonhos".

Esses mecanismos essenciais estariam presentes em todos os sintomas neuróticos, mas também na vida das pessoas normais. Há ainda uma distinção entre defesa normal e patológica, mas poucas linhas abaixo, a menção à trivialidades da vida mental -

raciocínio falho e operações mentais que produzem um efeito cômico, indica - como confirmarão os grandes textos do início do século XX, " A psicopatologia da vida cotidiana" (1901) e "Os chistes e sua relação com o inconsciente" (1905) - que o pensamento normal ou a própria linguagem colocariam suas técnicas a serviço da realização de desejo.

Após o preâmbulo, FREUD introduz a discussão central do artigo, pautada num fragmento de sessão clínica muito especial. Ele é, ao mesmo tempo, o analista e o "*sujeito da observação*" apenas qualificado como um homem de educação universitária contando trinta e oito anos.(30)

O relato oferecido ao trabalho de análise gira em torno de uma cena infantil que surge com toda a nitidez na memória do sujeito. Podia ver uma pradaria verde toda plantada, de onde emergiam muitas flores amarelas - dentes de leão. Três crianças - uma delas o narrador, um primo e sua irmã mais nova - brincam na grama e os meninos arrebatam uma flor recém-colhida das mãos da menina; ela, em lágrimas, sai correndo, vai até uma casa no alto da colina e pede pão. Os meninos também querem pão e correm atrás. O delicioso cheiro de pão e o amarelo das flores permanecem na memória com a nitidez de uma alucinação.

Esses elementos retornam nas associações seguintes. Aos dezessete anos, havia-se apaixonado por uma jovem que usava um vestido amarelo, durante umas férias no campo. Numa outra ocasião, visitou a família de primos (que estavam presentes na recordação de infância) e não sentiu qualquer inclinação amorosa pela prima, pois dedicava-se exclusivamente aos estudos. O

trabalho representava a dura batalha pelo pão de cada dia.

Duas fantasias ter-se-iam amalgamado na cena. Uma envolvia o desejo de que não tivesse que lutar tanto pelo próprio sustento (o delicioso cheiro de pão) e a outra o de deflorar uma menina (arrancar suas flores).

A lembrança remetida à infância era uma construção ficcional que servia para encobrir fantasias posteriores. A cena nunca havia acontecido, mas resultara de traços reutilizados para montá-la enquanto cena acessível à consciência, dado seu caráter bucólico e ingênuo. Uma expressão verbal é sempre a ponte entre a lembrança e o que ela pretende esconder.(31) Os nomes encobrem e, ao mesmo tempo, por associação com outros nomes, formam um outro texto que revela algo referente ao desejo do falante.

As fantasias poderiam ser traduzidas após o trabalho associativo em duas estruturas gramaticais: uma frase condicional, *"se eu tivesse desposado uma outra menina, minha vida teria sido mais agradável (o pão seria delicioso)"*, onde a condição fora recalcada, pois também se ligara a um antigo desejo do pai do autor de que largasse seus projetos abstratos e desposasse sua prima; e uma frase consecutiva, *"já que arranquei as flores (casei/deflorei) posso trocar flores por pão"*.

A intensidade psíquica havia-se deslocado do nome *"pão custoso"* para *"pão delicioso"* sendo que uma relação de contigüidade por oposição permanece mantendo o estreitamento entre eles.

O nome *"amarelo"* é um elemento que condensa tanto a referência a flores como a vestido, e o ato de arrebatrar as flores conduz ao símbolo de defloração *"arrancar as flores de*

uma mulher". Predomina uma relação de substituição entre os nomes que não deixa de implicar o deslocamento.

FREUD acentua o fato de que os elementos que expressavam sensações visuais (cor amarela) e olfativas (cheiro do pão) eram muito nítidos e se apresentavam de maneira quase alucinatória. Novamente podemos evocar o esquema da Carta de 6/12/96. O nível WZ está ligado ao primeiro registro de sensação e o fato de seus traços serem organizados pelo princípio de simultaneidade implica em uma memória difusa e alucinatória, enquanto as conexões no outro registro (UB), regidas por uma lógica causal, implicariam a elaboração de uma cena, que se expressaria na ligação com o terceiro sistema, como um texto truncado.

Esse belo artigo de 1899 prenuncia todo o trabalho posterior a respeito dos sonhos onde a técnica da livre associação alcançará toda sua especificidade, uma vez relacionada exaustivamente a uma nova formulação do aparelho psíquico. Encontramos nele o exemplo de todo o refinamento por que passaram, na Teoria Psicanalítica, as concepções de memória e linguagem a partir da introdução do conceito de fantasia.

Alguns meses antes, FREUD publicara um outro artigo, chamado "O mecanismo psíquico do esquecimento" (32), em que novamente ele é o "sujeito da observação". Aqui, a exploração do funcionamento inconsciente deixa claro o papel desempenhado pelos nomes e são destacados os mecanismos de deslocamento e condensação.

2.3 O caso "signorelli"

Tal como no escrito sobre as lembranças encobridoras, FREUD dedica-se, nesse artigo, à análise dos deslizos de memória e empenha-se em enquadrar a ardilosidade mnêmica nos limites da teoria do recalque e do desejo, que vinha elaborando no quadro mais amplo da teoria das neuroses. O termo "esquecimento" adquire seu sentido propriamente psicanalítico, em que não mais simplesmente se alude, como à época de BREUER, a uma explicação econômica do desgaste ou não de determinada idéia. Trata-se, principalmente, de assinalar um paradoxo fundamental característico dos processos psíquicos: há um esquecimento que insiste em fazer perdurar uma lembrança, um esquecimento importuno, por assim dizer, que não cumpre por completo a função elementar de obscurecimento da memória.

FREUD vale-se de expressões corriqueiras, tais como *"memória fraca"*, *"ausência de recordação"* (33), para tratar do esquecimento, enquanto, numa obra posterior, em que o exemplo "Signorelli" é retrabalhado, (34) usa com abundância a expressão *"recordar falho"* e utiliza o termo FEHLLEISTUNG(35) para intitular uma seção inteira. Essa expressão empregada por FREUD, e que teria dado origem à noção de *"ato falho"* cara ao vocabulário psicanalítico, indica uma produção ou trabalho falho e não se restringe às falhas no plano da ação, mas designa toda espécie de rateio da expressão psíquica (lapsos e erros em geral). Portanto, é de um fracasso frutuoso que se trata, um fracasso que remete ao trabalho paralelo do inconsciente, freqüentemente ignorado pelo sujeito, que não se reconhece nas vascilações de seu discurso.

O episódio narrado no artigo refere-se a um fragmento da experiência do próprio FREUD, que, durante uma viagem de trem para Herzegovina, ao trocar idéias com um companheiro de viagem, esquece, sem poder esconder o desconforto que isso lhe causa, o nome do pintor Signorelli. Lembra-se com extrema nitidez dos afrescos pintados por ele na catedral de Orvieto, embora não lhe venha o nome à cabeça. Em seu lugar, surgem dois outros substitutos, visivelmente inadequados: Botticelli e Boltraffio.

O assunto que precedera o momento do esquecimento girara em torno do respeito e resignação dos turcos frente à fatalidade da morte; estes costumavam responder a seu médico diante de um mau diagnóstico: "*Herr, o que hei de fazer?*" Ainda uma outra característica desse povo permeou a conversa: o extremo valor que atribuíam ao gozo sexual.

Morte e sexualidade eram, pois, os temas predominantes do colóquio, o que, a princípio, leva FREUD a cogitar em possíveis relações de conteúdo, uma vez que o quadro do pintor italiano ilustrava o tema do Juízo Final. Descarta essa solução, para buscar as conexões entre os próprios nomes.⁽³⁶⁾ O nome "*Herr*" presente tanto na fala dos turcos, como em parte de "*Herzegovina*", significava, na tradução para o italiano "*signor*", justamente a primeira parte recalcada do nome do artista. Os substitutos "*Botticelli*" e "*Boltraffio*" não deixavam de encontrar certa determinação. Ambos continham a primeira sílaba *bo* que remetia a "*Bósnia*", região vizinha a Herzegovina. O fragmento *traffio* encadeou-se na lembrança sobre o suicídio de um paciente de FREUD ocorrido na cidade de nome homófono "*Trafoi*". Esse

parece ter sido, pelo menos nos limites das informações fornecidas pelo artigo, o principal ponto de atração para o recalçamento - uma má notícia que merecia ser esquecida, pois evocava, senão um fracasso, pelo menos a exposição de seu risco, tão freqüente na clínica psicanalítica.

A análise freudiana, assim concluída, visa, mais uma vez, como já tivemos a oportunidade de notar com respeito a "Lembranças encobridoras", à apreensão dos mecanismos fundamentais dos processos psíquicos primários. Visa, essencialmente, apresentar um modo típico de trabalho psíquico, cujas leis básicas começam a se esboçar em termos de desocamento e condensação. Rejeitam-se hipóteses tradicionais, que poderiam relacionar o esquecimento à fadiga e ao desvio da atenção, num apelo psicofisiologista, bem como assertivas mais céticas, partidárias do acaso ou da aleatoriedade. Trata-se, para o autor, de propor, agora com a referência do desejo e do recalçamento, a noção de uma cisão subjetiva, que, de maneira alguma, exime o próprio sujeito do confronto com as conseqüências e efeitos decorrentes dessa mesma divisão.

Para FREUD, o comprometimento do falante em relação às falhas de seu discurso evidencia-se por uma dupla vertente de sofrimento solidária dessa divisão : por um lado, o sujeito sofre do constrangimento de não responder ao lugar a que se pretende convocado, sofre um abalo incisivo na consistência de sua própria imagem frente ao outro que o escuta:

"... no contexto de uma conversação vê-se forçado a

confessar a seu interlocutor que não pode falar determinado nome que pretendia utilizar e pede sua ajuda - inútil as mais das vezes: "Como se chama...?" É um nome tão conhecido, está na ponta de minha língua". Então uma excitação de inequívoco descontentamento, semelhante à dos afásicos motores, acompanha os esforços ulteriores para falar o nome que parecia estar à disposição momentos antes".(37)

Esse constrangimento refere-se ao não-atendimento de uma solicitação onde deveria comparecer o eu. Por outro lado, há um sofrimento (de ordem inconsciente) decorrente da insistência de algo que se pretendia esquecer: os fragmentos *Herr, Bo, Traffio*, persistem aludindo aos temas barrados da morte e da sexualidade. Os histéricos "não sabem o que não **querem** saber", (38) sem com isso deixarem de carregar a suspeita da existência de um outro saber que se insinua no não sentido, no absurdo, na suspensão do discurso legitimado pela crítica consciente. A originalidade freudiana está em subordinar esse sofrimento, saliente nas formações substitutivas ou de compromisso, a um desejo recalcado, que só se deixa ver por meio desses discursos absurdos, divertidos, sem nexos.

Em "A psicopatologia da vida cotidiana", onde volta a analisar o exemplo Signorelli, FREUD se expressa com clareza a respeito dessa espécie de encurralamento a que o sujeito se vê condenado:

"É verdade que eu queria esquecer outra coisa que o

nome do mestre de Orvieto, mas essa outra coisa conseguiu colocar-se em conexão associativa com seu nome, de sorte que meu ato de vontade errou de meta, e eu esqueci **um contra minha vontade** enquanto queria esquecer **o outro propositalmente**. A aversão a recordar se dirigia contra um dos conteúdos, a incapacidade para fazê-lo surgiu com relação ao outro. (...) Por sua parte os nomes substitutos já não me parecem tão inteiramente injustificados como antes do esclarecimento, me remetem (ao modo de um compromisso) tanto ao que eu queria esquecer como ao que eu queria lembrar, e me ensinam que meu propósito de esquecer algo nem se logrou de todo, nem fracassou por completo". (39)

Em função do recalçamento e do desejo inconsciente, a palavra adquire uma dupla referência para atender à duplicidade exigida pelos dois processos, de acordo com a estratégia peculiar do processamento psíquico de encobrir/revelar que respeita a divisão tópica e os designios do princípio do prazer. O termo "compromisso" já utilizado por FREUD(40) para caracterizar representações sintomáticas, ressurgiu aqui no plano dos usos normais da linguagem que serviram de material para a confecção de um título tão original quanto paradoxal como "A psicopatologia da vida cotidiana". As fronteiras entre normal/trivial e patológico ficam aí, no mínimo, estremecidas. A noção de compromisso ou conciliação entre forças conflitantes, pertencentes a sistemas que sustentam interesses diversos, aliada

ao pressuposto de um princípio econômico regulador, sugere o quadro de uma homeostase firmada na consecução de um acordo possível entre as partes. Ocorre, entretanto, que as manifestações do inconsciente surgem sempre de forma intrusiva, deixando prevalecer um mal-estar e um prejuízo para o eu que deve contar apenas com um desprazer menor na solução pelo compromisso.

A importância desse pequeno artigo parece estar no fato de que se tenha derivado do exemplo analisado, uma espécie de modelo geral do funcionamento inconsciente que viria a elucidar os meios de formação dos sintomas psíquicos:

"Mas o exemplo aqui elucidado ganha muitíssimo em interesse quando se inteira da possibilidade de considerá-lo como um modelo dos processos patológicos a que devem sua gênese os sintomas psíquicos das psiconeuroses - histeria, representar obsessivo e paranóia".(41)

De resto, uma última questão lançada por FREUD mereceria ainda nossa atenção.

O caminho escolhido pelo autor para desvendar o lapso de memória tem como ponto de partida as relações entre nomes e não entre conteúdos (conceitos) subordinados diretamente ao nome esquecido. De fato, o procedimento não lançou mão de uma explicação transparente previamente no tema da morte veiculado pelo trabalho do pintor Signorelli, nem tampouco o resultado a que se chegou pôde remeter a qualquer vinculação significativa

entre o nome esquecido e, por exemplo, uma característica da pessoa que leva o nome. Não se recorreu a uma explicação exterior e anterior ao contexto associativo, tendo sido o sentido descoberto posteriormente no fio das associações de palavra.

Entretanto, ao final do comentário dedicado ao mesmo exemplo em "A psicopatologia da vida cotidiana", (42) FREUD se pergunta se as associações externas regidas pela homofonia com nexos de contigüidade temporal seriam suficientes para explicar o recalçamento ou se não existiriam vínculos temáticos entre o nome esquecido e o substituto. A resposta afirma a necessidade de se levarem em conta as conexões de conteúdo que também estariam operando no esquecimento.

Essa questão é apenas levantada, não recebendo um desdobramento mais extenso. Poderíamos, entretanto, a partir dela, precisar o fato de que a análise freudiana não se reduz a um empreendimento lingüístico que se debruça sobre a pesquisa dos fatos puros de linguagem. A combinatória dos elementos verbais não prolifera, apesar do sujeito que fala, ainda que sua inserção na linguagem implique uma submissão a uma lei anterior, cujos princípios não são alteráveis ou cambiáveis pelo usuário da língua.

Uma pequena digressão em torno da concepção de linguagem adotada por LACAN para fundamentar algumas das teses mais elementares de sua teoria, merece ser esboçada neste momento, a fim de que possamos destacar seus pontos de divergência em relação ao empreendimento freudiano.

Sabe-se que o conceito de estrutura foi de total serventia para cristalizar a teoria lacaniana do significante. A ambição de

explorá-lo em toda a sua complexidade seria injustificável no que tange os objetivos específicos da presente dissertação. Genericamente, o conceito de estrutura vem se opor a certas noções clássicas que serviram de guia para o pensamento filosófico desde a antiguidade, tais como essência, substância, centro, origem.(43) No pensamento estruturalista, os estudos genéticos que sempre privilegiaram o método da diacronia histórica para atingir a origem plena de sentido cederam lugar aos estudos sincrônicos orientados para *"o desvendamento das lógicas espaciais, para os múltiplos jogos de posição e de localização dos limites das relações possíveis no espaço"*.(44)

Da interlocução promovida por LACAN entre a Psicanálise e parte do pensamento estruturalista francês, foi possível decalcar uma concepção específica de linguagem, vista como um sistema, onde cada elemento define-se pela relação de oposição assumida com os demais.(45)

Nesse ambiente teórico particular, puderam ser desenvolvidas as teses supracitadas do inconsciente estruturado como linguagem e da primazia do significante sobre o significado. Somente através de tais recursos, totalmente alheios aos dispositivos freudianos, é que LACAN logrou criar novos rumos para a Psicanálise, não sem, com isso, deixar de subverter fundamentos básicos adotados por seu criador.

Conservemos, por ora, essa sintética abordagem sobre as fontes epistemológicas inspiradoras da teoria lacaniana da significação às quais recorreremos ao final de nosso estudo.

Os temas proeminentes na análise do caso Signorelli eram,

como vimos, morte e sexualidade. Poder-se-ia dizer que esses não são temas quaisquer para o interesse da Psicanálise e que não é mera coincidência o destaque que recebem no artigo de 1898 sobre o qual nos temos detido. No ano anterior, FREUD chegara, a partir de alguns desdobramentos de sua auto-análise,(46) a uma suspeita sobre o fundamento edípico da constituição da neurose. O percurso que antecede a essa descoberta essencial ultrapassa amplamente a equação simples a que ficou reduzida a empresa freudiana: estar apaixonado pela mãe e ter ciúmes do pai. A ênfase não recai nas imagens materna e paterna, nos objetos-alvo do amor e do ódio.

O ponto de partida para essa construção teórica é o "complexo de castração", (47) cujo eixo de explicitação constitui a diferença entre os sexos. O Édipo pode ser pensado desde já, ainda que a dimensão de suas implicações para o conjunto do aparato teórico-clínico da Psicanálise tenha apenas se esboçado, como uma organização em que a diferença sexual (falo e sua ausência, ou a possibilidade de faltar), inscreve os planos da identificação amorosa e o da destruição e desintegração, pela intervenção da figura paterna enquanto aquela que rompe o par mãe/criança.

Não seria possível desenvolver, o que estrapolaria os objetivos desta dissertação, todas as conseqüências dos chamados complexos edípico e de castração na extensão da obra freudiana. Para o que nos interessa, gostaríamos de sublinhar, por ora, que os temas da sexualidade e da morte, ao ganharem lugar especial com o estabelecimento do complexo de Édipo, não devem ser tratados no âmbito do trabalho de interpretação que se propõe a clínica psicanalítica como temas substanciais pré-fixados, a

serem extirpados do discurso neurótico. O desejo, tal como concebido pelo argumento freudiano, é o próprio movimento recorrente que busca a reedição de uma experiência mítica de satisfação e não desejo pelo objeto (mãe ou pai); tem como móbil, nos termos do complexo de castração, a possibilidade ou ameaça de perda de um elemento especialmente investido no momento pela criança e não é a priori desejo de coisa alguma, está ainda por ser nomeado e tem sua delimitação semântica sujeita à enformação singular da história psíquica de cada um.

NOTAS

1. Michel Foucault mostra como no séc XIX evidenciou-se uma busca obstinada pela verdade do sexual, através da prática da confissão iniciada na Idade Média. O autor inclui o freudismo nesse movimento. Ver: FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**, livro I: "A Vontade de Saber". Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p.56 e segs.
2. De acordo com o que foi exposto no capítulo anterior, mais precisamente, na parte em que estudamos o texto "O Projeto Para Uma Psicologia Científica".
3. A psicologia de Wundt está comprometida com pressupostos psicofisiológicos e apresenta-se como um experimentalismo. CHATELET, F. **História da Filosofia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1974, p.24.
4. MASSON, J.M., op. cit., carta de 17 de Janeiro de 1897, p.225.
5. Idem, ibidem, p.226.
6. Idem, ibidem, carta de 6 de abril de 1897, p.235.
7. Idem, ibidem, Rascunho L, p.241.
8. FREUD, S. "Contribution...", op. cit., p.140. Na correspondência a Fliess, Freud é explícito quanto à primazia do papel da palavra ouvida na constituição das fantasias: "aquilo que é visto no período pré-histórico produz os sonhos; o que é ouvido nele produz as fantasias; o que é sexualmente experimentado produz as psiconeuroses." MASSON, J.M., op.cit., carta de 10 de março de 1898, p.303.

9. MASSON, J.M., op. cit., carta de 2 de maio de 1897, p.240.
10. Idem, ibidem, Rascunho L, p.241.
11. Idem, ibidem, carta de 2 de maio de 1897, p.240.
12. LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.-B., **Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia.** Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p.73-77.
13. Ver a esse respeito, FREUD, S. "Os Três Ensaaios Sobre a Sexualidade", ESB, vol.VII, AM, vol.VII.
14. FREUD, S. "O Instinto e Suas Vicissitudes", ESB, vol.XIV, p.138, AM, p.114.
15. LAPLANCHE, J. **Teoria da Sedução Generalizada.** Trad. Doris Vasconcellos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988, p.114.
16. Laplanche mostra como uma certa leitura do texto freudiano (Marianne Krul, Masson, Schur) sepultou a noção de sedução e de trauma psíquico. Ao descartar a sedução real e passiva sofrida pela criança, Freud estaria dispensando a noção de trauma, entendido aqui no sentido restrito de trauma passivo gerado pela sedução real. Ver LAPLANCHE, J. "Traumatismo, Tradução, Transferência e Outros Trans(es)" in: **Teoria da Sedução...**, op. cit., p.90-91.
17. FORRESTER, J. **A Linguagem...**, op. cit., p.64.
18. Idem, ibidem.
19. Em "A Interpretação dos Sonhos" aparecerá o termo PHANTASIEBILDUNG. Ver FREUD, S. "A Interpretação dos Sonhos", ESB, vol.V, p.525; AM, p.488.
20. MASSON, J.M., op. cit., Rascunho M, p.248.
21. Idem, ibidem, carta de 21 de setembro de 1897, p.265-266.

- 22.Segundo o autor a teoria psicanalítica é dotada de grande força persuasiva e oferece uma determinação padronizada para os mais diversos acontecimentos da vida psíquica. WITTGENSTEIN, L. "Conversações Sobre Freud". In: **Estética, Psicologia e Religião**. Trad. José Paulo Faes. São Paulo: Cultrix, 1970, p.87-88.
- 23.FREUD, S. "Observações Sobre a Teoria e a Prática da Interpretação de Sonhos", ESB, vol.XIX, p.146-147; AM, p.117-118.
- 24.FREUD, S. "Uma Criança é Espancada - Uma Contribuição ao Estudo da Origem das Perversões Sexuais", ESB, vol.XVII, p.225 e segs; AM, p.177 e segs.
- 25.MASSON, J.M., op. cit., carta de 22 de dezembro de 1897, p.288. (grifo do autor). Seria preciso contextualizar essa afirmação feita por Freud em 1897. Nos artigos metapsicológicos de 1915 o recalçamento é definido como um dos destinos possíveis da pulsão e tem como efeito a separação entre o representante ideativo da pulsão e a quota de afeto vinculada a este. Ver: FREUD, S. "Repressão", ESB, vol.XIV, p.176.
- 26.Idem, ibidem, p.289.
- 27.FREUD, S. "Lembranças Encobridoras", ESB, vol.III, p.336; AM, p.299-300.
- 28.Idem, ibidem, ESB, p.337; AM, p.301.
- 29.Idem, ibidem, ESB, p.338; AM, p.301.
- 30.Idem, ibidem, ESB, p.339; AM, p.303.
- 31.Idem, ibidem, ESB, p.350; AM, p.312.
- 32.FREUD, S. "O Mecanismo Psíquico do Esquecimento", ESB,

- vol.III, p.317 e segs; AM, p.281 e segs.
- 33.Idem, ibidem, ESB, p.324; AM, p.287.
- 34.FREUD, S. "A Psicopatologia da Vida Cotidiana" , ESB, vol.VI, p.24; AM, p.13.
- 35.A Edição Standard Brasileira oferece a tradução de "Parapraxia" para esse termo, enquanto a argentina o traduz por "operações falhas". A segunda opção parece ser mais fiel ao termo em alemão, onde, FEHL = falta, ausência, falha e LEISTUNGEN = trabalho, obra, realização.
- 36.FREUD, S. "O Mecanismo Psíquico...", op. cit., ESB, p.320; AM, p.284.
- 37.Idem, ibidem, ESB, p.317; AM, p.281.
- 38.Idem, ibidem, ESB, p.325; AM, p.287.
- 39.FREUD, S. "A Psicopatologia...", op. cit., ESB, p.22; AM, p.12.
- 40.MASSON, J.M., op. cit., carta de 27 de outubro de 1899, p.381.
- 41.FREUD, S. "O Mecanismo Psíquico...", op. cit, ESB, p.322-323; AM, p.286.
- 42.FREUD, S. "A Psicopatologia...", op. cit., ESB, p.24; AM, p.14.
- 43.DERRIDA, J. "A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas", in **A escritura e a diferença**, op. cit.
- 44.DOSSE, F. **História do estruturalismo**, vol.II. Trad.Alvaro Cabral. Campinas: Ed. Unicamp, 1994, p.485.
- 45.LACAN, J. "Fonction et Champ de la Parole et du Langage en Psychanalyse", in **écrits**. Paris: Seuil, 1966, p.284-285.
- 46.MASSON, J.M., op. cit., cartas de 3 e 4 de outubro de 1897,

p.268-271.

47. Idem, ibidem, p.269. A visão da mãe nua é uma recordação central para as primeiras elaborações freudianas acerca do Édipo.

CAPITULO 3

A famosa obra freudiana de 1900 "A interpretação dos sonhos" possui, reconhecidamente, o caráter de um "divisor de águas" do pensamento de seu autor. Todo um movimento de renovação da ainda jovem Psicanálise, que se vinha delineando desde 1897, encontra sua consolidação nesse texto monumental. O inconsciente freudiano ganha, por assim dizer, cara nova. O inesquecível "*não acredito mais em minha neurótica*", dito, como em confissão, para o amigo FLIESS, em setembro de 1897, abre caminho ao conceito de fantasia inconsciente e, necessariamente, todo o funcionamento psíquico torna-se objeto de um estudo depurado com o objetivo de determinar o que deve permanecer e o que deve ser abandonado.

Em que consistia propriamente o descrédito freudiano do final dos anos 90? Já não mais crer em sua neurótica significava não crer, tão somente, na sua palavra proferida em análise. A "*talking cure*" atrelava-se basicamente, até então, a uma função catártica das tensões intrapsíquicas, à evocação de afetos ligados a acontecimentos traumáticos varridos da lembrança consciente. A palavra analítica era, pois, interposta entre o momento da ignorância a respeito do sintoma e um instante conclusivo em que o nó traumático poderia ser desatado, acarretando um alívio de tensão. A desconfiança fundamental de FREUD recai, portanto, sobre o papel cumprido pela palavra de seus analisandos - ela não mais poderia ser um veículo ou instrumento de acesso a uma cena de sedução real recalcada no inconsciente.

A obra sobre os sonhos brinda o ano de 1900 com o produto do

que seria uma primeira reconstrução dos modos de funcionamento dos processos psíquicos. Por meio do estudo dos sonhos, FREUD poderá formular a hipótese do inconsciente como um sistema, um lugar psíquico regido por leis próprias, que se podiam diferenciar notadamente das que imperam no domínio da consciência. Cai por terra a concepção clássica do subconsciente como um receptáculo de impressões ou uma memória-arquivo armazenadora de imagens e idéias. O inconsciente freudiano, poder-se-ia dizer, age conforme leis específicas, é eficiente em todas as suas manifestações. FREUD escreve a respeito dessa *"atividade da alma livre do poder do entendimento"* a que compara os sonhos: *"ela resulta ser não só reprodutiva, mas também produtiva."*(1)

No presente capítulo, pretendemos abordar, além de algumas passagens de "A interpretação dos sonhos", duas outras obras que lhe são afins: "A psicopatologia da vida cotidiana" e "Os chistes e sua relação com o inconsciente". Entendemos que esses três trabalhos estejam interligados não só por abrangerem o mesmo período da produção freudiana (1900-1905), mas por retratarem, cada um a seu modo, a função específica que adquire o conceito de interpretação para a Psicanálise. Retornaremos ainda a alguns aspectos da elaboração freudiana do complexo de Édipo (recorrendo a escritos compreendidos entre 1908 e 1912), por entendermos não ser possível compreender a função da interpretação para a Psicanálise sem incluir uma discussão sobre o Édipo.

Esperamos extrair desse material a possibilidade de se postular um novo estatuto para o papel da fala em Psicanálise, que não se comprometa nem, por um lado, com a função meramente

descritiva geralmente atribuída à linguagem, nem, por outro, com a função evocativa que também lhe é consignada no que tange à expressão das emoções, sentimentos e afetos.

3.1 O sonho como linguagem

A tese fundamental reafirmada ao longo dos dois grandes volumes da Edição Standard que comportam o trabalho sobre os sonhos pode ser expressa em poucas palavras: os sonhos possuem um sentido.

Partindo dessa premissa, foi possível a seu autor refutar - e a essa tarefa é dedicada toda a parte inaugural do livro - as inúmeras e controvertidas teorias tradicionais sobre o fenômeno onírico, que, entre outros argumentos, pretendiam sustentar a descontinuidade entre a vida de vigília e a vida onírica. Grande parte dos trabalhos até então publicados sobre o assunto cediam facilmente diante da mais aberrante e sensível aparência da textura onírica: o absurdo. Tratados como tal, os sonhos dificilmente poderiam alcançar o privilégio de se constituírem objeto de investigação científica.

Não se detendo com tanta indolência diante dessa primeira aparência, todavia gritante, FREUD ousa colocá-la em suspeição. Parte dessa suspeita para propor a hipótese de que, nos sonhos, evidencia-se um trabalho psíquico⁽²⁾ mobilizado por um propósito fundamental do psiquismo: a realização de um desejo recalcado no inconsciente.⁽³⁾ O produto é, sem dúvida, absurdo, mas há um sentido que se insinua nesse próprio absurdo, um sentido nutrido

de motivação inconsciente.

Não seria, entretanto, suficiente a mera atribuição de sentido ao sonho, visto não ser essa uma intuição absolutamente nova. *"O mundo dos profanos"*, como se expressou FREUD, já se havia arvorado na elaboração de técnicas que pretendiam extrair significados ocultos da atividade onírica.

FREUD analisa os dois grandes métodos até então conhecidos de interpretação dos sonhos, para deles diferenciar o seu próprio.(4)

O primeiro, a chamada interpretação simbólica, consistia em substituir o conteúdo global de um sonho por outro, inteligível e, em certa medida, análogo ao original. O segundo, conhecido como método da decifração, tratava o sonho como uma espécie de criptografia, onde cada termo poderia ser substituído por outro, segundo o emprego de uma chave interpretativa fixa. Para tanto, bastaria ao intérprete consultar um catálogo de significados para palavras-chave e, assim, desvendar a mensagem cifrada.

FREUD está seguro de que nenhum dos dois métodos presta-se *"a um tratamento científico do assunto"*. (5) A interpretação psicanalítica teria algo em comum com o método da decifração, pois também fragmenta o sonho em partes, trabalha *"en détail"* e não *"en masse"*, (6) mas diferenciava-se dele por não ver qualquer garantia na confiabilidade da chave interpretativa, privilegiando as associações do sonhador. FREUD esclarece:

"Meu procedimento não é tão cômodo como o do método popular da decifração que traduz o conteúdo dado do

sonho de acordo com uma chave estabelecida, mas tendo a pensar que em diversas pessoas e em contextos diferentes o mesmo conteúdo onírico pode encobrir também um sentido diferente".(7)

Em outros momentos de sua exposição, FREUD trata de reafirmar sua objeção, delineando, aos poucos, a especificidade da interpretação analítica. Bem adiante, lemos o seguinte: " O sonho não seria uma tradução fiel nem uma projeção ponto por ponto dos pensamentos do sonho, senão um reflexo extremamente incompleto e lacunar dos mesmos." (8) O sentido que se trata de obter, nessa perspectiva, não está dado de antemão e surge na concatenação associativa, na qual um primeiro termo só adquire significação retroativamente pela enunciação do próximo. O texto de FREUD é elucidativo:

"Uma idéia considerada isoladamente pode ser muito insignificante ou ousada, mas, quem sabe, numa certa união com outras, que acaso pareçam também desdenháveis, pode surgir um elo muito bem ordenado: o entendimento não pode julgar nada disso, se não retém a idéia por tempo suficiente para contemplá-la em sua união com as outras".(9)

A interpretação proposta por FREUD não deixa de levar em conta a extensão temporal do discurso e está rigorosamente subordinada à escuta daquele a quem esse discurso se endereça.

Em diversos momentos, o autor se refere ao sonho como sendo

uma linguagem. Vimos, pelo exposto anteriormente, como pôde ser descartada a idéia de uma linguagem artificial, centrada sobre um código novo e especial, programado para a decifração. Contudo, seria importante ressaltar que, para o autor, o sonho não é também uma mensagem: *"O sonho não quer dizer nada a ninguém; não é um veículo da comunicação; ao contrário, empenha-se em manter-se incompreendido"*.(10)

Como conceber uma linguagem desprovida da função da comunicativa? Esta idéia nos leva a pensar que FREUD propõe uma analogia entre sonho e linguagem e não uma identidade.

Algumas características dessa linguagem são destacadas por FREUD:

- 1- serve-se principalmente da forma pictórica de expressão;
- 2- resulta em um quadro confuso e desconexo;
- 3- não serve para refletir a imagem total dos objetos, mas apropria-se de alguma imagem alheia, desde que ela esteja apta para figurar algum aspecto particular dos objetos.(11)

O terceiro aspecto explica, de certa forma, o segundo e exige uma reflexão mais detalhada sobre a dinâmica onírica preconizada por FREUD. O sonho, segundo ele, não se reduz a seu conteúdo imediato. Deve-se levar em conta uma série denominada de pensamentos oníricos que seria o estofa do sonho e que não se encontra, a princípio e com total transparência, presente no produto final do sonho. Esses pensamentos interpolam-se no relato do sonho, são revelados pelo trabalho de análise.

Por vezes, FREUD utilizou as expressões *"conteúdo manifesto"* e *"conteúdo latente"*, para designar, respectivamente, o texto

final do sonho e seu substrato inaparente, que não surge senão por um desdobramento interpretativo. Não raro cometeu-se o engano de atribuir-se uma independência aos dois planos do sonho, ao ponto de reduzir-se o conteúdo manifesto a um mero véu por trás do qual esconder-se-ia uma verdade latente intacta.

FREUD lança mão da metáfora da tradução para inter-relacionar os dois modos de expressão onírica e os compara a duas linguagens diferentes:

"Pensamentos do sonho e conteúdo do sonho se nos apresentam como duas figurações do mesmo conteúdo em duas linguagens diferentes, melhor dito, o conteúdo do sonho surge como uma transferência dos pensamentos do sonho a outro modo de expressão, cujos signos e leis de articulação devemos aprender a discernir por via da comparação entre o original e sua tradução".(12)

Essa imagem não deixa de provocar um certo incômodo, pois permite operar uma cisão entre as partes, de maneira a conceder uma anterioridade estática e autônoma aos pensamentos do sonho apenas velados pelo conteúdo manifesto. Além disso, convida-nos a encarar a tradução como erro ou forma piorada de uma verdade translúcida que transcenderia a ela. Jacques DERRIDA aborda essa questão de forma esclarecedora, ao dizer dos perigos dessa comparação proposta por FREUD, que faria

"...supor um texto que já está ali, imóvel, presença impassível de uma estátua, de uma pedra escrita ou de

um arquivo cujo conteúdo significado seria transportado sem prejuízo para o elemento de uma outra linguagem, a do pré-consciente ou do consciente.”(13)

FREUD acaba por retificar, como bem mostra DERRIDA em sua exposição,(14) a metáfora da tradução. Reconhece a impropriedade de admitir-se o estabelecimento de um outro pensamento, mantido após a tradução, em outra localidade psíquica ao lado do original. O que é chamado de tradução corresponde ao conteúdo manifesto (produto final ou fachada do sonho), que envolve um trabalho específico por meio das técnicas caras ao processo primário - deslocamento e condensação - das quais falaremos mais adiante. Por ora, gostaríamos de frisar a advertência freudiana a respeito da confusão freqüente em se tomar a essência do sonho pelo conteúdo latente:

“...o sonho não é mais do que uma forma particular de nosso pensamento, possibilitada por condições do estado de sono. É o trabalho do sonho o que produz essa forma e só ele é a essência do sonho, a explicação de sua especificidade”.(15)

Torna-se, pois, prejudicada a tentativa de distinguir o sonho desse trabalho que constitui sua essência e, razoavelmente descartável, a idéia da existência de um conteúdo anterior desvinculado desse trabalho.

Tendo mostrado as dificuldades encerradas pela divisão da

atividade onírica em duas linguagens, permaneçamos com a assertiva freudiana de que o sonho é uma linguagem que apresenta diferenças visíveis, quando comparado ao pensamento que vigora na vida de vigília.

Retomemos a primeira das características gerais do sonhar, amplamente explorada por FREUD ao longo de todo o livro. No sonho, predomina a representação pictórica, figurativa, imagética, em detrimento da representação conceitual abstrata. O autor chega a comparar o sonho com um rébus.(16) Tais considerações desembocam em mais uma questão espinhosa, que é a de se tratar o sonho e, por conseguinte, o inconsciente freudiano como um compêndio de imagens visuais desconexas a serem transpostas para o registro da linguagem falada quando do momento de sua expressão consciente. Não é incomum esse tipo de leitura, principalmente calcada no estudo freudiano sobre os sonhos e na noção de fantasia inconsciente, em cujo domínio destaca-se também esse apelo preferencial à imagem.

Sobre esse ponto podemos recorrer novamente a DERRIDA, no artigo já citado, onde ele chama a atenção para a expressão utilizada por FREUD - BILDESHRIFT - escrita figurativa, que nos remete não a uma imagem inscrita, mas a uma escrita figurada.(17) Que a forma de apresentação onírica utilize abundante e predominantemente o registro visual da imagem, que esta seja uma de suas condições de representatividade, isso não autoriza a compreensão do fenômeno onírico como sendo um outro código, uma outra linguagem que não tangencie de qualquer maneira nossa linguagem comum. Que sejam imagens, sublinhamos a partir mesmo da crítica freudiana aos antigos métodos de interpretação onírica,

essas não são revelações globais indecomponíveis que encerram uma significação figurativa isolada. Essas imagens devem ser tratadas como elementos numa série conectada e desdobrada pelo elo associativo levado a termo pelo sonhador.

A preferência por imagens constitui característica essencial do sonho, mas não esgota, nessas próprias imagens, sua engenhosidade representativa. Toda uma seção do Capítulo VI do livro dos sonhos é dedicada aos limites de representatividade da atividade onírica. FREUD aí se questiona sobre recursos típicos da linguagem ordinária, sobre a possibilidade ou não de seu aparecimento nos sonhos. Trata-se de saber quais seriam os equivalentes oníricos para relações lógicas discursivas tais como "se", "porque", "como", "embora", "ou...ou" e "todas as outras conjunções sem as quais não podemos compreender orações ou discursos".(18)

A resposta imediata, uma vez estando os sonhos constituídos por imagens, seria a de que eles simplesmente desprezam tais conexões. Aos poucos, porém, o texto de FREUD começa a esboçar algo da ordem de uma sintaxe onírica.

Os sonhos possuem recursos próprios e originais para expressarem tais relações lógicas:

"Refletem uma conexão lógica como simultaneidade, nisso têm semelhança com o pintor que, num quadro sobre a Escola de Atenas ou sobre o Parnaso reúne todos os filósofos ou todos os poetas que, ainda que nunca tenham estado juntos em algum pórtico ou cume de montanha, constituem uma comunidade para a consideração

reflexiva. Este é o modo de figuração que o sonho empreende até os últimos detalhes. Toda vez que mostra dois elementos como vizinhos, atesta que seus correspondentes entre os pensamentos oníricos mantêm um nexó particularmente íntimo. É como nosso sistema de escritura: *ab* significa que as duas letras formam uma sílaba, em contrapartida, se entre *a* e *b* tem um espaço em branco, deve entender-se que "*a*" é a última letra de uma palavra e "*b*" a primeira de outra".(19)

Também as relações causais podem ser expressas no sonho, de acordo com sua divisão em partes desiguais, o que sugere que a parte mais extensa possa corresponder à "*cláusula principal*" e as demais estejam a ela subordinadas. Quando há uma transmutação de uma imagem em outra, no sentido de que se possa entender que alguma coisa tomou o lugar de outra, pode-se depreender também uma relação do tipo causal.

Ainda dois tipos de relação lógica amplamente utilizados no discurso falado são contemplados por FREUD na perspectiva do modo de expressão onírica: as relações de exclusão e as de negação.

O primeiro parece não ser acessível à apresentação onírica, sendo que proposições claramente excludentes entre si figuram lado a lado, e somente no momento do relato do sonho, poderia o narrador incluir, numa espécie de ordenação secundária, o modo alternativo de expressão: ou era isso, ou era aquilo. Um relato desse tipo indicaria, no máximo, a existência de uma passagem indeterminada e confusa do sonho, onde estiveram presentes simultaneamente os dois termos.(20)

O segundo não deixa de englobar o primeiro, visto que uma alternativa ou escolha implica também uma negação. FREUD inclina-se primeiramente, a apoiar a hipótese de que os sonhos desconhecem a negação de uma maneira geral. Mais uma vez a ênfase recai sobre o método da representação por simultaneidade, amplamente utilizado nos sonhos. Mediante a unificação de elementos, a atividade onírica representa com facilidade a *"similaridade, a consonância, a posse de elementos comuns."*(21) Essa característica pode ser reconhecida pelos artifícios da composição e da identificação preponderantes no conteúdo manifesto do sonho. Elementos diversos, retirados de várias pessoas, podem-se reunir na formação de uma figura compósita. Entretanto, por meio dessa mesma técnica, o trabalho onírico pode atingir outros resultados que não os de aproximação por via da semelhança. Pode engendrar o contraste, a omissão, o ocultamento de elementos. Com freqüência, argumenta FREUD, a reunião de traços de duas pessoas em uma única pode significar o desejo de efetuar uma troca, de maneira que uma das duas é preferida à outra.(22)

Outros exemplos expressariam ainda a maneira como o "não" pode ser representado nos sonhos. Em casos de relações de inversão, chega-se a exprimir *"justamente o contrário"* como na encenação de um *"para cima"* e *"para baixo"* que representava o contraste entre o sonhador e seu irmão. A inibição dos movimentos, o estar paralisado no sonho expressa uma negação figurada em termos de um *"não poder agir"*.

Todas essas técnicas de representatividade, características

do sonhar, aproximadas por FREUD de procedimentos encontrados na linguagem comum são variantes do que ele chamou trabalho do sonho (TRAUMARBEIT).

3.2 O trabalho do sonho

Em "A interpretação dos sonhos" há um detalhamento e um aprofundamento do estudo sobre os mecanismos constituintes do processo primário. Esse estudo não se desvincula da noção de interpretação que desde os primeiros escritos freudianos se pautava pela premissa de que é possível aceder a um saber sobre o inconsciente, que viesse a justificar a formação de sintomas neuróticos. Veremos, ao final deste capítulo, como o conceito de interpretação adquire novos contornos, nesse período (1900-1905).

FREUD parte da aparência compacta dos sonhos, os quais quando relatados se desdobram em extensão pela interpolação de novos fios associativos e pelo rearranjo secundário da organização psíquica consciente, para identificar uma das técnicas principais do trabalho onírico. Ele a nomeia condensação (VERDICHTUNG) e a reconhece como uma das formas de expressão típicas do processo primário.

Sendo o fundamento do sonho a realização de desejos - tese já desenvolvida no "Projeto de uma psicologia científica"(1895) - e possuindo o sonho a mesma estrutura dos sintomas neuróticos - identidade estabelecida após longo trabalho teórico -, o desejo deve confrontar-se com a censura psíquica, que se opõe à sua manifestação direta. O desejo está fadado a apresentar-se de modo velado, distorcido. Está condenado a semi-dizer-se, não só nos

sonhos como nas demais manifestações do inconsciente, uma vez que tem por condição o recalque. O desejo articula-se em torno de um objeto perdido e tem sua realização subordinada aos substitutos simbólicos desse objeto. Vale evocar novamente (já citada por nós na pág.103, Cap.2) a definição de desejo no texto de 1900, como sendo não um conteúdo substancial estanque, mas o movimento, o trajeto percorrido pelas vias de sua realização.

Há pelo menos duas maneiras de se conceber o conceito freudiano de desejo inconsciente, com conseqüências inequívocas sobre a noção de interpretação. Se acreditarmos que o desejo nasce com o recalque e não antes dele, e se, por definição, ele se apresentar como efeito correlato da censura e não como sua causa, então torna-se difícil pensar a interpretação (trabalho realizado na análise) como um modo de se desfazer os produtos gerados por tal censura e de se chegar a algo da ordem da essência do desejo. Pois a eliminação de tais produtos implicaria a destruição do próprio desejo e, em última instância, a eliminação do caráter absurdo da fala.

Por outro lado, se a interpretação for pensada como condição de reversibilidade da aparência absurda das manifestações do inconsciente, então não se encontrará, na empresa freudiana, nada além de uma outra razão por sob a desrazão. Ora, em diversos momentos de sua obra, o próprio FREUD parece autorizar essa leitura, por exemplo, quando assimila sua arte de interpretar a uma maneira de tornar consciente o que é inconsciente. Caberia aqui a seguinte tradução: tornar racional, por meio de técnicas específicas, o que é aparentemente absurdo, ou fazer passar ao domínio consciente, de forma clara e inequívoca, o que é da

ordem do inconsciente.

No entanto, ao final do livro dos sonhos,(23) FREUD diz claramente que o desejo é indestrutível. Em que sentido poderíamos tomar tal tese como indício de que não haveria necessidade de se buscar uma origem para o desejo? Se entendermos esse ponto originário como uma referência última ou nomeação final, ele poderia equivaler a algo da ordem da supressão do desejo?

A técnica da condensação visa burlar as restrições impostas pela censura, de modo a deixar insinuar o desejo. Para tanto, conta com os recursos do processo psíquico primário, que desafia os preceitos de ordenação espaço-temporal, vigentes no domínio do processo secundário. Consiste na aglutinação de elementos, muitas vezes dispares, numa mesma representação. Assim, pode concentrar-se, como no exemplo do sonho da "Injeção de Irma",(24) numa mesma figura compósita, traços selecionados de diversas outras pessoas, que, tomadas separadamente, podem não ter qualquer relação entre si, mas que unidas, assim, pela extração e reunião de traços, compõem uma nova personagem construída a partir do desejo de quem sonha. Portanto, não são os objetos representados realisticamente no sonho, mas fragmentos escolhidos desses objetos, restos do visto e do ouvido, como na formação das fantasias. Dessa forma, dificilmente na vida de vigília interconectar-se-iam Irma, sua amiga, Marta, a governanta que usava dentadura, mas a estranha figura compósita criada no sonho responde a associações pertinentes do ponto de vista do desejo particular do sonhador.

O mecanismo de condensação pode ser comparado à formação dos sintomas neuróticos que surgem como substitutos simbólicos que, por um lado, dão vazão à realização de um desejo e, por outro, escamoteiam esse mesmo desejo, em respeito à censura.

FREUD assinala que o trabalho de condensação:

"se mostra com a máxima evidência quando toma por objetos palavras e nomes. As palavras são manejadas pelo sonho com a mesma frequência que as coisas (...) Criações léxicas cômicas e raras são o resultado de tais sonhos". (25)

Poderíamos destacar, dessa passagem, dois pontos de interesse para nossa discussão. Primeiro, seria possível, por meio dela, retomar a questão de um estreitamento entre os processos psíquicos inconscientes regidos pelas leis atribuíveis ao processo primário, e a função de nomeação sublinhada por FREUD - tanto no "Projeto..." de 1895, quanto no Capítulo VII de "A interpretação dos sonhos" -, como pertencente ao funcionamento secundário do psiquismo. Justamente uma metáfora alusiva aos dois modos de funcionamento psíquico expressava-se, assim, no "Projeto": *"Fecha-se os olhos e alucina-se, abre-os e pensa-se com palavras".(26)* A obra de 1900 dedica espaço especial ao que se chamou *"revisão secundária"*. O relato do sonho surge como um produto artificial, um tanto forçado, em que se reconhece um esforço de ordenação por parte do pensamento de vigília, ao qual compete: *"(...) colocar ordem nesse material, estabelecer relações e adequá-lo à expectativa de uma trama inteligível".(27)*

A função de nomeação certamente agencia esse movimento de ordenação e retificação, onde será possível dizer, por exemplo, *"era Irma, mas também Marta e havia uma certa postura à janela que pode lembrar sua amiga, etc."*

Entretanto, a obra de FREUD não autoriza a pensar que haja um divórcio entre os dois registros, de maneira que, de um lado, esteja o ordenamento lógico (sistema consciente) e, de outro, o caos imaginário inabordável (sistema inconsciente). FREUD é explícito quanto à presença de nomes nos sonhos, e se estes são aí tratados como coisas e adquirem uma nova forma de expressão, isso não impede que continue vigorando aí o ato de denotar.

O segundo aspecto, caro à nossa discussão, refere-se à vertente criativa levada a termo nos sonhos, mediante a técnica da condensação. Os sonhos resultam ser não só reprodutivos, mas também produtivos, dizia FREUD no início de seu livro, são capazes de produzir *"criações léxicas cômicas e raras"*. O trabalho de condensação lida com a reunião de fragmentos da história psíquica do sujeito, fragmentos muitas vezes dispares ou oferecidos ao acaso, como os restos diurnos disponíveis à confecção dos sonhos. O resultado implica a criação de novas entidades,(28) diante das quais o sujeito se espanta, pois subvertem sua intenção comunicativa.

Se o sonho é comparável a uma linguagem, esta teria a estranha peculiaridade de passar ao largo da função comunicativa que lhe é normalmente exigida. FREUD escreve a respeito do trabalho onírico:

" Não se trata de que seja mais descuidado, incorreto,

mais furtivo ou incompleto que o pensamento de vigília, é algo que qualitativamente difere dele e, portanto, em princípio não pode ser comparado com ele. Não pensa, não calcula nem em geral julga, se não que se limita a remodelar pensamentos, cálculos e juízos". (29)

Esse remodelamento constante a que se prestam não só os sonhos, mas também outras produções inconscientes, tais como sintomas, fantasias e lapsos, poderia ser pensado como sendo o próprio modo de retorno do desejo recalcado, que ganha sempre novas formas, uma vez que é indestrutível. Há uma (re)produção, mas os caminhos marcados (facilitações) tendem a ser reinvestidos ou reutilizados como restos para a confecção de algo que não existia antes.

O segundo dos mecanismos fundamentais que caracteriza o processo primário é o deslocamento (VERSCHIEBUNG). Esse mecanismo já havia sido explorado por FREUD nos artigos "O mecanismo psíquico do esquecimento" e "Lembranças encobridoras", num momento em que o recalçamento do desejo inconsciente figurava no centro da explicação das manifestações neuróticas.

O sonho viria a ilustrar, de maneira esclarecedora essa vertente do funcionamento psíquico inconsciente, por conceder extrema nitidez a elementos mínimos e aparentemente insignificantes, o que permite pensar numa transposição de valores psíquicos por meio da migração do afeto de uma representação para outra.

Trata-se novamente, como no caso da condensação, de um

recurso de transgressão da censura endopsíquica, uma maneira de continuar fazendo valer o desejo, ainda que ao preço de uma deformação.

Se a técnica da condensação age por abreviação, reunindo, agregando, numa mesma imagem, elementos em si mesmos dispares, mas passíveis de serem congregados por alguma característica em comum, o trabalho de deslocamento opera por fragmentação e desagregação do material psíquico, de modo que um pequeno fragmento extraído de um contexto mais amplo passe a concentrar, por transferência de intensidade psíquica, todo o valor subtraído aos elementos circundantes que estiveram em conexão com ele.

Recordemos a precoce intuição freudiana a respeito dos sintomas afásicos(1891), que não precisavam ter por causa supostas lesões anatómicas nos diferentes centros da linguagem (sensorial/motor), mas que pareciam fazer um uso especial de expressões verbais, privilegiando ora relações de similaridade entre as palavras, ora relações de contigüidade entre elas. FREUD parece retomar o que, a princípio, teria servido apenas para sustentar a ênfase no aspecto funcional do aparelho neuronal, em detrimento da causalidade das lesões anatómicas. Na condensação, seriam predominantes as possibilidades de substituição dos termos em função das relações de similaridade, enquanto, no deslocamento, estariam agindo as relações de contigüidade entre eles.

3.3 Alguns fundamentos teóricos do processo onírico

Sabe-se que "A interpretação dos sonhos" estrutura-

se de modo particular. Até o capítulo VI, a argumentação baseia-se, principalmente, em material clínico - análise de diversos sonhos, inclusive alguns do próprio autor - mas o último capítulo é reservado à fundamentação teórica das deduções extraídas da clínica.

Não pretendemos fazer um desdobramento pormenorizado da teorização aí presente, que traz enormes conseqüências para o campo da Psicanálise. Destacaremos somente alguns pontos de maior relevância para o nosso trabalho.

Se, desde as primeiras linhas do livro, FREUD dedica-se a confrontar as peculiaridades da vida onírica com as da vida de vigília, sem acreditar numa ruptura definitiva entre as duas, todo o esforço da parte metapsicológica visará à construção de um aparelho psíquico estratificado à maneira do que já havia sido esboçado na Carta de 6/12/96. O capítulo VII de "A interpretação dos sonhos" vem dar consistência a essa divisão tópica do aparelho psíquico, ao aprofundar a discussão sobre a existência de modos distintos do funcionamento mental:

"O inconsciente pareceu-nos, a princípio, um mero caráter enigmático de um certo processo psíquico; agora significa para nós algo mais: é um indício de que esse processo participa da natureza de uma certa categoria psíquica, que conhecemos por outros e mais importantes caracteres, e pertence a um sistema de atividade psíquica que merece nossa maior atenção."(30)

As leis que regem esse outro lugar psíquico já haviam sido parcialmente enunciadas no "O Projeto..." e encontram-se mais detalhadas no estudo sobre os sonhos. O modo alucinatório de realização do desejo, descrito na primeira obra como sendo característica básica dos processos primários, sofre um desdobramento requintado na segunda, onde já se especificam os mecanismos de condensação e deslocamento, os recursos regressivos no plano da imagem, uma nova forma de tratamento do tempo e do espaço, a subversão dos dispositivos lógicos de contradição e negação e, enfim, de todas as regras que mapeiam a ordem da razão e da consciência crítica.

Gostaríamos de nos ater um pouco mais à questão do tempo no inconsciente, na sua articulação com o conceito de regressão.

O tempo presente é justamente o que é privilegiado no âmbito do funcionamento psíquico inconsciente, tempo afirmativo em que o *"desejo é representado como realizado"*. (31) O tempo presente é também predominante em outras formas de manifestação do inconsciente: sintoma, fantasia, atos falhos. A lembrança não podendo ser recuperada normalmente por uma atividade rememorativa, torna-se presente e adquire o estatuto de percepção, surtindo efeitos reais na vida do neurótico.

O mecanismo que explicaria esses efeitos de atualização dos conteúdos psíquicos, operantes tanto no sonho, como na histeria e na paranóia, constitui o que FREUD chamou de regressão. A rigor, a regressão define-se pela inversão do curso da energia endopsíquica que, ao invés de passar do pólo sensorial do aparelho para o motor, toma o caminho inverso e transforma pensamentos em imagens sensoriais.(32)

Esse movimento regressivo que vai *"de algum ato complexo de representação até o material bruto dos traços de memória que está em sua base"* (33) é solidário da tese apresentada por FREUD no livro dos sonhos, segundo a qual no inconsciente as palavras são tratadas como coisas.

O recurso a esse complicado mecanismo permite a realização de desejos inconscientes, que são traços articulados em cadeias associativas e são atualizados de diversas maneiras. O desejo, estruturado em combinações múltiplas de traços mnêmicos, não é rememorado como fazendo parte de uma experiência subjetiva pertencente ao passado, mas retorna numa cena do presente.

Quando FREUD lança mão, no "Projeto..." do exemplo da paciente Emma para falar da primeira mentira histérica e dos processos primários póstumos, (34) mostra também como agem os recursos da alucinação e da regressão. A paciente apresenta o sintoma de não poder entrar em lojas sozinha. Ela lida com a loja atual (real) como se fosse uma loja do passado, cenário de um atentado sexual. Ocorre que esse *"como se fosse"* não é operante, não desempenha sua função. O nome *"loja"* permanece associado com todos os outros que estiveram uma vez ligados com o nome *"loja anterior"*, que afinal, deixa de apontar para essa referência: uma loja anterior.

Ao lado de uma regressão do tipo formal, em que nomes transformam-se em meras sensações e perdem sua natureza referencial, FREUD menciona a regressão temporal, (35) aliada da descoberta da sexualidade infantil que se organiza de modos diferentes em momentos especiais da vida do sujeito. Alguns

seguidores de FREUD foram levados a compreender a questão da regressão como uma espécie de defeito possível no curso do desenvolvimento normal da libido(36). Se as manifestações neuróticas apresentavam esse tipo de anacronismo, a análise poderia servir como um corretivo. Para tanto, os efeitos transferenciais, produzidos no transcorrer de um tratamento, deveriam ser desfeitos sempre na remissão para cenas remotas encobertas. Esse tipo de procedimento considera o discurso na análise como um mero acessório para referir-se a cenas e experiências - ainda que fantasiosas - do passado, em vez de reconhecer no sintoma e nas demais formas de apresentação do inconsciente a própria estrutura da linguagem, como ocorre na teoria de LACAN.

Quando FREUD, lançando mão do tratamento hipnótico, costumava interrogar seus clientes a respeito de uma cena originária varrida da consciência, recorria a uma referência externa ao próprio discurso para dissolver o nó sintomático. Mais tarde, ao pensar o recalque como falha na tradução ou como uma operação que se dá entre dois registros, pôde tratar a própria palavra como uma formação de compromisso análoga ao sintoma. Na Psicanálise, estaria em jogo, como FREUD havia dito anos antes, a *representação lesada*, resultado de uma tradução falha que não mais poderia ser remediada pela evocação de uma cena do passado. Entretanto, FREUD insiste em acreditar que essa falha possa ser remediada de outras maneiras.

3.4 A propósito do simbolismo onírico

Em "A interpretação dos sonhos" inaugura-se um período do pensamento freudiano no qual se consagrou a eficácia da técnica da livre-associação como promotora de um saber possível sobre o inconsciente, estando o acesso a esse saber na dependência estrita da fala dos pacientes em análise. Além disso, FREUD procura aproximar esse movimento de livre associar ao próprio modo de funcionamento do inconsciente, que só se apresenta de maneira enviesada pelo recurso aos mecanismos de deslocamento e condensação.

Entretanto, teve que enfrentar, em contraposição às teses que vinha sustentando, o problema da presença da repetição simbólica nos sonhos.

Cabe notar que grande parte do material referente ao simbolismo onírico esteve praticamente ausente da primeira edição do livro, sendo acrescentado apenas a partir de 1909. Justamente o período compreendido entre os anos de 1910 e 1914 esteve marcado pelas contribuições do pensamento de JUNG e dos analistas da escola de Zurich. (37) Wilhelm STEKEL foi quem lançou a questão desconcertante do simbolismo nos sonhos e interessou-se pela construção de uma teoria psicanalítica do símbolo. Também a noção junguiana do inconsciente coletivo implicava uma concepção do símbolo como heraldo de produções culturais, mitológicas e lendárias. Dessa herança, provinha a explicação para a reprodução de estruturas mais ou menos fixas nas mais diversas manifestações do inconsciente, em culturas e épocas distintas.

É na sessão D do Capítulo V de "A interpretação dos sonhos", intitulada "Sonhos típicos", que se chama a atenção para a

repetição de certos temas na produção onírica.(38) A repetição de conteúdos universais fixos contrastava com toda a sustentação teórica concedida até então à formação dos sonhos, uma vez que implicava uma certa constância entre o símbolo e a coisa simbolizada, a ponto de se poder prescindir das associações do sonhador. Essa tipicidade desafiava, portanto, o caráter individual do recalçamento.

A atenção atribuída à questão do simbolismo no sonho, reiterada por uma extensa seção acrescentada ao Capítulo VI em 1914, onde são acolhidas algumas das teses de Wilhelm STEKEL sobre o assunto, não invalida a crítica feita por FREUD ao método popular simbólico de interpretação. O trabalho de interpretação continuaria pautado na fragmentação do material e nos fios associativos imanentes dessa partição:

"... gostaria de advertir de maneira expressa que não se deve exagerar a importância dos símbolos para a interpretação do sonho, como se o trabalho de tradução devesse limitar-se à tradução de símbolos, desprezando a técnica que recorre às associações do sonhador. As duas técnicas devem complementar-se". (39)

Na décima conferência de suas "Conferências introdutórias sobre Psicanálise", FREUD reafirma essa advertência e aponta para os riscos a que se poderiam expor os analistas que se deixassem seduzir pelo sentimento de onipotência, ao fornecerem significados avulsos e independentes das associações do sonhador. Ele assinala a relativa utilidade do método simbólico, desde que

subordinado à técnica da livre-associação, que propiciaria o acesso à "*situação psíquica*" do sonhador.(40)

Não bastaria a FREUD, por exemplo, traduzir diretamente o símbolo "serpente" pelo seu significado corrente "phalus", sem que antes tivesse sido percorrido o caminho que justificasse a apropriação, pelo falante, dessa representação e não de outra qualquer, sendo necessário aquilo que - do ponto de vista de sua "*situação psíquica*" - o teria levado a dotá-la de uma significação fálica. De nada, ou de muito pouco valeria a presença de um saber prévio instituído (pelo uso da língua, pelas criações mítico-culturais) se aquele que toma a palavra não se posicionar aí de algum modo.

Do ponto de vista da técnica, FREUD não recomenda o emprego do método simbólico, seja em preponderância, seja em detrimento da livre associação.

Na Conferência X de 1916, FREUD retoma a questão do simbolismo. Além de trazer à tona "*elementos oníricos mudos*" (41) que se impunham como um entrave ao discurso associativo, o processo de simbolização atesta uma relação constante entre o símbolo e a coisa simbolizada. Esse tipo de dependência seria sustentado pelo método da comparação (42) subjacente ao tipo de relação simbólica. O símbolo existiria como tal à medida que comportasse um elemento comum de comparação com o objeto que pretendesse simbolizar.

FREUD faz notar ao leitor uma certa repetição temática explorada no campo do simbolismo, de maneira que, a um número maciço de símbolos, corresponderiam conteúdos escassos, tais

como: o próprio corpo, as relações parentais, o nascimento, a morte, o campo da sexualidade.(43)

Entre adotar uma postura arbitrária, à maneira de STEKEL, que, freqüentemente, surgia com interpretações prontas e visivelmente artificiais, ou seguir a extravagância do método junguiano, que recorria a explicações transcendentais para tratar dos conteúdos simbólicos presentes nas produções mitológicas, FREUD decide-se, como de hábito, por uma saída "*mais científica*" para a problemática do simbolismo nas produções psíquicas.

Na Conferência de 1916, ele menciona as teorias filológicas de Hans SPEER, (44) segundo as quais "*as necessidades sexuais desempenharam o papel principal na origem e no desenvolvimento da linguagem*". O estudo desse autor supunha que os primeiros sons emitidos pelo homem destinavam-se à comunicação e à atração do parceiro sexual, e foram, com o tempo, perdendo sua significação original, quando aplicados à atividade laborativa. O trabalho deveria ter sido aceito pelo homem como um substituto da relação sexual. O significado original de algumas palavras ligadas ao campo da sexualidade poderia persistir, desde que deslocado para a finalidade do trabalho.

Em um de seus principais ensaios dedicados a mostrar a supremacia do papel desempenhado pela linguagem na constituição dos processos inconscientes, LACAN menciona a teoria do simbolismo e evidencia, de forma inequívoca, a diferença existente entre sua concepção de linguagem e aquela dedutível da análise simbolista.

Reconhece espaço, no seio de seus construtos teóricos, para a inserção de uma "*linguagem primeira*" (*langage premier*) e não,

em absoluto, para uma "*língua primitiva*" (*langue primitive*). (45) O leitor é levado a crer, de imediato, que o autor faz oposição a uma vertente do encaminhamento teórico de FREUD, até que depara, logo adiante, com o nome de Ernest JONES, apontado como principal responsável pelo enquadramento da teoria do simbolismo na perspectiva psicanalítica. A estratégia lacaniana mostra-se um tanto escamoteante, na medida em que pretende amortecer ou mesmo anular, o impacto constrangedor da associação do nome de FREUD com os pressupostos veiculados pela teoria do simbolismo.

No seu seminário sobre a ética da Psicanálise, dedica um comentário sobre o livro de Hans SPEBER "*Da influência dos fatores sexuais sobre a origem e o desenvolvimento da linguagem*". (46). Novamente figura aí, em primeiro plano, o nome do discípulo de FREUD (em homenagem de quem, aliás, LACAN escreve, no mesmo ano, um artigo que versa, justamente sobre *sua* teoria do simbolismo) e ofusca-se, astutamente, o do mestre.

LACAN aponta, nesse trecho do seminário, as insuficiências da filologia de SPEBER, seu caráter marcadamente simplista e reducionista, ao ponto de servir, em larga medida, para "engordar" a lista das "*aberrações da especulação psicanalítica*". (47)

Certamente, pareceria absurdo, como afirma o autor, pretender retroagir e referir toda a complexidade da linguagem humana a componentes sonoros mínimos, que teriam, presumidamente, acompanhado a atividade sexual em tempos remotos. Nada disso explicaria, segundo ele, "*a estrutura significante*" (48)

constituente da linguagem.

LACAN não esclarece, contudo, o apelo freudiano a esse exercício especulativo que se trata de combater. Seria preciso reconhecer, os pontos em que a opção de FREUD por uma saída filogenética dessa natureza, (por mais notória que seja a fragilidade da referência escolhida) (49) teria servido de ancoragem para certos pressupostos metapsicológicos de sua obra, ainda que possamos igualmente convir, que a teoria da significação por ela promovida, não se confina, estrita e inteiramente, nos limites do simbolismo, tal como formulado por Hans SPEER, embora recorra também à idéia de que a função da linguagem é referir.

Curiosamente, a função do grito, tal como é descrita no "Projeto...", ultrapassa a tradução de uma necessidade vital e passa a ser fonte de motivos morais. Não se trata aqui de vocábulos orgâsmicos transformados, posteriormente, segundo o processo de hominização, em utilidade prática deslocada. O grito seria, ao mesmo tempo, expressão da necessidade interna e já também outra coisa, uma vez que é englobado pela ação do outro, que só pode responder com seu desejo. Não há essa passagem linear de um estado animalesco primitivo para um estágio superior da comunidade humana.

Cabe perguntar se é possível, do interior mesmo do pensamento freudiano, depreender uma outra relação entre a linguagem e o desejo inconsciente que se desvincule de uma teoria genética sobre a linguagem capaz de capturar, pela interpretação retroativa, elementos originalmente "copro-eróticos".

Uma segunda indagação poderia servir como fio condutor na

tentativa de responder à questão anterior. Por que FREUD não se ateve, exclusivamente, aos pressupostos da teoria do simbolismo, uma vez que ela continha elementos preciosos para responder às ambições do projeto metapsicológico? De fato, essa teoria poderia fornecer ^o um fundamento universalista (o postulado de uma língua originária básica), um sentido capaz de determinar e consolidar os contornos da origem (o significado sexual primitivo das palavras) e, finalmente, um processo de transformação que permite o trânsito entre o literal e o metafórico, o concreto e o abstrato (o deslocamento temporal, por meio da evolução, das atividades propriamente sexuais, para as laborativas de forma geral). Por que, vale insistir, o Édipo, e não o simbolismo, receberia ênfase tão especial no conjunto da obra desse autor, a ponto de converter-se em um de seus principais pilares? Talvez porque no simbolismo a relação entre nome e referência seja fixa, determinada *a priori*.

FREUD certamente não abre mão da questão da gênese do desejo humano que, por ser ele mesmo o próprio movimento inaugurado pela falta de um objeto determinado, nem por isso é também movimento aleatório, casual. O complexo de Édipo refletiria uma outra maneira de conferir forma para a origem do desejo, sem, no entanto, precisar subordinar o advento do inconsciente ao desenvolvimento da linguagem.

3.5 Édipo Rei: o princípio organizador do psiquismo

Em "A interpretação dos sonhos", encontramos uma discreta

referência ao Édipo situada justamente na seção sobre os sonhos típicos, mais especificamente, na passagem que aborda os sonhos sobre a morte de pessoas queridas. O Édipo viria responder a essa repetição, na medida em que fornece um ponto de interseção entre o que é universal e ultrapassa o sujeito e o que é particular e deve retornar pela via das associações.

Já na correspondência enviada a FLIESS encontramos algumas considerações inaugurais sobre esse tema que levaria muitos anos para ser incorporado e assimilado teoricamente pela obra freudiana.

A descoberta daquilo a que FREUD costumava chamar "*complexo nuclear das neuroses*" possui uma dupla raiz na história de seu pensamento. Por um lado, adveio de uma necessidade teórica interna de postular uma etiologia universal para as neuroses, visto que a hipótese da sedução primária mostrara-se insuficiente nesse sentido. Por outro lado, essa descoberta surgiu quase que casualmente no decorrer da auto análise de seu criador.

As cartas de 3, 4 e 15 de outubro de 1897, enviadas a FLIESS, contêm uma série associativa de lembranças remotas semifantasiadas, fragmentos de um sonho com uma velha babá e informações do presente que viriam a confirmar ou refutar a veracidade do material recuperado. Aos poucos, articulam-se a lembrança da visão da mãe nua, a figura da babá ladra que havia repentinamente desaparecido devido à sua prisão, a recordação do desaparecimento de sua própria mãe, a angústia que essa impressão causara a FREUD, os ciúmes e a hostilidade contra um irmão mais novo indesejável.(50)

Dessa construção romanceada, pôde-se começar a suspeitar da

existência de uma organização típica a que podiam ser remetidos os enigmáticos produtos da patologia psíquica:

"Descobri, também em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal da infância, mesmo que não ocorra tão cedo quanto nas crianças que se tornam histéricas". (51)

Na mesma Correspondência, (52) FREUD menciona uma atividade criativa presente na vida psíquica dos neuróticos, que ele chamou de *"romance familiar"*. Trata-se de uma fantasia típica, cujo roteiro intrigante envolve o adultério da mãe, o desejo de pertencer a uma outra família e outros componentes necessários à construção de uma trama de ilegitimidade.

Após essas alusões avulsas e pouco consistentes, encontradas em cartas do final do século, segue-se um período de silêncio a respeito do complexo de Édipo. O tema está praticamente ausente em obras fundamentais escritas no início do século XX. Sabemos, entretanto, que FREUD conduzia, em 1900, um importante caso de neurose histérica, (53) ao qual aplica, de maneira um tanto grotesca, a fórmula edípica. O Édipo parece ser concebido como um resultado natural dos destinos da libido: atração pelo representante parental do sexo oposto, rivalidade, ódio e desprezo pelo do mesmo sexo.

Alguns anos mais tarde, o autor retoma a questão sob um novo ângulo, utilizando, no entanto, temas já mencionados na correspondência a FLIESS. Em 1908, escreve um pequeno artigo

sobre a fantasia de ilegitimidade.(54) Outros dois escritos contemporâneos a esse poderiam também ser reunidos sob o nome de "Romances Familiares", tamanha a semelhança de sua composição : "O esclarecimento sexual das crianças" (1907) e " Sobre as teorias sexuais das crianças" (1908). A partir deles podemos constatar como o Édipo é tratado essencialmente como teoria fantasiosa, como algo que se constrói de acordo com uma lógica especial, centrada no pensamento e na linguagem. Uma lógica que se apropria dos acontecimentos, tramando-os numa articulação de desejo, e desdenhando, portanto, as evidências das demonstrações factuais.

Em "Romances familiares", a fantasia de ilegitimidade tem início no momento em que a criança deve, de alguma maneira, renunciar ao lugar privilegiado que até então desfrutara junto ao desejo de seus pais. Se ela é, nesse momento, deposta de seu trono, os pais são, por sua vez, destituídos do "*caráter único e incomparável*" (55) que lhes era atribuído.

O material para a composição da cena fantasmática advém de "*coincidências e vivências casuais*" (56) da experiência real, dispostas de maneira a amenizar algo que surge como insuportável para o sujeito: sentir-se negligenciado ou ver seu lugar usurpado pela interferência de um concorrente inoportuno.

A descoberta da diferença entre os sexos resulta na constatação inevitável de que "*pater semper incertus est*" enquanto a mãe é "*certissima*".(57) O pai é um produto da cultura, pode ser trocado, colocado em suspeição. A mãe é então vista como adúltera, personagem de secretas aventuras amorosas, oferecendo-

se como objeto ao desejo de outros homens, de qualquer um que venha a ocupar o lugar do pai. A mãe deixa de ser posse exclusiva de um único homem e, dessa maneira, o pai onipotente submete-se a uma multiplicação um tanto degradante.

Essas distorções estão a serviço do desejo e são movidas por uma espécie de nostalgia, constituindo a expressão de um lamento *"pelo desaparecimento dessa idade feliz"* e recuperando *"a supervalorização dos primeiros anos da infância."* (58).

A questão fálica, cerne da trama edipiana, deve ser entendida em termos dessa supervalorização fadada ao fracasso e à reposição simbólica. Não ser tudo para o outro implica o reconhecimento da própria alteridade, difícil de suportar, implica a inclusão de um terceiro elemento, que é esse *"pater incertus"*, agenciador da renúncia fundamental sobre a qual se edifica a cultura humana.

Em *"O esclarecimento sexual das crianças"* e *"Sobre as teorias sexuais das crianças"*, a discussão gira em torno do modo de iniciação das crianças aos enigmas da sexualidade. Duas questões principais estariam na base de suas construções romanceadas : o enigma da diferença entre os sexos e o da origem dos bebês.

Enquanto na primeira obra subsiste, por parte de FREUD, o crédito na salubridade do justo esclarecimento sexual da criança pelos pais e instituições responsáveis por sua formação moral, na segunda, prevalece a indiferença quanto aos benefícios da educação: bem ou mal informadas, as crianças parecem condenadas a prosseguir em suas próprias teorizações : *"Essas falsas teorias, que agora elucidarei, possuem todas um caráter muito curioso:*

ainda que grotescamente falsas, cada uma delas contém um fragmento da verdade".(59) Os impulsos sexuais das crianças instigam-lhes a curiosidade, mas logo a atividade do pensamento adquire autonomia e *"prosseque seu trabalho como uma pulsão autônoma de investigar".(60)*

O trabalho psíquico seria o produto de uma exigência pulsional combinada com a carência de uma explicação pronta e satisfatória. Daí a necessidade da criação de uma teoria subjetiva. O adulto, ao oscilar entre um silêncio consciencioso e a reprodução de versões míticas ou biológicas (seja o mito da cegonha ou uma aula de anatomia) instituídas, acaba por trair-se, ao revelar seu próprio desconcerto, e propõe o enigma à criança.

Tanto a pergunta sobre a origem dos bebês, quanto o encontro com a percepção do outro sexo tocam num ponto traumático para a criança. No primeiro caso, trata-se de lidar com a perturbação causada pela chegada de um personagem inconveniente (irmão ou outro qualquer), que venha pôr em cena o desejo dos pais para além da expectativa narcísica daquele que até o momento imaginava-se no centro de sua atenção. No segundo, é a imagem do próprio corpo que sofre um abalo : um outro sexo, dessemelhante ao do sujeito, torna-se fonte de uma teorização interessante. O menino, ao deparar com a visão do sexo feminino, não o vê de imediato. Reconhece apenas a ausência de uma parte preciosa de seu próprio corpo, que, aliás, trata de manter no lugar. Se parece não estar, é porque ainda há de crescer... Essa positividade a toda prova atribuída ao órgão masculino não tarda a ser retificada, e a criança passará a ver o sexo feminino como

castrado, objeto de um sacrifício. Essa constatação, porém, só se dá por um efeito tardio da significação de palavras ameaçadoras vindas do outro, isto é, algo deve ter sugerido a possibilidade de castração do menino. Componentes do visto e do ouvido entram em cena na configuração fantasmática: o sexo feminino pode ser designado como castrado no momento em que uma frase guardada como traço adquire uma significação lógica. A ameaça de castração não é da ordem do comportamento padronizado dos pais ou babás, é apenas uma dedução fantasmática a que chega a criança na elaboração de suas teorias. O falo seria, igualmente, uma decorrência dessa atividade teórica falseada: um elemento privilegiado que viria a sanar simbolicamente o que apenas se insinuou como possibilidade de perda.

No inconsciente, falta a nomeação do sexo feminino como tal, e persiste uma oposição do tipo "castrado - não castrado". É somente diante da ameaça (que extrapola qualquer prova de realidade que oponha o falso e o verdadeiro) de perda de um bem supremo que o sujeito aceitará, via comparações inéditas, ingressar num sistema de trocas e substituições, para preservar aquilo que tem apenas a possibilidade de faltar. Não obstante, essa simples ameaça vem funcionar como punição eficaz, capaz de assumir um papel organizador para o psiquismo do sujeito.

A criança passa a articular seu desejo numa nova lógica, que bem poderia ser qualificada como fálica, na qual irá operar, retroativamente, a significação de perdas anteriores: perda do amor integral dos pais pela intrusão de um outro, perda do seio no desmame, perda das fezes, etc. Essa contabilização serial de perdas e danos é reativada e agora organizada, concentrada em um

elemento fundamental - o falo - que é eleito o substituto simbólico, a partir do reconhecimento do complexo de castração. A engrenagem que proporciona as inúmeras possibilidades de substituições e reposições simbólicas, diante da impossibilidade fundamental de representar-se integralmente o campo da sexualidade, é a linguagem que permite os deslocamentos, transposições e inversões de sentido.

As teorias sexuais infantis fornecem uma articulação válida que possui elementos relevantes. Ela é uma construção necessária dado o estado imaturo das crianças. Este estado de desamparo primordial é considerado por FREUD como sendo a fonte de todos os motivos morais (humanos). Para ele, a falta de proporção/medida do sexual, é fonte do desamparo primordial e causa do engano perpétuo de que o homem deverá servir-se para encontrar suas sempre meias-verdades, independentes de uma função descritiva do mundo.

De todas as banalizações impostas à teorização freudiana sobre o Édipo poderíamos destacar aquela leitura que pretende concebê-lo como uma situação real de um período da infância, uma fase do desenvolvimento normal a ser superada numa direção progressiva. Teria sido encontrada, assim, uma chave interpretativa eficaz, mesmo que ao preço da transformação da Psicanálise em uma psicologia das vivências intrafamiliares. Os sintomas neuróticos deveriam estar edificados em torno da fatal privação paterna de um objeto - o seio, por exemplo - e afinal, esse objeto seria o termo último a ser encontrado na série dos deslocamentos psíquicos.

A formulação teórica do complexo de Édipo avança no sentido de encontrar uma ancoragem universal para suas premissas. Em 1912, inicia-se a escrita de uma coletânea de artigos intitulada "Totem e tabu". (61)

Esses escritos não vêm celebrar a comunhão da Psicanálise com o campo da Antropologia, não constituem um campo de exploração para a dita Psicanálise Aplicada, têm por função responder a questões internas à metapsicologia, tais como: fundamentar a universalidade do Édipo e estudar a função paterna na constituição do sintoma neurótico.

O fruto do trabalho clínico, em especial da clínica da neurose obsessiva, leva FREUD a estabelecer conexões entre a estrutura típica do sintoma obsessivo e o modo de organização do totemismo. Todo o desenrolar do trabalho é direcionado de maneira a explicar as leis do totemismo, bem como as da religião cristã, a partir do sintoma neurótico. Daí a máxima expressa muitos anos depois em "O futuro de uma ilusão": "*A religião é a neurose obsessiva da humanidade*".(62)

As duas leis básicas organizadoras das sociedades totêmicas: a exogamia (não ter relações sexuais com mulheres do mesmo totem) e não matar o totem, poderiam ser remetidas à clínica de neuróticos, que trazia sempre à tona a questão do desejo incestuoso, articulado ao desejo de morte do pai. Duas restrições fundamentais que ordenavam os laços emocionais entre os membros do clã, seu repertório de punições, seus ritos de expiação e sacrifício.

A questão freudiana recai sobre o que teria originado essa forma de organização das tribos primitivas: a que poderia ser

atribuído o respeito severo às duas prescrições morais que a sustentavam ?

A resposta é encontrada pelo recurso à hipótese de DARWIN, segundo a qual teria havido um tempo em que o pai da horda primeva gozava da posse de todas as fêmeas, privando os filhos de seu acesso. FREUD completa a trama ao postular que a revolta dos filhos teria culminado no parricídio. Se pretendiam, cada um deles, tomar o lugar do pai onipotente, só lhes restava o homicídio recíproco, uma vez que esse lugar não comportava a partilha ou a permuta - a um só deveria pertencer novamente todas as mulheres. Diante desse impasse, optam por uma renúncia coletiva ao gozo absoluto e, movidos pelo sentimento de culpa decorrente de seu ato decisivo, irmanam-se em torno de um pacto moral, fundador da civilização. O pai morto passa a ser o representante da lei moral que exige a manutenção da renúncia.

A proibição do incesto não vem abolir o desejo, antes constitui a própria possibilidade do desejo, que sobrevive às custas de uma perda de gozo. O tabu, como mostra o detalhado estudo de FREUD, é pleno de ambigüidade - se reincarna a lei primordial, é também um convite constante à transgressão. Daí sua semelhança com o sintoma neurótico.

A leitura de "Totem e tabu" ou permite compreender tal obra como uma concepção redutora que veria no Édipo a possibilidade de encontrar a referência última para o desejo: amor pela mãe e ódio pelo pai, no caso do menino, e vice-versa, para as meninas, ou, como preferimos entendê-lo, enquanto uma construção organizadora do psiquismo. Nesse sentido, ela aponta, principalmente, para a

questão da diferença entre os sexos e para o complexo de castração.

Os filhos da horda primeva decidem-se pela revolta por aspirarem, cada um deles, ao lugar ao mesmo tempo privilegiado e impossível ocupado pelo pai. Querem ser como ele, para ter o que lhe pertence. O que afinal os mobiliza em direção ao parricídio é um bem supremo e inacessível enquanto tal: possuir todas as mulheres. O pai do gozo privado absoluto cede lugar ao pai simbólico, que atua como lei mediadora do desejo, que só pode exprimir-se por substitutos.

Alguém poderia interpretar a série de ensaios "Totem e tabu" como a história da luta originária dos filhos pelo poder do pai, de maneira que o significado original do desejo recalçado pudesse, afinal, encontrar sua tradução: desejo de poder. ADLER, (63) por exemplo, fala de "*protesto masculino*". O enigma do desejo (de qualquer desejo) acabaria por desembocar num complexo de inferioridade, que tem por correlata uma ostentação compensatória de poder. O acento recairia na imagem do pai ideal, em contraposição ao pai morto (castrado), que funda o desejo humano como aquele que comporta uma exceção, uma renúncia fundamental, a qual poderá, por sua vez, conferir-lhe seu caráter excessivo em relação ao que possa ser por ele alvejado como objeto.

O bem supremo que daria consistência ao poder do pai não tem, na realidade, um nome. O falo pode subsistir apenas como um símbolo do desejo do pai, um símbolo passível de ser cristalizado, imaginariamente, em qualquer significação, mas que nunca irá esgotar-se em qualquer uma.

A teoria construída em "Totem e tabu" foi duramente atacada,(64) por atrelar-se a uma pista antropológica falsa. Por nunca haver de fato existido tal momento fundador da civilização, ficaria invalidada a proposta da Psicanálise. Apoiar essa réplica é aderir a preconceitos cientificistas não abandonados pelo próprio FREUD. Uma outra opção seria entender "Totem e tabu" como sendo a construção de um mito, a formulação de uma justificativa viável ao que tem valor de enigma.

Se o Édipo pode ser entendido como uma fantasia fundamental, norteadora do desejo, em que seriam articulados restos do visto e do ouvido, deixa de ser necessária a estipulação de uma referência exterior ou anterior ao trabalho do inconsciente, presente na concepção freudiana, que gravita em torno da fala enganadora, produtora de equívocos.

Esta poderia ser uma resposta possível à crítica do pansexualismo da Psicanálise(65), segundo a qual, a metapsicologia freudiana teria por finalidade a tradução de todas as questões relativas à subjetividade humana - seus pontos obscuros, suas paixões e tragédias - num conteúdo sexual improvável, apenas discernível pelo artifício da utilização de uma determinada chave interpretativa.

Teríamos, de acordo com essa visão, a linguagem e seus equívocos, sempre norteados pela sexualidade, donde se poderia derivar uma espécie de fala padrão regulamentada por elementos externos (seio, falo, mãe, pai, etc.) Poderíamos contra-argumentar recorrendo a ASSOUN:

"A sexualidade não é um motivo geral da enunciação, aquilo de que se motiva o sujeito (...) é a propósito da sexualidade que o sujeito se cinde" (...) "é a posição desse sujeito em face da castração que faz com que a sexualidade não possa ser um motivo de comportamento, fosse ele lingüístico, tão geral quanto se supõe".(66)

O sexual, que certamente deve permanecer como eixo de sustentação para a edificação da teoria do complexo de Édipo, não se reduziria, no entanto, a um sentido primeiro, imanente de toda a enunciação. Ele pode ser visto como causa da divisão subjetiva que se reporta ao complexo de castração.

3.6 O refugio do mundo dos fenômenos

FREUD aborda, em uma de suas conferências, na Universidade de Viena, o tema dos atos falhos (FEHLLEISTUNGEN) e ressalta, não sem ironia - pois sabia ter na platéia circunspecta uma amostra significativa do meio científico-acadêmico de seu tempo - o interesse da Psicanálise pelo *"refugio do mundo dos fenômenos"*.(67)

Em 1901, teria sido "lixeiro" exímio e paciente, coletando as sobras do que com muita frequência é subtraído ao interesse do campo da ciência. Reúne, em um livro, incontáveis exemplos de trivialidades e banalidades - pequenos deslizes, erros, lapsos diversos, atos descuidados, todo o material que daria corpo ao que ele chamou a *"patologia do cotidiano"*. (68) Já fizemos alusão (p. 98, Cap.2) ao que contém esse título de paradoxal e o quanto

ele nos mobiliza a repensar, do ponto de vista da Psicanálise, a questão do normal e do patológico. Essa espécie de inconsciente mundano, apresentado em 1901, resulta de extenso trabalho teórico/clínico a partir do qual foi possível encontrar uma identidade estrutural entre sintoma neurótico, sonhos e, desta vez, os atos falhos.

Todas as categorias analisadas por FREUD pertencem ao domínio da linguagem, mesmo atos que não se utilizam de palavras não deixam de ter consequências no contexto da comunidade lingüística em que operam. A leitura dessa obra deixa transparecer o interesse principal de FREUD pelos pontos em que a linguagem não funciona, pontos em que algo parece não andar tão bem como de hábito. No entanto, as produções falhas são entendidas por FREUD como obra/trabalho do inconsciente, o que sugere a possibilidade de fazer derivar o sucesso do próprio fracasso.

A obra mostra, detalhadamente, como o homem não pôde colonizar - como vem colonizando tudo há séculos - o campo da linguagem. Ele não é senhor do que diz. É com frequência ultrapassado na sua intenção consciente, fala sempre mais ou menos do que julga dever ou querer.

Entretanto, FREUD também não concede, ceticamente, autonomia absoluta à linguagem, suposto cenário de jogos fortuitos, aleatórios; caso o fizesse, não teria inventado a Psicanálise, seria um lingüista perscrutador dos fatos puros de linguagem. Nesse sentido, ele rebate a concepção de WUNDT segundo a qual os deslizos da fala devem-se a uma espécie de contágio

entre sons semelhantes.(69) As leis fonéticas, por si sós, não poderiam explicar a ocorrência dos lapsos de língua. Para tanto, seria decisiva, na opinião de FREUD, a influência de *"pensamentos situados fora da intenção do dito"*.(70)

FREUD deve supor a existência de intenções inconscientes, de maneira a não abolir o sujeito do discurso. Não faz, portanto, Teoria ou mesmo Filosofia da Linguagem, pretende fazer valer o mal-estar decorrente da fala e, ainda, remeter os encargos desse mal-estar àquele que fala. Assim, o discurso traiçoeiro não poderia ser nem uma estrutura autônoma, dotada de eficiência própria, fruto do mero acaso, nem, tampouco, o resultado de conexões arbitrárias produzidas por um sistema de causalidade externa do tipo místico-religioso.

FREUD trata o acaso à luz do determinismo psíquico e insiste na existência de uma necessidade interna vinculada às contingências externas, ao contrário do que defenderia o supersticioso, que costuma acreditar num sistema explicativo/normativo proveniente do exterior, sistema que o transcende e diante do qual deve curvar-se.(71)

Também o paranóico, à maneira do supersticioso, orienta-se em função de uma crença na existência de uma organização autônoma da realidade externa, vê-se com frequência capturado em tramas lógicas que lhe imputam uma certeza em relação à qual não lhe resta qualquer intervenção.

Muitos anos depois, ao discutir a questão da validade da interpretação em análise, seus efeitos de verdade para além da rememoração, FREUD nos fala das construções elaboradas durante o processo de análise e do modo pelo qual meras conjecturas,

advindas do trabalho de associação, transformavam-se em convicção,(72) por parte do analisando. Encontramos, nessa mesma obra, uma analogia entre as construções comuns na clínica de neuróticos, e as formações delirantes presentes na psicose. Ambas apontariam para uma tentativa de explicação e cura.(73) Digamos que a crença do psicótico perante o delírio exprime a certeza do que lhe é imposto de fora, enquanto a convicção presente nas neuroses não deixa de implicar um movimento de dubitação promovido pelo tipo de relação que o sujeito assume com a fala, pois ainda que profira absurdos ou se sinta em constante traição à sua memória, ele reconhece, aí, uma legitimidade que ganha o estatuto de convicção.

Poderíamos dizer que, no caso da psicose, o ato falho não existe como tal, pois não se produz, a partir dele, qualquer pergunta que aponte para a participação do sujeito na sua construção. A linguagem não é fonte de mal-estar ou constrangimento, não modifica o sujeito a partir do que é dito, pois também não convoca a escuta do outro para veicular um efeito de abertura da significação.

Um fragmento clínico extraído da análise do caso do "*homem dos ratos*"(74) talvez possa ilustrar um pouco desse sentimento de convicção que surge como efeito das relações de sentido internas ao discurso.

Um dia, numa sessão, vem à mente do analisando de FREUD a idéia de que uma amiga sua poderia dedicar-lhe maior afeição se uma desgraça se abatesse sobre ele; logo depois, pensou que essa desgraça poderia ser a morte de seu pai. Imediatamente, ele

repudia essa idéia. FREUD chama a atenção para o fato de ele tratar a frase como se envolvesse um crime de lesa-majestade e conclui:

"... é sabido que o autor de uma frase como "o imperador é um asno" é tão condenável quanto aquele que disfarça a ofensa por meio de um expediente como "vai se haver comigo aquele que disser que o imperador é um asno". (75)

O que FREUD procura sublinhar, nessa passagem, é a estratégia de escape do "homem dos ratos", mediante um recurso de linguagem capaz de amenizar seu comprometimento no desejo de morte do pai. O que é notável é que o discurso indireto "se meu pai morresse" não permanece como tal, um afeto sobrevém (o repúdio), retirando a neutralidade própria de uma mera suposição. Há uma cumplicidade evidente de quem profere a frase, uma auto-denúncia da qual não se pode escapar.

O paciente teme e repudia seu desejo que resiste a ser reconhecido e submete-se à censura. Contudo, perguntava-se FREUD a respeito dos sonhos, (76) se a realidade psíquica se opõe à realidade material, por que as pessoas relutam em aceitar a responsabilidade pela imoralidade de seus sonhos? Se não se trata de redimir-se de um ato real (material) por que persiste a estrutura de lesa-majestade? O homem dos ratos contesta a observação de seu analista e alega que tudo não passava de uma simples associação de idéias; mas por que o "se ele" impessoal é tratado como um "tu" inclemente, se não se reconhece aí um

desejo?

O texto de 1901, "A psicopatologia da vida cotidiana" explora, de maneira exaustiva, um aspecto fundamental da interpretação psicanalítica: o ouvinte, aquele a quem se dirige o discurso. Por mais que os impropérios lingüísticos venham a contestar o uso normal da língua, seu efeito (qualquer que seja ele) deve encontrar uma resposta/pergunta no outro. Se FREUD não apontasse a estranha reação de seu analisando frente às palavras, a contradição não se mostraria efetiva. É imprescindível que o sentimento de convicção seja compartilhado com alguém mais, alguém que venha a testemunhar e corroborar os efeitos de sentido, caros ao funcionamento da linguagem. Esse outro não é, nesse caso, o interlocutor normativo do justo emprego da língua, é o representante da falta de consistência e garantias a que se submete o ser falante.

Lembremos o exemplo freudiano do sujeito que abre a sessão do parlamento dizendo "declaro a sessão encerrada".(77) FREUD chega a dizer que não há aí qualquer ambigüidade, mas apenas uma questão de "aceitar suas palavras". Não se trata de evocar um sentido único, exterior e oculto ao próprio dizer, mas também, menos ainda, de encarar o discurso como uma entidade autônoma independente do sujeito. A escuta psicanalítica deve supor a realidade do inconsciente, uma construção de fantasia ao mesmo tempo particular, no que tange ao seu conteúdo, e universal, quanto à sua estrutura.

3.7 Criações léxicas cômicas e raras

Uma outra classe de fenômenos estudada por FREUD em 1905, os chistes(78), bem poderia ser também qualificada como refugo. Não há nada tão desprezível em sua trivialidade como um chiste.

Em linhas gerais, os chistes podem ser descritos como sendo um refinado e complexo dispositivo verbal que, por meio do uso de diversas técnicas lingüísticas, visam à expressão de idéias dificilmente transmissíveis pelo uso normal e direto da língua.

Todo o capítulo, que trata brilhantemente da técnica dos chistes, enfatiza, por meio de inúmeros exemplos, a perspicácia com que se faz prevalecer, na construção chistosa, o aspecto formal, material e plástico das palavras. "*As condições prevalentes do material lingüístico*" (79) permitem que o sentido se desdobre, se contorça numa metamorfose lúdica, que não deixa de surpreender e desconcertar(80) os integrantes da cena do chiste.

As diversas técnicas contempladas por FREUD são finalmente reunidas em dois grandes grupos principais, a saber, condensação e deslocamento, precisamente os dois mecanismos psíquicos básicos da elaboração onírica.

A condensação sugere uma brevidade de expressão em que uma palavra reúne simultaneamente múltiplas significações. No deslocamento, estariam afetadas as relações de contigüidade entre os termos, de maneira que o curso de um pensamento esperado pode sofrer um desvio, dando lugar a um outro, não previsto.

Ambas as técnicas propiciam uma economia psíquica e um ganho de prazer ou aquilo a que FREUD chamou de "*fruição do chiste*." (81) O riso seria o produto da descarga da energia

psíquica economizada. A disponibilidade de um caminho mais curto para romper uma barreira interna permite que o eu seja ludibriado em sua vigilância defensiva e ainda se autorize um prazer a mais, inadmissível em circunstâncias normais.

Nesse sentido, os chistes aproximam-se do sintoma neurótico, embora o grau de compromisso assumido entre as instâncias psíquicas seja de outra ordem. No sintoma, a vertente da realização de desejo é muito mais ofuscada pelo sofrimento que acarreta ao eu, o prazer aí cultivado não é compartilhado com o outro, é um prazer particular, que muitas vezes o próprio sujeito desconhece.

Embora ambos lidem com material recalcado pertencente às fantasias, os chistes, por pertencerem ao campo da Estética, devem ser levados a público produzindo uma maneira nova e criativa de fazer uso dos conteúdos inconscientes.

Em "Os caminhos da formação dos sintomas", FREUD compara o neurótico e o artista de acordo com suas diferentes posturas diante da fantasia. Enquanto o primeiro fica preso em sua fantasia", (82) num gozo inútil, estéril e particular, o segundo *"age através de sua fantasia"*, (83) podendo contar com o aval geral da Humanidade. Em "Escritores criativos e devaneio" diz o seguinte: *"O poeta ameniza o caráter do sonho diurno egoísta mediante variações e encobrimentos, e nos suborna por meio de uma ganância de prazer puramente formal, isto é, estética"*. (84)

Nos chistes, predomina também esse tipo de suborno do ouvinte, no qual um ganho de prazer inesperado e criativo soma-se ao tratamento de questões ilícitas.

Quem é esse outro a quem se endereça o chiste? Qual é a sua função no desenvolvimento de um chiste? Essas são questões que tocam um dos aspectos mais importantes do estudo freudiano sobre esse tema.

FREUD nos diz que os chistes possuem uma composição ternária.(85) Não basta que o autor do chiste se regozije em pensá-lo ou lembrá-lo, disso ele não extrai prazer algum. é preciso contá-lo a alguém mais, a um terceiro, que assumirá o lugar de cúmplice, avalizará o prazer, tornará o chiste eficaz.

Nas situações cômicas, somente duas pessoas são envolvidas: um sujeito que ri e outro que é objeto de riso. Há apenas a constatação da comicidade de uma cena ou situação. Já o chiste, existe a partir de um trabalho com as palavras, e a terceira pessoa autoriza ou não, por sua reação (o riso), a eficácia desse trabalho. FREUD afirma: *"Tudo o que nos chistes aponta para a ganância de prazer é atribuível à terceira pessoa como se houvesse na primeira obstáculos internos insuperáveis"*.(86)

Gostaríamos de traçar um paralelo entre o modo de constituição dos chistes e a função designada às palavras na análise. Para que servem as palavras proferidas em análise? Procuramos, ao longo desta pesquisa, levantar as possibilidades de resposta a essa questão em momentos distintos do pensamento freudiano. A construção paulatina do conceito de inconsciente permite a FREUD descartar as funções de comunicação, descrição ou evocação de estados psicológicos internos geralmente dadas à fala, para reter apenas a função denotativa da linguagem. No entanto, a introdução e o desenvolvimento do conceito de fantasia poderia nos levar a pensar o sintoma como produto de uma montagem

ou construção subjetiva imposta ao sujeito a partir de seu encontro com a impossibilidade de representação do sexual (castração). O desenlace de uma análise iria mais de encontro a essa impossibilidade do que à descoberta de referentes últimos para o desejo do sujeito.

Para avançar um pouco mais, pensamos ser indispensável uma breve digressão sobre o conceito de transferência, que, por volta de 1905, já merecera parte da atenção de FREUD.

Até esse momento (1905 - data da escrita do livro dos chistes), FREUD dispunha de elementos clínicos preciosos sobre os efeitos decorrentes das possíveis influências da figura do analista sobre seus pacientes.

Já em "A psicoterapia da histeria" (1895), em que a resistência figura como fenômeno clínico central, o autor narra um episódio onde a paciente é tomada, subitamente, pelo desejo de ser beijada pelo médico. Fica então paralisada diante desse pensamento e, a princípio, é incapaz de revelá-lo. Quando por fim o confessa, faz uma associação com uma outra cena, em que experimentara o mesmo desejo em relação a outro homem. FREUD reconhece aí uma "falsa ligação", já que o que deveria retornar como lembrança é transportado diretamente para o presente e encenado como realidade da qual o analista é um dos protagonistas. Mesmo depois de "esclarecido" tal engano, a paciente deixa-se enganar outras vezes. (87)

A leitura de "A interpretação dos sonhos" e, sobretudo, de "A psicopatologia da vida cotidiana" ensinou-nos que as manifestações do inconsciente produzem contra-sensos devidos ao

remodelamento constante do desejo, pela via de deslocamentos, substituições, associações. No livro sobre os sonhos, FREUD menciona uma "*transferência de intensidade psíquica*", inerente ao funcionamento psíquico (88) e que difere da idéia de uma falsa ligação.

Só muitos anos mais tarde, nos artigos sobre a técnica (1912 _ 1915), FREUD concederá à transferência lugar de destaque entre as questões cruciais para a Psicanálise. Nesse período, ela será vista como motor do tratamento analítico e condição absoluta para seu empreendimento.

Em "A dinâmica da transferência" (1912) mostra como, no percurso de uma análise, todo analista deverá confrontar-se com um paradoxo próprio do estabelecimento da transferência. O fato de o analista funcionar como um ímã ou ponto de atração para o investimento das moções pulsionais do sujeito abre uma via eficaz de acesso a um determinado saber sobre a história psíquica do desenvolvimento da libido, seus pontos-chave de retorno ou clichês da escritura dessa história; por outro lado, esse pode ser também o maior obstáculo para o desenrolar de uma análise : motivo de interrupção do discurso, constrangimento ou desvio do processo de cura.(89)

O desafio estaria em saber como lidar com esse paradoxo de maneira a acolher o movimento transferencial, que comporta, inevitavelmente, uma demanda de amor, (90) sem responder como agente dessa proposta. É aí que FREUD faz uma distinção importante, ao mostrar que o analista não se comporta como uma pessoa que responde no plano das retribuições, (91) mas limita-se a operar como lugar de captação dos traços constituintes da

história do sujeito. Nesse sentido, o analista poderia ser comparado à terceira pessoa no caso dos chistes - aquele a quem caberia a função de ratificar os efeitos múltiplos de sentido advindos das associações, para além do bom entendimento, dos constrangimentos ou intenções (boas ou más).

Tanto o analista deve dar espaço à transferência e não anulá-la como produto de um erro, quanto deve servir-se dela para apontar as transposições de sentido de que se vale o desejo, ao renunciar a qualquer satisfação pessoal pertinente aos embates amorosos da vida comum.

Também a situação analítica suporta uma composição ternária, em que a intencionalidade da comunicação recíproca é sempre driblada pelos jogos de linguagem. Quando a analisanda manifesta seu desejo de ser beijada, não recebe a resposta da segunda pessoa (que poderia negar ou aceitar o convite), mas é reenviada, a partir de sua própria fala, à terceira pessoa junto à qual tramara sua cena de sedução. No comentário a esse episódio, FREUD escreve: *"Trata-se de induzir o paciente a fornecer informações onde aparentemente só há relações pessoais, onde a terceira pessoa coincide com a figura do médico".*(92)

John FORRESTER (93) comenta as passagens da clínica freudiana a que nos referimos (os casos do homem dos ratos e da paciente histérica), sublinhando a estranha superposição de pronomes gramaticais promovida pela transferência. No lugar do "tu", que tenta captar a pessoa do analista, deve ser colocado um "ele", a princípio indeterminado, ao qual o sujeito deve responder de alguma maneira e é aí que pode advir um "eu".

Acrescenta, ainda, para ilustrar seu argumento, outra passagem da análise do homem dos ratos em que o sujeito relata o ponto crucial de sua história: a tortura com ratos que escutara de um capitão no serviço militar. Em meio à narrativa, interrompe sua fala e pede, em tom de súplica, que FREUD o poupasse dos detalhes, pouco tempo depois, passa a chamar o analista de "meu capitão".

O único imperativo que funda uma análise, "fale", adquire o caráter de uma tortura para o sujeito, e ainda que não seja o analista pessoalmente afeito a crueldades, o pedido de revogar a regra básica do tratamento estava fora de seu alcance. Segundo a leitura de FORRESTER o "tu és meu capitão" expresso na transferência deve ser esvaziado e deslocado para outro lugar, em que deve ser produzido um tipo de resposta particular do sujeito, nesse caso, a resposta é "capitão cruel".(94)

O procedimento de FREUD nesse exemplo está longe de rotular a fala num invólucro de teoria que esclareça o sentido dos sintomas. O desejo não é visto como encurralado numa fase do desenvolvimento da libido (anal-sádica) que deve ser abandonada. Há uma construção de fantasia que é uma das maneiras possíveis de dizer algo sobre o próprio desejo: ao ressaltar a crueldade do outro, deve-se ser capaz de formular algo sobre a própria relação com os procedimentos cruéis.

Desse ponto de vista, a fala que interessa à Psicanálise pode ser entendida, sobretudo, como uma fala conseqüente, que modifica o sujeito em relação ao que ele diz. Nesse sentido, ela pode ser vista como tendo valor de ato.

3.8 Palavra e ato em Psicanálise

Quando, nos primórdios de sua práxis, FREUD toma emprestada a Hughlings JACKSON a imagem que opõe o ato (arremesso da lança) ao dizer (proferimento de um insulto), pretende fazer coincidir a aquisição da linguagem com o início da civilização. O agir, aqui, é anterior ao dizer e teria sido, por um movimento evolutivo, superado pela fala. Pretendemos mostrar como, a partir de 1900, com o estudo dos atos falhos, seria possível pensar a dimensão de ato intrínseca ao próprio dizer.

A teoria dos lapsos apresentada por FREUD em 1901 - a qual pretende estudar mais uma das formas de manifestação do inconsciente ao lado dos sonhos, sintomas, fantasias - não tem por objeto a linguagem propriamente dita, mas concentra no material lingüístico as pistas que permitem o acesso às produções do inconsciente. Não seria necessário um grande esforço para, a partir da leitura dos escritos freudianos de 1900 a 1905, dotar-se toda a Psicanálise de um tom detetivesco clássico, em que palavras-pistas encontram-se sempre à disposição de uma lupa especial que permite enxergar algo para além do que é dito. Gostaríamos de propor uma outra leitura possível para a questão da interpretação psicanalítica, que talvez exceda os limites impostos pela obra freudiana.

Com a escrita de "A psicopatologia da vida cotidiana" e de "Os chistes e sua relação com o inconsciente", acentua-se uma questão relativa à autoria do dizer. A pergunta fundamental a ser extraída de todos os exemplos selecionados por FREUD seria: "quem fala"?, dado que, em geral, os lapsos engendram comentários do

tipo: *"não era isso o que eu queria dizer"*. Com efeito, essa questão recai sobre o sujeito da frase, que se vê ultrapassado de sua intenção consciente, e deve ser tratada, do ponto de vista da Psicanálise, no contexto transferencial. Vimos como o analista é um interlocutor especial que não deve se portar como aquele que deseja (segunda pessoa), mas coincide com a terceira pessoa do discurso que não pensa, não julga, não calcula.

Tanto os atos falhos como os chistes não servem para comunicar coisa alguma, desviam-se da função utilitária normalmente atribuída à linguagem, que deveria sempre informar algo sobre a realidade. Produzem, entretanto, uma modificação tanto naquele que fala quanto em quem escuta. A retificação que sobrevém ao deslize no discurso (*não era isso que eu pretendia dizer*) não é suficiente para anular o efeito (riso, espanto, constrangimento) embutido na própria enunciação. Nesse sentido, podemos depreender o valor de ato que as palavras podem assumir.

Para além do *"dizer no lugar do agir"*, que poderia ser entendido como uma das condições necessárias ao empreendimento analítico, teríamos uma maneira de agir inerente ao dizer que pode emancipar-se das concepções clássicas psicológicas ou filosóficas concernentes à ação. As primeiras subordinam as ações a moções volitivas pautadas por determinados fins que visam à adaptação, enquanto as segundas, podem entendê-las como signo da autonomia do sujeito que age na afirmação de seu próprio ser.(95) Também poderíamos dispensar o plano da ação motora correlacionada ao equilíbrio das forças energéticas. Em 1896, a um passo da superação da teoria catártica, FREUD observa:

"O ataque histérico não é uma descarga, e sim uma ação, e preserva a característica original de todas as ações - a de ser um meio de reprodução do prazer (...) todos os ataques de tonteirolas e acessos de choro visam a uma outra pessoa, mas basicamente, visam àquela outra pessoa pré-histórica e inesquecível, que jamais é igualada por ninguém posteriormente. (...) Os ataques nunca parecem ocorrer como uma "expressão intensificada de emoção". (96)

No primeiro capítulo deste trabalho, destacamos as duas grandes vertentes da função da fala nos primórdios da Psicanálise: ser um instrumento de captação de uma cena específica geradora de desprazer e ser uma válvula de escape para o afeto. A passagem acima apresenta o sintoma como ato reprodutor de prazer que tem o outro por alvo. Já aí estaria sugerida a concepção do sintoma como uma mensagem construída para alguém que assume o lugar de ouvinte. Essa ação tem nuances especiais, pois assegura um lugar na cena para o sujeito que de vítima, passa a agente, que encontra formulações para expressar seu prazer.

A teoria dos atos de fala de AUSTIN (97) poderia ser-nos útil para explicitar a relação que ora empreendemos entre ato e palavra na Psicanálise. Advertimos, de imediato, que não é nossa intenção fazer uma superposição ou mesmo uma aplicação dessa teoria ao campo psicanalítico, apenas destacaremos alguns de seus aspectos que possam vir a contribuir para a presente discussão.

A novidade proposta por esse autor seria pôr à prova o que

ele chamou de *"falácia descritiva"*(98), fazendo notar como a fala engendra um modo de ação e não poderia, por esse motivo, ser reduzida a uma simples forma de representação dos objetos do mundo ou de uma realidade exterior e independente do ato de dizer.

AUSTIN, em seu livro *"How to do things with words"*, propõe a distinção entre tipos de proferimentos verbais: os ditos constativos e os performativos. Os primeiros limitam a função da linguagem à descrição de um estado de coisas sujeito a verificação por critérios de verdade ou falsidade, enquanto os segundos escapam à possibilidade de tal teste e, ao serem pronunciados, realizam uma ação. Um dos exemplos paradigmáticos escolhidos por AUSTIN para ilustrar a ocorrência dos performativos é o *"sim"* dito no momento do casamento: aí estaria já o próprio ato de casar e não a expressão de uma disposição interna subjetiva. Digamos que um dos integrantes da cerimônia de casamento não preencha certas condições estipuladas para tanto, que já se tenha, por exemplo, casado uma vez. Nesse caso, AUSTIN dirá que o ato de fala é infeliz. Assim, também, uma promessa não poderia ser dita falsa ou verdadeira, senão vã, inútil, mal sucedida.

O que sedimenta toda essa argumentação sobre os atos de fala é a questão do uso da linguagem. Lemos no prefácio à edição brasileira do livro de AUSTIN: *"Não há mais uma separação entre linguagem e mundo, porque o que chamamos a realidade é constituído exatamente pela linguagem que adquirimos e empregamos"*.(99)

é em relação às condições de seu uso que os atos de fala podem ser ditos felizes ou infelizes. O malogro dos proferimentos estaria sempre condicionado por regras, em geral convenções exigidas pelo contexto, que, ao serem burladas, atestam os limites da "felicidade" do dizer.

Prosseguindo nessa via, o autor não tarda a esbarrar na questão da intencionalidade:

"... posso expressar minha intenção dizendo simplesmente "eu o farei", mas é necessário que no momento de dizer isto eu tenha a intenção correspondente, para meu ato não ser insincero". (100)

O esforço de AUSTIN parece concentrar-se no levantamento exaustivo de todas as possibilidades, reais ou virtuais, das infelicidades do dizer de maneira a poder encontrar suas determinações. DERRIDA vê aí um empenho em construir um "contexto exaustivamente definível" que terminaria na produção de um

"...querer dizer absolutamente pleno e senhor de si mesmo: jurisdição teleológica de um campo total cuja intenção permanece o centro organizador. O procedimento de AUSTIN é bastante importante e típico dessa tradição filosófica com a qual ele desejaria ter tão pouca ligação. Consiste em reconhecer que a possibilidade do negativo (infelicities) é uma possibilidade certamente estrutural, o fracasso é um risco essencial das operações consideradas, depois, num gesto quase

imediatamente simultâneo, em nome de uma espécie de regulamentação ideal, excluindo esse risco como acidental, exterior, e não nos ensinando nada sobre o fenômeno de linguagem considerado". (101)

Caberia incluir a crítica de DERRIDA em nossa precaução anterior a respeito de fazer-se uma mera acoplagem ou passagem direta do método austiniano para a Psicanálise. Parece-nos difícil conceber o contexto, da perspectiva psicanalítica, como algo a ser contabilizado na série das previsibilidades determináveis. Não há como varrer as variáveis facilitadoras do fracasso da fala para contrapô-las a uma situação ideal de consagração do sucesso. Mostramos como a noção de ato falho faz convergir esses dois termos ao ponto de um não poder ser pensado sem o outro, de acordo com pressupostos específicos da teoria psicanalítica. Por outro lado, devemos colocar em suspensão a idéia de o fracasso poder ser pensado como algo estrutural no pensamento de FREUD. Adieemos um pouco mais essa discussão.

Se AUSTIN parece tratar a questão da sinceridade como um termômetro regulador dos malogros lingüísticos, FREUD já a concebe de modo diferente. A promessa fundamental da análise-*"dizer livremente tudo o que vem à cabeça"*-, estaria, em princípio, fadada ao fracasso,(102) uma vez que o desejo está fundamentado em montagens de fantasias, na maior parte das vezes absurdas, desconcertantes e incongruentes, submetidas ao recalque, guardadas pelo falante como um tesouro íntimo somente tornado público pelos sintomas. Nesse suposto pedido de

sinceridade, já está prevista uma certa dose de mentira, presente nos modos típicos de apresentação do inconsciente.

O que precisamente nos interessa do legado de AUSTIN é o fato de sua teoria procurar pensar a linguagem como algo mais do que o lugar-tenente dos significados, colocando toda a ênfase na questão do uso da linguagem e os efeitos desse uso na dependência direta da enunciação. Também nos interessa a abertura promovida por sua argumentação, que torna possível varrer o engano de que a palavra deve ter sempre êxito.

"Minha palavra é meu penhor" (103) – essa é a máxima a ser extraída da novidade trazida por AUSTIN. Segundo FORRESTER, quando se propõe esse tipo de engajamento pelo próprio ato de dizer, está-se renunciando a uma visão mentalista da linguagem que permitiria a alguém que se está casando livrar-se da acusação de bigamia com as palavras: *"Meu estado de espírito íntimo não era o da afirmação convicta que meu proferimento das palavras pôde tê-lo levado a crer"*. (104) Caso muito similar ao exemplo do homem dos ratos estudado por nós anteriormente, em que o sujeito tenta amenizar um efeito súbito, constrangedor e pouco confortável, proveniente de sua própria enunciação, reportando-o – apesar de sua submissão flagrante à lógica da lesa-majestade – ao campo neutro *"das associações fortuitas de idéias"*. Assim também o supersticioso empenha-se em guardar a devida distância entre ele mesmo e seus enunciados (pensamentos, atos, condutas), fazendo subsumir o destino a tramas superiores e exteriores.

Uma passagem do livro dos chistes também nos faz pensar nessa dimensão da palavra como penhor ou voto de engajamento. FREUD faz notar que um chiste não pode ser explicado, pois, ao

sê-lo, deixa de existir enquanto tal. Quando alguém desfaz o trabalho lingüístico do qual é feito um chiste, na tentativa de torná-lo inteligível, despoja-o, simultaneamente, de sua característica essencial, que é a de provocar o riso. Os chistes lidam com a irreversibilidade de um "já dito" que não admite reparos ou retificações. O duplo efeito de "*desconcerto e esclarecimento*" deve ser preservado até o fim para que um chiste atinja seu propósito.

No caso dos chistes, parece comparecer a necessidade da ação do sentimento de convicção que comentávamos anteriormente. Esse sentimento, que confirma o surgimento de um novo sentido no discurso, não passa, entretanto, pelo entendimento ou conhecimento prévio do processo que deu origem ao resultado sempre extravagante decorrente dos chistes.

FREUD costumava advertir os que pretendiam praticar a Psicanálise sobre a pouca validade de fornecer para os clientes uma explicação a respeito das conquistas adquiridas por sua teoria. Essa precaução servia para manter afastado o método psicanalítico de uma crítica que sempre esteve na ordem do dia para seu criador: o problema da sugestionabilidade. Se se tratava de enquadrar a Psicanálise no campo da ciência, a sugestão só podia ser um obstáculo, pois trazia consigo o risco da arbitrariedade, inconveniente à dignidade de qualquer projeto científico.

Todavia, a tese geral construída pelos avanços teórico/clínicos segundo a qual, a existência do desejo recalcado no inconsciente estaria sempre justificando, em última instância,

o risco permanente dos deslizes verbais não faria sobreviver algo da ordem do sugestionável? Não seria justamente o apego freudiano a um ideal cientificista o que não lhe teria permitido renunciar a um rastreamento da origem do desejo ou prescindir de uma referência última que desse consistência a essa origem?

O recurso à filogênese expresso em "Totem e tabu" seria o exemplo por excelência da obstinação freudiana pela origem, pelo ponto de convergência que afinal explicaria o aparente caráter errático de toda a fala. Não é difícil depreender, dessa obra, a supervalorização do pai usufruidor de um gozo irrestrito, alvo da cobiça fálica dos filhos. Pensar que esse pai possa ter realmente existido seria definir um momento histórico privilegiado que pudesse, enfim, representar a própria realização do desejo.

O interessante em toda essa história, é que o ato fundamental que enfim libertaria os filhos da tirania paterna não atinge seu alvo:

"(...) o ato não pode ter dado uma satisfação completa àqueles que o cometeram. De certo ponto de vista, fora praticado em vão. Nenhum dos filhos, na realidade, pudera realizar seu desejo original - tomar o lugar do pai. E, como sabemos, o fracasso é muito mais próprio a uma reação moral que a satisfação".(105)

Se o ato inaugural pudesse ser pensado, como sendo, desde o início, um ato falho próprio da ordem moral, então o desejo não teria, propriamente, uma origem, nem um objeto que garantisse sua satisfação. A referência ao falo poderia ser entendida como um

organizador do desejo, que o leva sempre de encontro à mesma impossibilidade que o define, e não mais como sua substância nuclear.

As fantasias seriam entendidas como modos possíveis de organização da pulsão, construções simbólicas que dariam uma ancoragem (pontos de fixação) para o que há de excessivo em sua manifestação perversa, que ultrapassa os enquadramentos tradicionais da Anatomia e da Biologia. Para sustentar uma indeterminação própria da pulsão, cujos efeitos podem ser deduzidos e relacionados à natureza errante da linguagem humana, seria preciso deixar de supor um ponto de esgotamento para essa indeterminação, de maneira a conceber o fracasso como inerente a qualquer conduta moral.

Para assimilar o ato primordial a uma reação moral fracassada, ou seja, que implica, por definição, um desvio relativo ao alvo, dever-se-ia renunciar à tendência de dotá-lo de qualquer denominação específica. Nessa perspectiva, a linguagem não estaria sempre evocando uma referência inaugural, como por exemplo, o ato primordial da cópula seguido de um repertório significativo capaz de emitir diretamente a fruição da satisfação sexual.

Por mais que o encontro entre pulsão e cultura (ordem simbólica) se apresente como desencontro, já que a aliança simbólica entre os irmãos está condicionada a uma renúncia ao gozo pleno e irrestrito, FREUD não consegue desembaraçar-se de uma referência que, no limite, sirva de bússula para governar os efeitos enganadores da palavra. O desejo original, expresso nos termos da narrativa filogenética, "tomar o lugar do pai", deveria

ser mantido no horizonte, como uma meta, ainda que, a rigor, inexecutável.

A teoria do significante proposta por LACAN propicia uma saída para a circularidade típica, facilmente engendrada quando se trata de indagar os enigmas da origem.

Para esse autor, haveria uma falha, ao mesmo tempo estrutural e estruturante, no plano do registro simbólico, que não pode ser preenchida por qualquer artifício interpretativo que se oriente pela busca de um sentido primeiro.

Ao situar a falha na origem, LACAN vem dizimar a própria pergunta pela essência da origem. O significante não remete à coisa, mas ao contrário, na sua constante remissão para outros significantes, produz apenas novas reinscrições da mesma "falta a ser" (manque à être).

A nosso ver, a crítica endereçada a FREUD por LACAN no seminário "O avesso da psicanálise" (dessa vez direta e explícita), deve conservar seu valor e ser lida como uma crítica conseqüente.

Trata-se de questionar, precisamente, o extremo valor concedido por FREUD ao mito do pai primevo (106). LACAN deixa claro que sempre abordou o complexo de Édipo pela vertente da "metáfora paterna" e apressa-se em opor-se ao que ele denomina, sem qualquer clemência, de "palhaçada darwiniana" :

"O pai da horda - como se tivesse havido em algum momento o menor rastro do pai da horda. Viu-se orangotangos. Mas do pai da horda humana, jamais se viu o menor rastro. (...) Freud faz questão que isso seja

real. Mantém-se nisso. Ele escreveu todo Totem e tabu para dizer - isso aconteceu obrigatoriamente, foi daí que tudo partiu" (107)

O interesse de LACAN pelo uso freudiano do mito vai muito além da mera averiguação (como de hábito costumou-se fazer) da realidade das histórias escolhidas por seu interlocutor. Nesse caso, a pergunta de LACAN toca em aspectos preponderantes do pensamento de FREUD e poderia ser traduzida da seguinte maneira: por que eleger um ponto de onde tudo devesse partir?

O autor prossegue, elucidando sua posição teórica frente ao problema. Situa o pai real como impossível (p.108) e o caracteriza como um efeito da linguagem (109). O pai já é castrado desde o início, posto que também se submete aos efeitos da ordem simbólica e não há ato primordial que possa realizar-se fora dessa ordem:

"(...) se é verdade que só poderia haver ato num contexto já preenchido por tudo o que advém da incidência significante, da sua entrada no mundo, não poderia haver ato no começo, nenhum ato, em todo caso, que pudesse ser qualificado de assassinato. Aqui o mito não poderia ter outro sentido a não ser aquele ao qual o reduzi, o de um enunciado do impossível. Não poderia haver ato fora de um campo já tão completamente articulado que aí a lei não tivesse seu lugar." (110)

A questão do referente que sempre esteve na mira da investigação psicanalítica de FREUD - e expressou-se, ao longo de

seus escritos, em termos da busca dos fundamentos originários para os efeitos enigmáticos da linguagem - fica um tanto pulverizada com a contribuição de LACAN. Ele concebe a linguagem como um sistema, de acordo com a orientação estruturalista, e se mostra menos atento à sua capacidade de significar do que de estampar os furos que remetem, afinal, a uma impossibilidade radical de significação. Entretanto, na passagem de FREUD para Lacan, modificam-se os pressupostos filosóficos e as questões que se colocam são outras.

CONCLUSÃO

Nossa dissertação procurou explorar aspectos relacionados à função da fala na experiência psicanalítica enquanto prática clínica (que, em momentos diversos de sua história, acolheu de maneiras diferentes o discurso dos pacientes) e construto teórico (que não deixou de apoiar-se em certas concepções sobre a relação entre a linguagem e as coisas).

Mostramos como os primeiros procedimentos clínicos adotados por FREUD priorizavam uma dupla vertente de abordagem da fala na análise. Por um lado, destacava-se a função purgativa da palavra, a serviço da evocação de afetos; por outro, enfatizava-se sua função descritiva ao se supor, na origem do sintoma, uma cena, ao mesmo tempo real e universal, a ser atingida pela fala. Pode-se depreender, daí, o apelo a uma concepção realista e mentalista da linguagem. Haveria, supostamente, uma realidade dos processos psíquicos a ser referenciada pela fala e passível de ser orientada nessa direção.

Procuramos destacar (não só nesse período inicial da obra, como em momentos posteriores) o empenho de FREUD em pressupor uma origem precisa, que viesse, ao mesmo tempo, esclarecer e solucionar os enigmas das produções psíquicas. Mesmo depois de ter-se desvencilhado da crença na realidade da cena primordial, ele não se desembaraça da possibilidade de formular um momento inaugural que servisse de referente último para os tropeços da fala. Poderiam servir de exemplos para essa preocupação as teses sobre o simbolismo que desembocaram na pressuposição de um

sentido sexual original das palavras, e sobre o desenlace filogenético do desejo, desenvolvida em "Totem e tabu".

Ambos os desdobramentos apontam para a possibilidade de formular uma referência última para o desejo. Constituem formas de apresentação de situações ideais, em que o desejo pudesse surgir independente da lei que o condena à deformação. O primeiro sugere uma essência sexual inerente às palavras, o segundo, uma demarcação histórica que localiza o desejo do pai como medida do desejo humano.

Procuramos problematizar tal orientação, assumida por FREUD ao longo de sua obra, destacando pontos de tensão, no interior da mesma, que nos pudessem proporcionar outra maneira de pensar as relações existentes entre a linguagem e as coisas. Não se trata, no entanto, de presentear o autor com a boa teoria da linguagem (1) que ele deveria ter adotado.

A rigor, seria oportuno advertir, não se encontra, na obra de FREUD, nenhuma contradição decisiva que nos permita apontar uma ruptura fundamental com certos preceitos básicos que o orientaram, desde os primórdios de sua praxis, no trato com a linguagem e o uso da fala na análise. Digamos que o autor tenha permanecido fiel (ao menos nos limites da primeira tópica, período sobre o qual nos detivemos) a uma tradição de pensamento que julgou que a função exclusiva das palavras é sempre se referir às coisas.

Apenas pensamos ser possível explorar a fecundidade da obra freudiana nos pontos em que ela se mostra controversa e incerta, e permite um questionamento sobre a questão da referência e do

originário.

Para tanto, servimo-nos de três procedimentos básicos:

1. uma reflexão sobre o conceito de fantasia;
2. uma releitura do Édipo à luz desse conceito;
3. uma articulação entre palavra e ato, a partir da teoria dos lapsos.

FREUD, ao introduzir o conceito de fantasia, poderia ter dissipado, no plano dos processos inconscientes, a diferença clássica entre verdade e ficção e, ainda, notar que essa ficção era construída com restos da palavra ouvida. Assim, ele poderia estar criando novas bases para fundamentar sua teoria. Se o construto ficcional, por si só, engendra a possibilidade de se dizer algo sobre a verdade do sujeito, poder-se-ia prescindir de algo da ordem de uma origem imune às deformações e à toda forma de equivocação atribuída às manifestações do inconsciente. Não seria preciso querer varrer a ficção para encontrar uma verdade cristalina.

A construção do conceito de fantasia representou, certamente, um passo fundamental para poder se pensar o entrecruzamento entre Psicanálise e linguagem. Se se dissipar a oposição entre realidade psíquica e realidade material, não se estará mais orientado pela crença de que a linguagem se restringe ao cumprimento da função de referir-se ao mundo. Contudo, FREUD manteve a crença na existência de uma relação de correspondência entre palavras e coisas (no caso, para FREUD, sempre a coisa sexual).

Se o Édipo fosse pensado como uma fantasia ou teorização

fantasiosa em torno da noção de castração - e não como uma perda específica de um objeto a ser recuperado pela investida do desejo - poderia também deixar de ser pensado como fórmula explicativa universal, portadora de respostas pré-determinadas a respeito da formação de sintomas, lapsos, chistes, etc.

O Édipo seria, tão somente, uma maneira de retratar as relações da pulsão, cujos destinos não comportam soluções análogas às encontradas no plano instintual com as formas simbólicas da cultura, por meio das quais deve operar. Enquanto exigência permanente de trabalho,(2) a pulsão apresenta-se como um excesso que vem relativizar e problematizar a questão de sua satisfação sem correspondência com uma ação específica no mundo.

Nessa perspectiva, o Édipo poderia deixar de ser entendido como a fixação de uma medida comum que consolidaria a matriz explicativa de toda e qualquer ação humana, para ser concebido como a tentativa de dar uma forma ao confronto entre pulsão e os motivos morais que a determinam.

Uma vez sedimentado esse modo de leitura, torna-se possível esvaziar a própria fala proferida na análise de um substancialismo *a priori* que exceda sua enunciação.

A Psicanálise não precisaria contar com nada além da própria faculdade da fala de produzir interrogações para aquele que fala. Não seria preciso encontrar respostas determinadas para os constrangimentos freqüentes acarretados pelos lapsos, expressos sob a forma de um *"não foi isso que eu quis dizer"*, de maneira a sugerir a existência de processos mentais ocultos, indicadores de que sempre se está querendo dizer uma outra coisa.

Dissemos que a fala, na análise, pode ser apreendida no seu

valor de ato, na medida em que não se concebe o sujeito separadamente de seu discurso. O sujeito não seria aquele que se serve da linguagem para tornar públicos seus sentimentos e intenções, ou para empreender uma auto-reflexão e atingir um conhecimento de si mesmo.(3) é aquele a quem é dada a oportunidade de ser interrogado pelas contradições e paradoxos de sua fala. Esta seria uma maneira de colocar em suspeição a existência de realidades autônomas fornecedoras de explicações definitivas sobre os acontecimentos psíquicos. Em geral, o recurso a essas explicações conta com a eleição de agentes extra-subjetivos, tais como os neurotransmissores, a energia, o destino já traçado por alguém.

Devemos entender essa proposta como uma opção ética, nem melhor, nem mais correta ou mais digna que qualquer outra. Se assim não fosse, ela apenas figuraria como mais uma na lista das explicações globalizantes reivindicadoras de um poder de revelação da verdade.

A escrita desse trabalho nos possibilitou detectar a relevância do papel cumprido pela linguagem na psicanálise - tanto no âmbito teórico, onde é possível pensar a interpretação como um conceito articulado aos postulados metapsicológicos e não como uma técnica pura e simples, quanto no setor clínico, que sempre operou no campo estrito da enunciação discursiva. Contudo, foi possível também concluir que a linguagem para FREUD não é concebida como um sistema de oposição de signos, cuja inscrição precede e determina os modos de organização do inconsciente.

Caberia ainda ressaltar, que não nos propusemos a investigar

os destinos do conceito de interpretação nos escritos freudianos posteriores a 1920, - momento em que se formalizou e articulou o conceito de pulsão de morte. É possível que a introdução desse conceito não deixe intacta a concepção de linguagem até então adotada por FREUD, posto que cria novos impasses para a teoria. FREUD coloca explicitamente, no início da terceira seção de "Além do Princípio do Prazer", a questão sobre o que restaria de sua "arte interpretativa", uma vez que havia deparado-se com uma impossibilidade radical na produção de significações.(4)

Utilizamos a teorização lacaniana sobre a linguagem, em alguns pontos de nossa dissertação, mais como um contraponto que nos pudesse auxiliar na compreensão do encaminhamento concedido por FREUD à questão, do que como objeto direto de análise, o que demandaria uma atenção bem mais detalhada e específica de nossa parte. O contraste entre as duas posturas teóricas (FREUD E LACAN) no que concerne ao tema da linguagem, pode ser útil não somente para constatar os pontos de divergência entre elas, como também - e principalmente, para avaliar a importância e o valor, decorrentes do "retorno" a FREUD proposto pelo psicanalista francês.

NOTAS

1. FREUD, S. "A Interpretação dos Sonhos", ESB, vols.IV e V, p.89; AM, p.106.
2. O termo "trabalho" (ARBEIT) é usado por Freud não apenas em relação aos sonhos (TRAUMARBEIT) mas a outras manifestações do inconsciente tais como: chistes (WITZARBEIT), luto (TRAUERARBEIT).
3. Idem, ibidem, ESB, p.170; AM, p.177.
4. Idem, ibidem, ESB, p.104; AM, p.118 e segs.
5. Idem, ibidem, ESB, p.107; AM, p.121.
6. Idem, ibidem, ESB, p.111; AM, p.125.
7. Idem, ibidem, ESB, p.112; AM, p.126.
8. Idem, ibidem, ESB, p.299; AM, p.289.
9. Idem, ibidem, ESB, p.110; AM, p.124.
10. FREUD, S. "Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise", ESB, vol.XV, p.277; AM, p.212.
11. FREUD, S. "A Interpretação...", ESB, p.89; AM, p.107.
12. Idem, ibidem, ESB, p.295; AM, p.285.
13. DERRIDA, J. "Freud e a cena da escritura", op. cit., p.199.
14. Idem, ibidem, p.199.
15. FREUD, S. "A Interpretação...", op.cit., ESB, p.541; AM, p.502.
16. Idem, ibidem, ESB, p.296; AM, p.286.
17. DERRIDA, J. "Freud e a cena da escritura", op. cit., p.210.
18. FREUD, S. "A Interpretação...", op. cit., ESB, p.332; AM, p.317.

19. Idem, ibidem, ESB, p.332; AM, p.317.
20. Idem, ibidem, ESB, p.334; AM, p.320.
21. Idem, ibidem, ESB, p.312; AM, p.299.
22. Idem, ibidem, ESB, p.315; AM, p.302. A discussão sobre a existência ou não do «*não*» no inconsciente encontra destaque em obras posteriores: FREUD, S. "Conferências Introdutórias sobre Psicanálise", ESB, vol.XV; FREUD, S. "A Negativa", ESB, vol.XIX; FREUD, S. "A Significação Antitética das Palavras Primitivas", ESB, vol.XI.
23. Idem, ibidem, ESB, p.660; AM, p.608.
24. Idem, ibidem, ESB, p.113 e segs.; AM, p.127 e segs.
25. Idem, ibidem, ESB, p.315; AM, p.302.
26. FREUD, S. "Projeto...", op. cit., ESB, p.447; AM, p.384.
27. FREUD, S. "A Interpretação...", op. cit., ESB, p.533; AM, p.495.
28. Idem, ibidem, ESB, p.323; AM, p.309.
29. Idem, ibidem, ESB, p.541; AM, p.502.
30. FREUD, S. "Uma Nota Sobre o Inconsciente na Psicanálise". ESB, vol.XII, p.334; AM, p.277.
31. FREUD, S. "A Interpretação...", op. cit., ESB, p.571; AM, p.528.
32. Idem, ibidem, ESB, p.578 e segs.; AM, p.536 e segs.
33. Idem, ibidem, ESB, p.579; AM, p.536.
34. FREUD, S. "Projeto...", op. cit., ESB, p.463 e segs.; AM, p.400 e segs.
35. FREUD, S. "A Interpretação...", op.cit., ESB, p.584; AM, p.541.

36. Lacan examina o conceito freudiano de regressão fora da perspectiva desenvolvimentista e alega que este teria sido empregado por Freud de maneira secundária, como uma hipótese de trabalho que pudesse dar conta do caráter plástico das formações oníricas. O autor cita o psicanalista norte americano Hartman como um dos adeptos dessa leitura desenvolvimentista do pensamento de Freud. LACAN, J. **O Seminário**, livro 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987, p.172-180.
37. JONES, E. **Vida e Obra de Sigmund Freud**, op.cit., p.416 e segs.
38. FREUD, S. "A Interpretação...", op. cit., ESB, p.256; AM, p.252.
39. Idem, ibidem, ESB, p.383; AM, p.365.
40. FREUD, S. "Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise", ESB, vol. XV, p.182 ; AM, p.138.
41. Idem, ibidem, ESB, p.181-182; AM, p.138.
42. Idem, ibidem, ESB, p.180; AM, p.137.
43. Idem, ibidem, ESB, p.182; AM, p.139.
44. Idem, ibidem, ESB, p.199; AM, p.152.
45. LACAN, J. "Fonction et Champ de la Parole et du Langage en Psychanalyse". In: **écrits**. ed. Seuil, Paris, 1966, p.294.
46. LACAN, J. **O Seminário**. "A ética da Psicanálise". Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1991, p.201-208.
47. Idem, ibidem, p.207.
48. Idem, ibidem, p.208.
49. Émile Benveniste assinala, com espanto, a categoria inferior

do filólogo escolhido por Freud. Contudo, esse simples reconhecimento não avança muito a discussão quanto a saber os motivos da escolha freudiana. BENVENISTE, é. "Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana".

50. MASSON, J.M., **A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess**, op. cit., cartas de 3, 4 e 15 de outubro de 1897, p.268 - 273.

51. Idem, ibidem, carta de 15 de outubro de 1897, p. 273.

52. Idem, ibidem, carta de 20 de junho de 1898, p. 318 e segs.

53. FREUD, S. "Fragmento da Análise de um Caso de Histeria", ESB, vol. VII, p.13 e segs.; AM, p.7 e segs.

54. FREUD, S. "Romances Familiares", ESB, vol. IX, p. 243 e segs.; AM, p.217 e segs.

55. Idem, ibidem, ESB, p.243; AM, p.217.

56. Idem, ibidem, ESB, p.244-245; AM, p.218.

57. Idem, ibidem, ESB, p.245; AM, p.219.

58. Idem, ibidem, ESB, p.246; AM, p.220.

59. FREUD, S. "Sobre as Teorias Sexuais das Crianças", ESB, vol.IX, p.218; AM, p.192.

60. Idem, ibidem, ESB, p.216; AM, p.190.

61. FREUD, S. "Totem e Tabu", ESB, vol.XIII, p.20 e segs.; AM, p.11 e segs.

62. FREUD, S. "O Futuro de uma Ilusão", ESB, vol.XXI, p.57; AM, p.43.

63. JONES, E. **Vida e Obra...**, op. cit., p.473-478.

64. Elizabeth Roudinesco afirma que grande parte dessa crítica provinha de centros antropológicos anglo-saxões, que

protestavam contra a "extrapolação fantasística" freudiana. ROUDINESCO, E., Jacques Lacan – Esboço de uma Vida, História de um Sistema de Pensamento. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.216.

65. Paul-Laurent Assoun mostra que a sexologia é contemporânea da psicanálise e, de que maneira, a "ciência do sexo" esteve associada ao nome e à obra de Freud. Entretanto, assinala o autor, para a primeira, teria prevalecido o conceito de sexualidade genital, enquanto que para a psicanálise, há uma ampliação daquilo que se caracteriza como sexual. Ver: ASSOUN, P-L., O Freudismo. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991, p.55-57. Ver também, a respeito do pansexualismo: LAPLANCHE, J. Novos Fundamentos para a Psicanálise. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1987, p.68-69.
66. ASSOUN, P-L., Freud e Wittgenstein. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1990, p.200
67. FREUD, S. "Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise", ESB, vol.XV, p.41; AM, p.24.
68. FREUD, S. "A Psicopatologia da Vida Cotidiana", op. cit.
69. Idem, ibidem, ESB, p.85-86; AM, p.63-64.
70. Idem, ibidem, ESB, p.108; AM, p.83.
71. Idem, ibidem, ESB, p.308-309; AM, p.250-251.
72. FREUD, S. "Construções em Análise", ESB, vol.XXIII, p.300; AM, p.267. Maurice Dayan faz um rastreamento sobre o uso do termo *convicção* nos escritos freudianos e mostra, numa análise interessante, como esse conceito, aliado ao de *construção*, teria aberto novas perspectivas para o dispositivo

- psicanalítico, uma vez que sua aplicação poderia contornar os impasses trazidos pela teoria da rememoração. DAYAN, M. **Inconscient et Réalité**. Paris: PUF, 1985, p.400-424.
- 73.FREUD, S. "Construções...", ESB, p.303; AM, p.269.
- 74.FREUD, S. "Notas Sobre Um Caso De Neurose Obsessiva", ESB, vol.X, p.159 e segs.; AM, p.123 e segs.
- 75.Idem, ibidem, ESB, p.182; AM, p.142.
- 76.FREUD, S. "A Interpretação...", op. cit., ESB, p.658; AM, p.607.
- 77.FREUD, S. "A Psicopatologia...", op.cit., ESB, p.84, AM, p.62.
- 78.FREUD, S. "Os Chistes e Sua Relação Com o Inconsciente", ESB, vol.VIII, p.21 e segs.; AM, p.11 e segs.
- 79.Idem, ibidem, ESB, p.50; AM, p.35.
- 80.Idem, ibidem, ESB, p.178; AM, p.146-147.
- 81.Idem, ibidem, ESB, p.224; AM, p.187.
- 82.FREUD, S. "Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise", ESB, vol.XVI, p.439; AM, p.343.
- 83.Idem, ibidem, ESB, p.439; AM, p.343.
- 84.FREUD, S. "Escritores Criativos e Devaneio", ESB, vol.IX, p.158; AM, p.135.
- 85.FREUD, S. "Os Chistes...", op.cit., ESB, p.166-167; AM, p.137.
- 86.Idem, ibidem, ESB, p.179; AM, p.147-148.
- 87.FREUD, S. "A Psicoterapia da Histeria", op. cit., ESB, p.360-361; AM, p.307.
- 88.FREUD, S. "A Interpretação ...", op. cit., ESB, vol.V, p.599; AM, p.554.
- 89.FREUD, S. "A Dinâmica da Transferência", ESB, vol.XII, p.135;

- AM, p.99.
- 90.FREUD, S. "Observações Sobre o Amor Transferencial", ESB, vol.XII, p.208 e segs; AM, p.163 e segs.
- 91.Idem, ibidem, ESB, p.216; AM, p.169.
- 92.FREUD, S. "A Psicoterapia...", op. cit., ESB, p.361; AM, p.308.
- 93.FORRESTER, J. **Seduções da Psicanálise**, op. cit., cap.IV, p.95 e segs.
- 94.Idem, ibidem, p.125.
- 95.LALANDE, A. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. Trad. Fátima Sá Correia, Maria Emília Aguiar, José Eduardo Torres e Maria Gorete de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.12-16.
- 96.MASSON, J.M., **A Correspondência...**, op.cit., carta de 6 de dezembro de 1896, p.213-214.(os grifos são do autor).
- 97.AUSTIN, J.L., **Quando Dizer é Fazer**. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- 98.Idem, ibidem, p.89.
- 99.Idem, ibidem, p.16.
- 100 Idem, ibidem, p.50.
- 101 DERRIDA, J. **Limited Inc.**. Trad. Constança Marcondes Cezar. Campinas: Papirus, 1991, p.29.
- 102 Quando, em seus artigos sobre a técnica analítica, Freud apresenta a "regra fundamental" da análise, da qual nenhum analista deve se furtar, adverte, em nota de rodapé, sobre as dificuldades de sua aplicação e chega a reconhecer a impossibilidade de seu estabelecimento integral. FREUD, S. "Sobre o Início do Tratamento", ESB, vol.XII, p.177-179; AM,

p.136-137.

103 AUSTIN, J.L., *Quando Dizer....*, op. cit., p.27.

104 FORRESTER, J. *As Seduções....*, op.cit., p.107.

105 .FREUD, S. "Totem e Tabu", op. cit., ESB, p.171; AM, p.145.

106 LACAN, J. *O Seminário. "O avesso da psicanálise"*. Trad. Ari
Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1992, p.94 e segs.

107.Idem, *ibidem*, p.105.

108.Idem, *ibidem*, p.121.

109.Idem, *ibidem*, p.120.

110.Idem, *ibidem*, p.122.

NOTAS (Conclusão)

1. PRADO JR., B. "Auto-reflexão, ou interpretação sem sujeito? Habermas intérprete de Freud." In: **Discurso**, nº14. São Paulo: Ed. Polis, 1983, p.60.
2. De acordo com a definição de pulsão proposta por Freud em 1915. FREUD, S. "Os instintos e suas vicissitudes", ESB, vol.XIV.
3. PRADO JR., B. op. cit., p.56.

BIBLIOGRAFIA

- ASSOUN, P-L. O freudismo. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.
- ASSOUN, P-L. Freud e Wittgenstein. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1990.
- ASSOUN, P-L. Introdução à epistemologia freudiana. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- AUSTIN, J.L. Quando dizer é fazer. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BIRMAN, J. Ensaio de teoria Psicanalítica. Parte 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- BOUVERESSE, J. Philosophie, mytologie et pseudo-science. Wittgenstein lecteur de Freud. Combas: Editions de l' éclat, 1991.
- BREUER, J. "Fraulein Anna O' ". In: FREUD, S. "Estudos sobre a histeria". Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud . Rio de Janeiro: Imago, [s.d.].
- CHATELET, F. História da filosofia. Idéias, doutrina. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1974.
- DAYAN, M. Inconscient et réalité . Paris: PUF., 1985.
- DERRIDA, J. "Freud e a cena da escritura". In: A escritura e a

diferença . São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.

DERRIDA, J. Limited INC. Trad. Constança Marcondes Cezar.
Campinas: Papirus, 1991.

DOSSE, F. História do estruturalismo . Trad. Alvaro Cabral.
Campinas : Ed. Unicamp, 1994.

FORRESTER, J. A linguagem e as origens da psicanálise. Trad.
Ernani Pavanelli de Moura. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

FORRESTER, J. Seduções da psicanálise. Trad. Marcos S. Nobre.
Campinas: Papirus, 1990.

FOUCAULT, M. "A vontade de saber". In: História da Sexualidade.
Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e Guilhaon de
Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FREUD, S. Contribution à la conception des aphasies. Trad. para o
francês, Claude Van Reeth. Paris: PUF, 1983.

FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas
de. Rio de Janeiro: Imago, [s.d]*

----- "Histeria" (1888), ESB, vol.I. "Histeria", AM,
vol.I.

* A seguir listaremos os textos retirados desta ESB - e seus

respectivos volumes - e seu correspondente em castellano.

FREUD, S. "Prefácio à tradução de *suggestion*, de Bernheim" (1888[1889]), ESB, vol.I. "Prólogo a la traducción de H. Bernheim, *De La Suggestion*", AM, vol.I.

----- "Resenha de hipnotismo, de August Forel" (1889), ESB, vol.I. "Reseña de August Forel, *Der Hypnotismus*", AM, vol.I.

----- "Hipnose" (1891), ESB, vol.I. "Hipnosis", AM, vol.I.

----- "Alguns pontos para o estudo comparativo das paralisias motoras e histéricas" (1893[1888-1893]), ESB, vol.I. "Algunas consideraciones con miras a un estudio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e histéricas", AM, vol.I.

----- "Sobre o mecanismo psíquico dos fenómenos histéricos" (1893), ESB, vol.II. "Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos: comunicación preliminar (Breuer y Freud), AM, vol.II.

----- "Estudos sobre a histeria" (1893-1895), parte II (casos clínicos - Breuer y Freud), ESB, vol.II. "Estudios sobre la histeria" (historiales clínicos), AM, vol.II.

----- "Sobre o mecanismo psíquico dos fenómenos histéricos: Uma conferência" (1893), ESB, vol.III. "Sobre el mecanismo

- psíquico de fenômenos histéricos", AM, vol.III.
- FREUD, S. "As neuropsicoses de defesa" (1894), ESB, vol.III.
 "Las neuropsicoses de defensa", AM, vol.III.
- "A psicoterapia da histeria" (1895), ESB, vol.II.
 "Sobre la psicoterapia de la histeria", AM, vol.II.
- "Projeto para uma psicologia científica" (1950[1895]),
 ESB, vol.I. "Proyecto de psicología", AM, vol.I.
- "A etiologia da histeria" (1896), ESB, vol.III. "La
 etiologia de la histeria", AM, vol.III.
- "O mecanismo psíquico do esquecimento" (1898), ESB,
 vol.III. "Sobre el mecanismo psíquico de la
 desmemoria"(1898), AM, vol.III.
- "Lembranças encobridoras" (1899), ESB, vol.III.
 "Sobre los recuerdos encubridores", AM, vol.III.
- "A interpretação dos sonhos" (1900), ESB, vols.IV e V.
 "La interpretación de los sueños", AM, vols. IV e V.
- "Fragmento da análise de um caso de histeria"
 (1905[1901]), ESB, vol. VII. "Fragmento de análisis de un
 caso de histeria", AM, vol. VII.
- "A psicopatologia da vida cotidiana" (1901), ESB,
 vol.VI. "Psicopatología de la vida cotidiana", AM, vol.VI.
- "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905),

- ESB, vol.VII. "Tres ensayos de teoria sexual", AM, vol.VII.
- FREUD, S. "Os chistes e sua relação com o inconsciente" (1905),
ESB, vol. VIII. "El chiste y su relación con lo
inconsciente", AM, vol.VIII.
- "O esclarecimento sexual das crianças" (1907), ESB,
vol.IX. "El esclarecimento sexual del niño", AM, vol.IX.
- "Escritores criativos e devaneio" (1908[1907]), ESB,
vol.IX. "El creador literário y el fantaseo", AM,
vol.IX.
- " Sobre as teorias sexuais das crianças" (1908), ESB,
vol.IX. "Sobre las teorias sexuales infantiles", AM, vol.IX.
- "Romances familiares" (1909[1908]), ESB, vol.IX. "La
novela familiar de los neuróticos", AM, vol.IX.
- "Notas sobre um caso de neurose obsessiva" (1909),
ESB, vol.X. "A propósito de un caso de neurosis obsesiva, AM,
vol.X.
- "A significação antitética das palavras primitivas"
(1910), ESB, vol.XI. "Sobre el sentido antitético de las
palabras primitivas", AM, vol.XI.
- "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento
mental" (1911), ESB, vol.XII. "Formulaciones sobre los dos
principios del acaecer psíquico", AM, vol.XII.
- "Nota psicanalítica sobre um relato autobiográfico de
um caso de paranóia" (1911), ESB, vol.XII. "Puntualizaciones

psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (demencia paranoides) descrito autobiográficamente", AM, vol.XII.

FREUD, S. "A dinâmica da transferência" (1912), ESB, vol.XII.

"Sobre la dinámica de la transferencia", AM, vol.XII.

----- "Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise" (1912), ESB, vol.XII. "Nota sobre el concepto de lo inconsciente en psicoanálisis", AM, vol.XII.

----- "Sobre o início do tratamento" (1913), ESB, vol.XII. "Sobre la iniciación del tratamiento", AM, vol.XII.

----- "Totem e tabu" (1913[1912-13]), ESB, vol.XIII. "Tótem y tabú", AM, vol.XIII.

----- "Observações sobre o amor transferencial" (1915), ESB, vol.XII. "Puntualizaciones sobre el amor de transferencia", AM, vol.XII.

----- "O inconsciente" (1915), ESB, vol.XIV. "Lo inconsciente", AM, vol.XIV.

----- "Os instintos e suas vicissitudes" (1915), ESB, vol.XIV. "Pulsiones y destinos de pulsión", AM, vol.XIV

----- "Conferências introdutórias sobre psicanálise" (1916-17[1915-17]), ESB, vol.XV. "Conferencias de introducción al psicoanálisis", AM, vol.XV.

----- "Conferências introdutórias sobre psicanálise" (1917[1916-17]), ESB, vol.XVI. "Conferencias de introducción

- al psicoanálisis", AM, vol.XVI.
- FREUD, S. "Uma criança é espancada" (1919), ESB, vol.XVII.
- "Pegan a un niño", AM, vol.XVII.
- "Observação sobre a teoria e a prática da interpretação dos sonhos" (1923[1922]), ESB, vol.XIX. "Observaciones sobre la teoría y la práctica de la interpretación de los sueños", AM, vol.XIX.
- "A negativa" (1925), ESB, vol.XIX. "La negación", AM, vol.XIX.
- "O futuro de uma ilusão" (1927), ESB, vol.XXI. "El porvenir de una ilusión", AM, vol.XXI.
- "Construções em análise" (1937), ESB, vol.XXIII. "Construcciones en el análisis", AM, vol.XXIII.
- GABBI JR., O.F. "Sobre a concepção da afasia e da histeria". In: (Prado Jr., B. [org.]). Filosofia da psicanálise. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- GABBI JR., O.F. Freud: racionalidade, sentido e referência. No prelo.
- JONES, E. A vida e a obra de Sigmund Freud. Org. e resumo, Lionel Trilling e Steven Marcus. Trad. Marco Aurélio de Moura Mattos. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1975.
- LACAN, J. "Fonction et champ de la parolee et du langage en psychanalyse". In: écrits. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, J. "L' instance de la lettre dans l' inconscient".

In: écrits. op. cit.

LACAN, J. O seminário. Livro 2: "O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise". Trad. Marie Cristine Laznik Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

LACAN, J. O seminário . Livro 7: "A ética da psicanálise". Trad. Antonio Quinet. Rio de Janeiro: JZ ed., 1988.

LACAN, J. O seminário . Livro 17: "O avesso da psicanálise". Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro: JZ ed., 1992.

LALANDE, A. Vocabulário técnico e crítico da filosofia. Trad. Fátima Sá Correia e als. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B. Vocabulário de psicanálise. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

----- Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia . Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

LAPLANCHE, J. Teoria da sedução generalizada. Trad. Doris Vasconcellos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

----- "Traumatismo, tradução, transferência e outros tran(es)". In: Teoria da sedução generalizada. Trad. Doris Vasconcellos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

- Novos fundamentos para a psicanálise. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1987
- MASSON, J.M. A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- PRADO JR., B. "Auto-reflexão, ou interpretação sem sujeito? Habermas intérprete de Freud". In: Discurso nº14. São Paulo: Ed. Polis, 1983.
- ROUDINESCO, E. Jacques Lacan - Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- SAUSSURE, F. Curso de lingüística geral. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye. Trad. Antônio Chelini. São Paulo: Cultrix, 1988.
- WITTGENSTEIN, L. "Conversações sobre Freud". In: Estética, Psicologia, Religião. Org. Cyril Barret. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.